



ECONOMIA

A474e Alves, Christiane Maria Souza
Economia. / Christiane Maria Souza Alves; Giani Cláudia Setto
Vieira; Luis Felipe Gramantieri de Tolentino (col.). 2.ed. Muriaé:
FAMINAS, 2015.
120 p.

ISBN: 978-65-89983-21-7

1. Economia. I. Alves, Christiane Maria Souza. II. Vieira, Giani
Cláudia Setto. III. Tolentino, Luis Felipe Gramantieri de (col.).
IV. Título.

CDD 330

Sumário

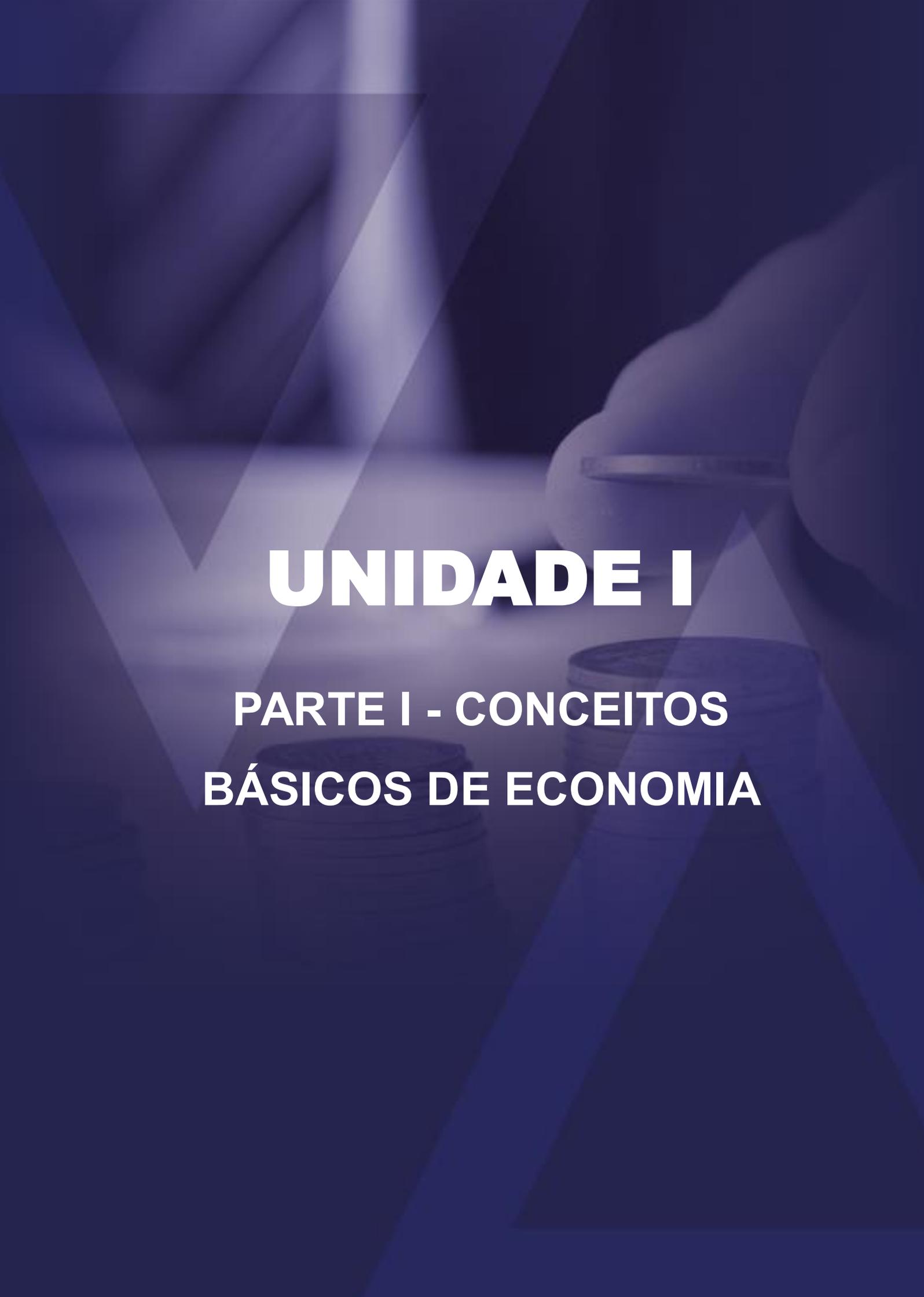
UNIDADE I	8
PARTE I - CONCEITOS BÁSICOS DE ECONOMIA	8
OBJETIVO	9
CONCEITOS BÁSICOS DE ECONOMIA	9
CONCEITOS INTRODUTÓRIOS: CONSIDERAÇÕES GERAIS	9
EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO DO OBJETO DA ECONOMIA	13
O QUE É A ECONOMIA	15
NECESSIDADES HUMANAS	15
RECURSOS	16
DIFERENCIANDO	18
BENS	18
SERVIÇOS	19
O PROBLEMA ECONÔMICO	20
ESCASSEZ	20
A TRÍADE DO PROBLEMA ECONÔMICO	20
RESUMINDO	22
LEITURA COMPLEMENTAR	23
INDICAÇÃO DE VÍDEO	23
UNIDADE I	24
PARTE II – CONCEITOS BÁSICOS DE ECONOMIA	24
OBJETIVOS	25
CONCEITOS INTRODUTÓRIOS: CONSIDERAÇÕES GERAIS	25
SISTEMA CAPITALISTA, OU ECONOMIA DE MERCADO	25
SISTEMA SOCIALISTA OU ECONOMIA CENTRALIZADA	26
DICA DE LEITURA	27
EXTERNALIDADES	27
REFLEXÃO	28

CLASSIFICAÇÃO DOS SETORES ECONÔMICOS.....	28
CURVA DE TRANSFORMAÇÃO E CUSTO DE OPORTUNIDADE	29
CURVA (FRONTEIRA) DE POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO.....	30
FLUXO CIRCULAR DE RENDA (FLUXO REAL MAIS MONETÁRIO).....	32
RESUMO DA UNIDADE.....	33
UNIDADE II.....	35
EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ECONÔMICO	35
OBJETIVO	36
MERCANTILISMO: PRIMEIRA ESCOLHA ECONÔMICA.....	36
FISIOCRACIA (REGRAS DA NATUREZA)	36
JEAN BAPTISTE SAY.....	37
RESOLUÇÃO KEYNESIANA	37
NEOLIBERALISTA ECONÔMICO.....	37
OS CRÍTICOS – MARXISTAS.....	38
SUGESTÃO DE VÍDEO	38
SUGESTÃO DE LIVRO.....	39
RESUMO DA UNIDADE.....	39
UNIDADE II.....	41
PARTE II – A IMPORTANCIA DA MOEDA.....	41
OBJETIVOS	42
MOEDA.....	42
OFERTA DE MOEDA.....	44
DEMANDA POR MOEDA.....	45
MONETIZAÇÃO E DESMONETIZAÇÃO DA ECONOMIA	46
RESUMO DA UNIDADE.....	47
UNIDADE III.....	48
DEFINIÇÃO BÁSICA DE MICRO E MACROECONOMIA	48
OBJETIVO	49
MICROECONOMIA.....	49

MACROECONOMIA	50
DEMANDA	51
TIPOS DE PRODUTOS	51
LEI DA DEMANDA	51
TIPOS DE DEMANDA	52
LEI DA OFERTA	53
EQUILÍBRIO DE MERCADO	53
MODELO DE OFERTAS	55
FATORES QUE INFLUENCIAM A OFERTA	55
TIPOS DE OFERTA	56
RESUMO DA UNIDADE	57
SUGESTÃO DE LIVRO	58
SUGESTÃO DE VÍDEO	58
ESTRUTURAS DE MERCADO	59
OBJETIVOS	60
MERCADO	60
LEI DA OFERTA E DEMANDA E A DETERMINAÇÃO DE PREÇOS NO MERCADO ...	60
ESTRUTURA DE MERCADO	62
MONOPÓLIO	64
OLIGOPÓLIO	65
CONCORRÊNCIA MONOPOLISTA OU IMPERFEITA	67
MONOPSÔNIO E OLIGOPSÔNIO	68
RESUMO DA UNIDADE	69
SUGESTÃO DE LIVRO	70
ESTUDO DE CASO	71
MONOPÓLIO	72
RESUMO DA UNIDADE	73
INDICAÇÃO DE VÍDEO	73
UNIDADE IV	74

INFLAÇÃO	74
OBJETIVO	75
INFLAÇÃO	75
TIPO DE INFLAÇÃO	75
DISTORÇÕES PROVOCADAS POR ELEVADAS TAXA DE INFLAÇÃO.....	78
O CÁLCULO DA INFLAÇÃO	79
SUGESTÃO DE LIVRO	80
RESUMO DA UNIDADE.....	80
POLÍTICAS MACROECONÔMICAS	81
OBJETIVOS	82
POLÍTICAS MACROECONÔMICAS	82
POLÍTICA MONETÁRIA.....	83
POLÍTICA FISCAL	85
SUGESTÃO DE LEITURA	87
DIFERENCIANDO.....	87
RESUMO DA UNIDADE.....	88
UNIDADE V	89
TAXA DE CÂMBIO.....	89
OBJETIVOS	90
TAXA DE CÂMBIO.....	90
REGIMES CAMBIAIS FLUTUANTES.....	92
REGIME CAMBIAL FIXO	92
CURIOSIDADES	93
BALANÇA COMERCIAL	93
FORÇA DE TRABALHO.....	95
TAXA DE DESEMPREGO	96
TIPOS DE DESEMPREGO	97
POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA.....	98
RESUMO DA UNIDADE.....	99

CONTABILIDADE NACIONAL	100
OBJETIVOS	101
CONTABILIDADE SOCIAL	101
MACROECONOMIA	101
AGREGADOS ECONÔMICOS.....	101
DEMANDA AGREGADA	102
PRINCIPAIS AGREGADOS MACROECONÔMICOS.....	102
SUGESTÃO DE LEITURA	105
PIB NOMINAL	106
PIB REAL.....	106
PRODUTO NACIONAL BRUTO.....	106
PRODUTO NACIONAL LÍQUIDO.....	107
IMPOSTOS INDIRETOS	107
IMPOSTOS DIRETOS.....	108
RENDA LÍQUIDA ENVIADA AO EXTERIOR.....	108
PRODUTO INTERNO LÍQUIDO	109
RENDA NACIONAL LÍQUIDA	110
PIB PER CAPITA	110
CRESCIMENTO ECONÔMICO.....	111
INDICAÇÃO DE VÍDEO	113
RESUMO DA UNIDADE.....	114
UNIDADE VI.....	116
BALANÇA DE PAGAMENTOS.....	116
OBJETIVOS	117
O QUE É BALANÇA DE PAGAMENTOS.....	117
INDICAÇÃO DE VÍDEO	118
SALDO DA BALANÇA DE PAGAMENTOS.....	118
REFERÊNCIAS.....	120



UNIDADE I

**PARTE I - CONCEITOS
BÁSICOS DE ECONOMIA**



OBJETIVO

Neste tópico vamos abordar as principais Escolas do Pensamento Econômico e sua evolução no contexto econômico global, para um melhor entendimento da economia no cenário atual.

Segundo Vasconcellos e Garcia (2003, p. 14), existem consenso de que a Teoria Econômica de forma sistematizada, iniciou-se quando foi publicada a obra de Adam Smith, A riqueza das nações, em 1776. A atividade econômica era estudada como parte integrante da Filosofia Social, da Moral e da Ética. A economia deveria se orientar de acordo com alguns princípios gerais da ética, justiça e igualdade.

CONCEITOS BÁSICOS DE ECONOMIA

Objetivos:

- ✦ Apresentar os problemas econômicos básicos da teoria econômica, para a compreensão dos principais fatos econômicos e características atuais da economia brasileira.
- ✦ Analisar a Economia como ciência social, bem como sua relação com as demais áreas de conhecimento, para o entendimento das mudanças econômicas de mercado e seus impactos na economia capitalista.
- ✦ Proporcionar uma visão global do sistema econômico, distinguindo o sistema capitalista e centralizado, para a análise das causas e consequências dos fenômenos econômicos.

CONCEITOS INTRODUTÓRIOS: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Por que estudar a economia?
O que é economia?
Do que se trata a economia?
Por que eu tenho que estudar economia?

Hoje, mais do que nunca é necessário ter conhecimentos básicos sobre temas econômicos, como, por exemplo: inflação, taxa de câmbio, taxa de juros, emprego e desemprego, crescimento e desenvolvimento econômico, nível geral de preços, renda nacional etc. Esses temas têm importância fundamental no dia a dia das empresas, dos negócios e inclusive pessoal. Nos jornais, televisão e rádio são frequentes encontrar temas econômicos que interferem na nossa vida em particular e na sociedade em geral. Os temas: aumentos de preços, crescimento econômico, desemprego, diferenças salariais, balanço de pagamentos, valorização da taxa de câmbio, dívida externa, distribuição de renda, taxas de juros, subsídios, tarifas, impostos entre outros, estão diretamente ligados à atividade das empresas e de toda sociedade.

Assim, estudar **economia** é importante, pois, pode possibilitar maior conhecimento sobre assuntos que interferem no nosso cotidiano, além de auxiliar na tomada de decisões racionais sobre determinadas questões.

Tenho certeza que, você está inteirado sobre os impactos que o acirramento do processo de globalização, a escassez e o encarecimento de recursos disponíveis para as empresas. Dessa forma, o planejamento e a agilidade nas tomadas de decisões podem fazer a diferença entre o sucesso e o fracasso do seu empreendimento, empresa ou gestão da sua carreira. Embora algumas pessoas pensem que a economia é uma ciência exata, ela é uma ciência humana, pois, sua principal preocupação é atender as necessidades humanas. Como essas necessidades são infinitas ou ilimitadas e insaciáveis e os recursos para atendê-las são escassos ou limitados, a economia surge no século XVIII para solucionar esse problema. Ou seja, tentar equilibrar a alocação dos recursos escassos para a satisfação das necessidades humanas ilimitadas.

A palavra economia originou das palavras: *Ekos* = casa e *nomia* = organização. Assim, a palavra economia significa organização da casa que deve ser entendida aqui em sentido amplo, e não apenas como espaço físico.

"A economia estuda a forma pela qual os indivíduos e a sociedade fazem suas escolhas e tomam decisões, para que os recursos disponíveis, sempre escassos, possam contribuir da melhor maneira para satisfazer as necessidades individuais e coletivas da sociedade."
(TROSTER; MOCHON, 1999, p.5).

Então, vamos ler uma definição, um pouco mais formal, sobre economia, elaborado por dois teóricos no assunto. Segundo os autores:

Note na definição acima que a “Economia” leva em conta alguns conceitos fundamentais na atividade de administrar:

- **Necessidades** de bens e serviços,
- **Produção** de bens e serviços,
- A **escassez** de bens e serviços para satisfazer as necessidades humanas, e
- O **custo de oportunidade** (alternativas de alocação dos recursos).

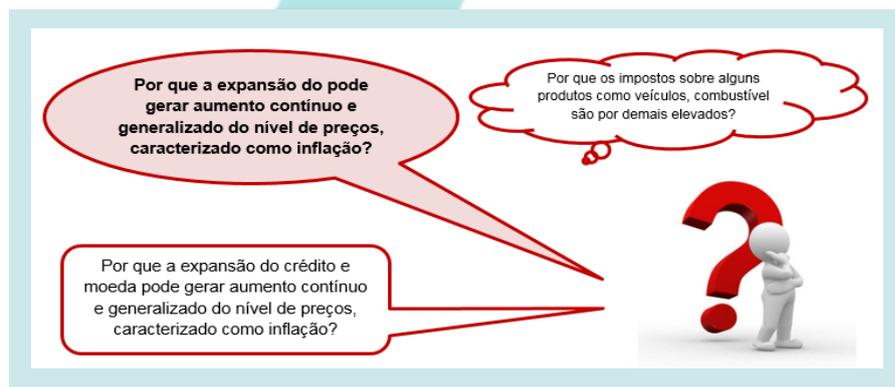
Não temos necessidade de nos alimentar um dia e no outro não, temos a necessidade de “comer” todos os dias. Logo, essa necessidade é uma necessidade ilimitada do ser humano, e o papel da economia é manter essa boa alimentação acessível ao ser humano. Outro exemplo da economia bem recente foi o racionamento de energia da década de 90, vocês se lembram? A medida na época foi uma medida econômica, vamos à explicação: Nessa época ocorria uma escassez de chuvas, a geração de energia ficou comprometida devido à diminuição dos níveis de água dos reservatórios das hidrelétricas.

Para que os seres humanos utilizassem essa energia de maneira racional e não ocorresse a ameaça de uma produção mínima de energia, durante o período de escassez de chuvas, a produção de energia durante este período deveria diminuir até que os níveis das hidrelétricas voltassem ao normal.

Foram estipuladas cotas de utilização de energia, pagamentos e até suspensão do fornecimento de luz para aqueles que descumprissem as normas. Por que essa medida foi econômica? Porque visava manter o fornecimento de energia para todos durante aquele período, através de uma elevação dos custos na utilização dessa energia as pessoas passariam a usar esse recurso de maneira mais racional.

Como a chuva é um recurso natural e ainda não descobrimos como produzir chuva, criou-se uma medida econômica visando solucionar esse problema vivemos atualmente um cenário parecido, não é mesmo! Outro exemplo atual é o horário de Verão, uma medida que visa a economia de energia também e será que essa medida realmente tem impacto na economia?

Os problemas econômicos fazem parte do nosso contexto, envolvendo assuntos rotineiros como questões mais complexas. Você já parou para pensar em:



Bem, as repostas a estas indagações você terá após a compreensão de alguns conceitos fundamentais da economia que, veremos mais detalhadamente a seguir. Enquanto isso, leia o texto abaixo. Nele, você encontrará algumas pistas que o ajudará a estabelecer algumas hipóteses sobre as indagações acima.

Acredito que você já deva estar começando a compreender melhor as razões para as altas dos preços que ocorrem em nosso país e no mundo, não é!? Que bom, então espero você no Fórum Tira Dúvidas para que, possamos juntos chegar possíveis respostas para as causas e ou as consequências desses fenômenos.

Então, não perca tempo! Aguardo a sua colaboração.

Mas, antes leia a seguir sobre o objeto da economia e veja como esses conceitos poderão contribuir para a nossa discussão no Fórum.

Necessidade e desejos

A economia estuda a relação que os homens têm entre si na produção de bens e serviços necessários à satisfação das necessidades da sociedade.

Na sociedade moderna, os desejos e necessidades são, em geral, mais amplos do que a disponibilidades de recursos de produção (ou fatores de produção). Isto equivale dizer que não existe limites *a priori* para os desejos e necessidades humanas frente às claras limitações à produção dos bens e serviços necessários ao atendimento destes desejos. Ou seja, a economia está preocupada com a utilização dos recursos escassos pelos seres humanos. Esses recursos escassos, que são denominados recursos econômicos, devem estar disponíveis em uma quantidade mínima para a produção de bens e serviços para os seres humanos e para satisfazer as necessidades humanas.

Texto adaptado. SANDOVAL, A. M. e PINHO, B. D. **Manual de economia**: equipe de professores da USP. São Paulo: Saraiva, 2005.

OBJETIVO DA ECONOMIA



Dicotomia

É a divisão em duas partes, geralmente que se opõem.

O objeto da economia também evoluiu historicamente, desde as primeiras escolas econômicas do século XVIII até os dias atuais. O objeto central da Economia Contemporânea mante-se ligado a dicotomia entre recursos escassos e necessidades ilimitadas.

Após a 2ª Guerra Mundial o **OBJETO** da economia passa a ser estabelecido pelo exame das condições necessárias à promoção do desenvolvimento econômico das nações. Na **ECONOMIA MODERNA** o objetivo é promover simultaneamente o progresso e a satisfação de produção, ou seja, desenvolvimento e repartição.

EVOLUÇÃO DO SIGNIFICADO DO OBJETO DA ECONOMIA

O quadro abaixo apresenta a mudança do objeto da economia desde o século XVIII até os dias atuais.

SÉCULO XVIII	SÉCULO XIX	MODERNIDADE
Formação da Riqueza	Repartição da Riqueza	Objeto Duplo: <ul style="list-style-type: none">• Estudo das flutuações da atividade econômica e da promoção do desenvolvimento; e• Investigação sobre a repartição da riqueza.

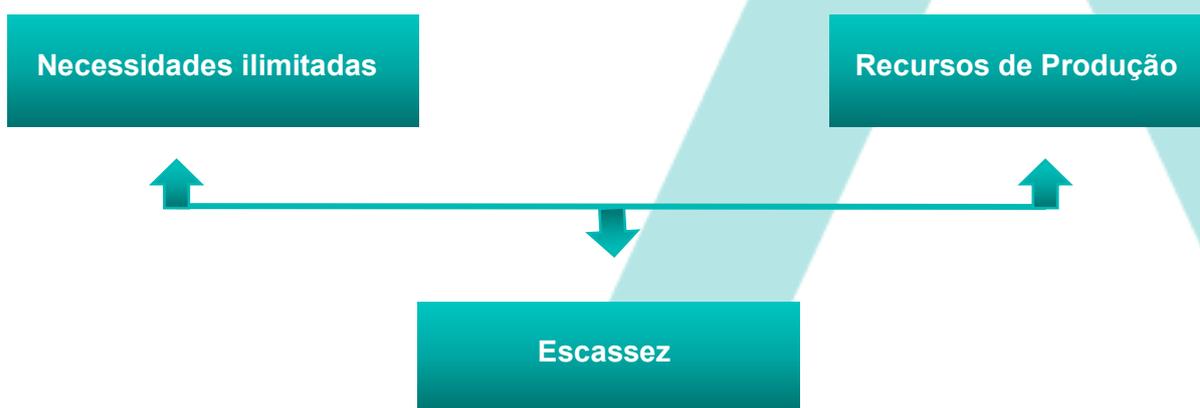
Na atualidade, portanto, o objeto da economia é a escassez. Por isso, essa ciência se preocupa tanto com a alocação dos recursos escassos, para a satisfação das necessidades humanas que são ilimitadas. Assim, entende-se que O objetivo principal da economia será equacionar a seguinte premissa:

“Os recursos são limitados e as necessidades humanas são ilimitadas.”

A maioria das questões importantes de nosso tempo, como inflação, desemprego, cuidados de saúde, reforma tributária, pobreza e desigualdade, poluição, regulação governamental, dentre outros, está arraigada no único desafio de se utilizarem recursos escassos de forma eficiente.

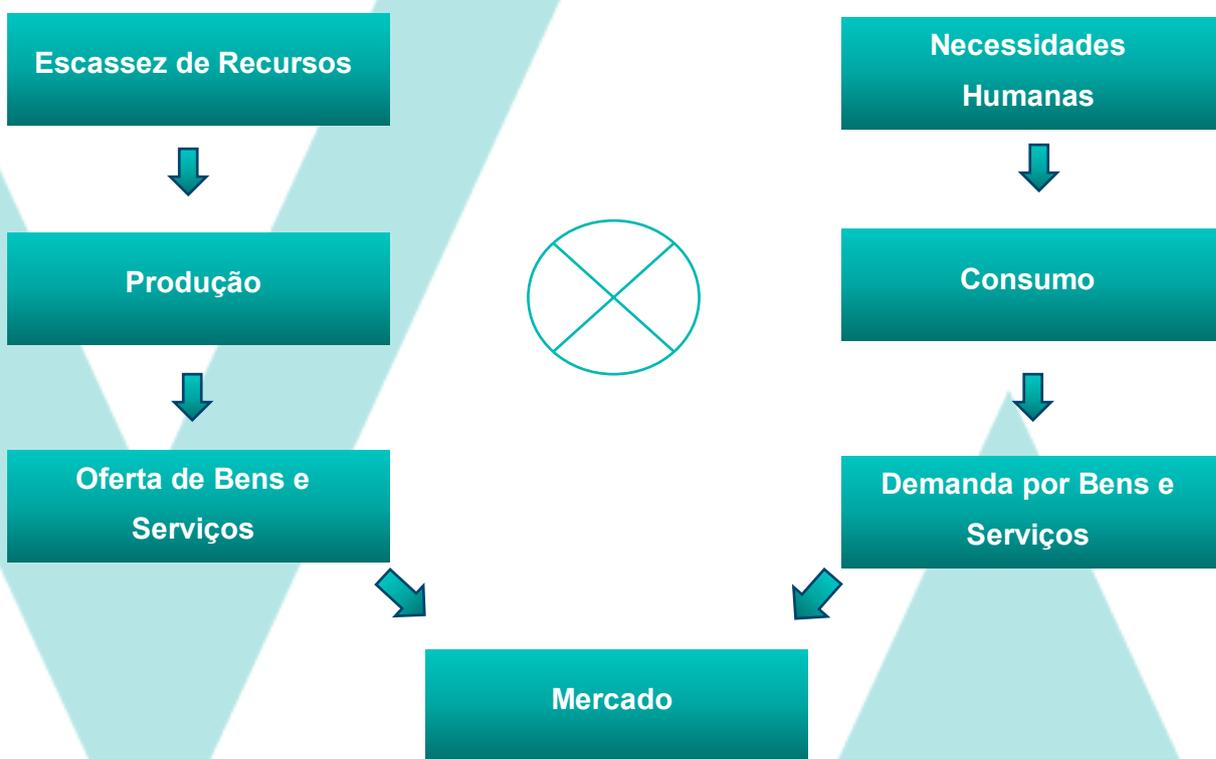
A **escassez** implica que a sociedade precisa encontrar meios de alocar recursos para a produção de bens e serviços mesmo sabendo que parcela das necessidades (e indivíduos) não serão atendidas. A escassez é o elemento central que justifica a existência dos mercados. Um mercado é um grupo de compradores e vendedores que interagem entre si, resultando na possibilidade de trocas. É composto por compradores (consumidores dos bens e serviços) e os vendedores (produtores que utilizam os insumos e recursos de produção para produzir bens e serviços).

O esquema abaixo representa esta relação. Observe-o:



Sandoval (2005) afirma que na “Economia tudo se resume a uma restrição quase que física - a lei da escassez, isto é, produzir o máximo de bens e serviços, a partir dos recursos disponíveis a cada sociedade”.

O QUE É A ECONOMIA



Logo, o conceito de escassez econômica deve ser entendido como a situação gerada pela razão de se produzir bens com recursos limitados, a fim de satisfazer as ilimitadas necessidades humanas. Todavia, somente existirá **escassez** se houver uma procura para a aquisição do bem.

NECESSIDADES HUMANAS

As necessidades primárias são aquelas que temos diariamente e as secundárias são aquelas que estamos sempre desejando, mas, que nem sempre podemos dar prioridade.

A satisfação das necessidades sociais e individuais está ligada à realização da atividade produtiva. No tempo da economia primitiva de subsistência, cada família produzia seus próprios bens para sua satisfação por meio do consumo.



Após o desenvolvimento da economia industrial, cada indivíduo participa de parte do processo produtivo por meio de seu emprego nas empresas, adquire sua renda e efetua seu consumo.



RECURSOS

Fatores de produção são recursos utilizados para a produção de um bem ou serviço. Podem ser limitados em quantidade, combináveis ou não. Eles podem ser classificados em capital (K), trabalho (L) e os recursos naturais ou da terra (T).

Os fatores de produção podem ser subdivididos em:

- ❖ **Recursos Livres:** são recursos abundantes utilizados, mas que não se pagam pelo uso. Ex: ar e sol.



- ❖ **Recursos Econômicos:** são recursos escassos e pagos pela sua utilização, seja para a sobrevivência ou para a produção. Ex: água, terra.



Além desses recursos naturais, existem também os recursos humanos, não-humanos e tecnológicos.

- ❖ **Humanos:** a força de trabalho humana, ou seja, a mão-de-obra para a produção de um bem ou serviço. Ao se utilizar esse recurso, paga-se por ele.
- ❖ **Não-Humanos:** capital, as empresas e as famílias necessitam de dinheiro. As empresas necessitam deste recurso para contratar mão-de-obra e comprar os recursos de produção. As famílias precisam deste recurso para adquirir bens e serviços.

Leia a sinopse do livro abaixo e obtenha mais informações sobre o assunto.



SINOPSE

Nunca se cultivaram tantos produtos agrícolas e nunca as fomes foram tão frequentes. nunca a terra teve tantos licenciados e nunca o analfabetismo foi tão evidente e expressivo. nunca fomos tão ricos e nunca houve tantos pobres. hoje em dia, o que menos escasseia é a própria escassez. o círculo de economistas e Erik Orsenna fizeram um inventário desses recursos escassos, procuraram as razões nas quais assenta essa escassez e, após vários meses de investigação, apresentam-nos aqui algumas das

formas que nos permitirão vencer esta maldição: medidas imediatas, soluções inovadoras, aposta no desenvolvimento sustentável e reorganização da gestão dos recursos a nível mundial. este surpreendente livro de Erik Orsenna revela-nos o que está em causa quando falamos de uma estratégia eficaz para lutar contra a escassez de recursos.

Como foi citado anteriormente, a administração dos recursos da sociedade é importante porque os recursos são escassos e não chegam para satisfazer todas as **necessidades** da sociedade. A sociedade tem necessidades **diversificadas** (variedades de produtos) e **insaciáveis** (sempre se quer mais e sempre se renovam, através do crescimento populacional e mudanças no padrão de vida). Essas necessidades podem ser tanto **individuais** (orgânicas, social etc.) como **coletivas** (transporte, educação, saúde, segurança etc.).

DIFERENCIANDO

Quando falamos de recursos econômicos, sempre nos referimos a bens e a serviços. Mas, o que diferencia um bem de um serviço?

Você seria capaz de diferenciar?

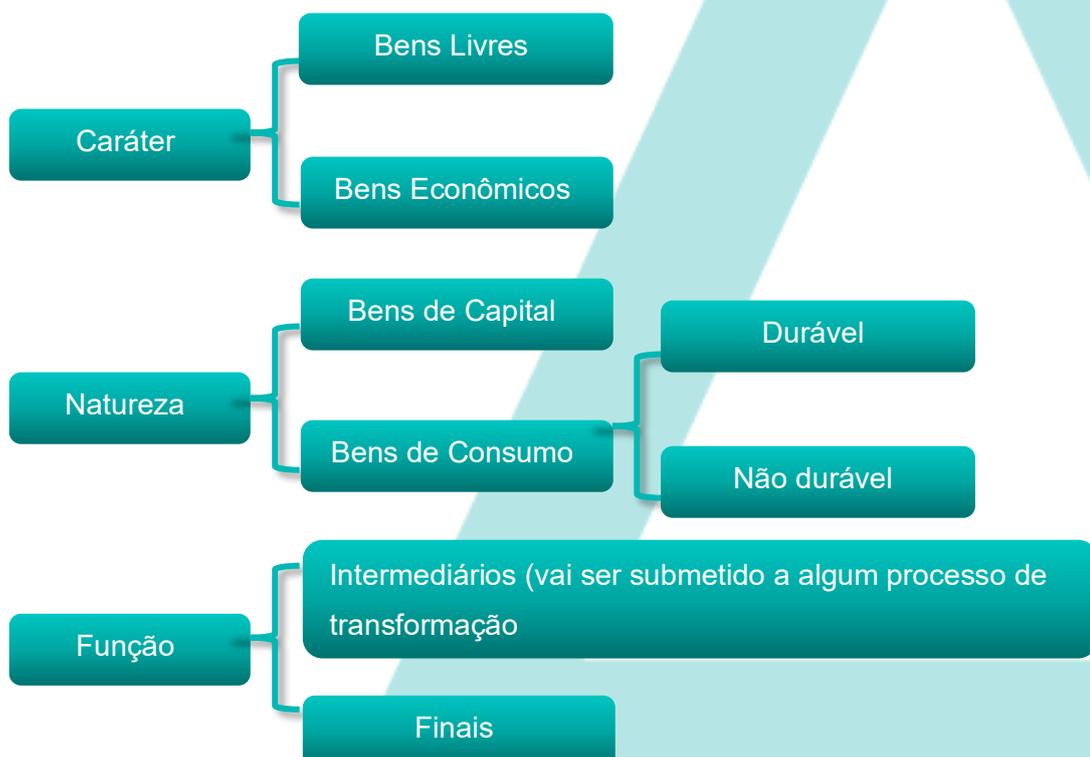
A seguir, vamos entender melhor o significado dos conceitos de bens e de serviços. Vamos a eles!



BENS

Os bens disponíveis para atender e satisfazer as necessidades da sociedade podem ser diferenciados em termos de **Bens Econômicos** e **Bens livres** isto é, os bens econômicos têm a característica de serem **Escassos, úteis e transferíveis**. Escassos no sentido de serem limitados e não chega para satisfazer as necessidades de todo mundo. **Utilidade** de um determinado bem é a propriedade ou **capacidade do bem em satisfazer as necessidades da sociedade**. Temos também os **bens livres**, cuja quantidade é muito abundante não sendo necessário racionar.

Quanto ao tipo, os bens podem ser diferenciados da seguinte forma:



O que satisfaz nossas necessidades. São tangíveis, ou seja, algo que podemos tocar, algo concreto. Os bens podem ser divididos em bens de consumo e de capital.

Os bens são divididos em bens de **consumo e de capital**.

- ✦ **Bens de consumo:** são subdivididos em bens duráveis e não duráveis.
- ✦ **Duráveis** são aqueles que não são substituídos com frequência. Ex: eletrodomésticos, imóveis, automóveis. Não compramos todos os dias esse tipo de bem, compramos com o objetivo de substituir aqueles que temos visado inovação ou porque o que temos estragou.
- ✦ **Não duráveis** são aqueles que consumimos com frequência. Ex: alimentos, roupas, sapatos. Quando compramos uma roupa ou sapato não estamos substituindo aqueles que temos, estamos aumentando a quantidade desse tipo de bem, ou seja, aumentando a quantidade de roupas e de sapatos.
- ✦ **Bens de capital:** são aqueles que utilizamos para produzir outros bens. Exemplo; Dinheiro, imóvel alugado, um táxi. Quando temos uma casa que não utilizamos para moradia, ela deixa de ser um bem de consumo e passa a ser um bem de capital, porque nos proporciona uma renda com seu aluguel.

SERVIÇOS

Algo que adquirimos, pagamos pelo seu uso, mas, que não é tangível, um objeto abstrato. Vocês estão comprando um serviço, que é aprender economia, vocês não vão pegar na economia, vão aprender economia.

Os fatores ou recursos de produção

A produção de bens e serviços requer que sejam utilizados recursos. Pode-se dividi-los em:

Terra, (cuja remuneração é o aluguel);

Capital, (cuja remuneração é o juro);

Trabalho, (cuja remuneração é o salário);

Tecnologia, (cuja remuneração é o *royalty*); e

Capacidade empresarial. (cuja remuneração é o lucro).

Proponho que você pesquise em fontes diversas sobre os fatores ou recursos de produção. Verifique que fatores podem gerar a escassez desses recursos.

Bons estudos!

O PROBLEMA ECONÔMICO

O problema econômico deve ser analisado do ponto de vista global, ou seja, é válido para todos os indivíduos e consiste no fato de que os fatores de produção não são suficientes para produzir bens e serviços suficientes para atender a todas as necessidades individuais e sociais.

Isso porque, como vimos as necessidades econômicas são ilimitadas – aspectos psicológicos: os indivíduos sempre necessitam de algo mais. Além disso, há muitas necessidades que devem ser satisfeitas diariamente. Ainda há o aspecto do amplo crescimento populacional que não pode ser desprezado.

Por outro lado, a disponibilidade de fatores de produção é limitada. Em um determinado período, a quantidade de terras agricultáveis, do estoque de capital físico e de fator trabalho é limitada. Além disso, a extensão territorial de um país tem seus limítrofes definidos e há muitos recursos naturais que não são renováveis.

ESCASSEZ

Caracteriza o problema econômico, tendo em vista a disparidade entre as necessidades humanas (que são ilimitadas) e a disponibilidade de recursos, que são limitados. É a partir da escassez que surge o bem econômico.

A TRÍADE DO PROBLEMA ECONÔMICO

Nas bases de qualquer comunidade se encontra sempre a seguinte tríade de problemas econômicos básicos:

O QUE e QUANTO produzir?

(Escolha feita pela sociedade). Tanto a qualidade quanto o tipo de bens ou serviços (roupa, geladeira, automóvel)

COMO produzir?

Deve-se escolher quais recursos serão utilizados e na produção, com a tecnologia mais eficiente, com menor custo, por exemplo.

PARA QUEM produzir?

Quem é o consumidor potencial.

De posse destas informações, leia o texto a seguir e responda ao questionamento proposto:

PROBLEMAS ECONÔMICOS BÁSICOS

Nas bases de qualquer comunidade se encontra sempre a seguinte tríade de problemas econômicos básicos:

O que produzir? Isto significa quais produtos deverão ser produzidos (carros, cigarros, café, vestuários etc.) e em que quantidades deverão ser colocadas à disposição dos consumidores.

Como produzir? Isto é, por quem serão os bens e serviços produzidos, com que recursos e de que maneira ou processo técnico.

Para quem produzir? Ou seja, para quem se destinará a produção, fatalmente para os que têm renda.

É muito fácil entender que: QUAL, QUANTO, COMO e PARA QUEM produzir não seriam problemas se os recursos utilizáveis fossem ilimitados. Todavia, na realidade, existem ilimitadas necessidades e limitados recursos disponíveis e técnicas de fabricação. Baseada nessas restrições, a Economia deve optar dentre os bens a serem produzidos e os processos técnicos capazes de transformar os recursos escassos em produção.

Esse fator e a resposta dessas perguntas estão intimamente ligados à Gestão da produção, da economia e é claro da Gestão Financeira, pois como visto anteriormente, para produzir precisa-se investir e para investir é preciso planejamento e recursos. Sendo assim, a Gestão Financeira vem dar suporte na economia.

Apresentando agora uma divisão clássica da economia, a microeconomia e a macroeconomia, será verificado que, por maiores que sejam as diferenças entre elas, a Gestão Financeira está presente e com alto grau de importância.

Genericamente, a microeconomia é concebida como o ramo da Ciência Econômica voltada ao estudo do comportamento das unidades de consumo representadas pelos indivíduos e/ou famílias (estas desde que caracterizadas por um orçamento único), ao estudo das empresas, suas respectivas produções e custos, e ao estudo da produção e preços dos diversos bens, serviços e fatores produtivos.

Desta maneira distingue-se da macroeconomia, porque esta se interessa pelo estudo dos agregados como a produção, o consumo e a renda da população como um todo.

A bifurcação da Ciência Econômica nesses dois grandes ramos, isto é, a macroeconomia e a microeconomia, data dos primórdios da década de 1930.

Ambos os segmentos gravitam em torno do problema da limitação e do caráter finito dos recursos produtivos em face das necessidades vitais da civilização, infinitas e ilimitadas, subjacentes ao ser humano, problemática essas que embasa.

Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO – CURSOS ONLINE: MAIS DE 1000 CURSOS ONLINE COM CERTIFICADO
[HTTP://WWW.PORTALEDUCACAO.COM.BR/EDUCACAO/ARTIGOS/11872/PROBLEMAS-ECONOMICOS-BAISCO#XZZ2TRV8TMFY](http://www.portaleducacao.com.br/educacao/artigos/11872/problemas-economicos-baisco#XZZ2TRV8TMFY)

Comparada às demais Ciências Sociais, a economia é uma ciência muito recente. E, diferentemente do que muitos pensam a economia não é uma Ciência Exata e sim uma Ciência humana. Explique os principais objetos de análise da Ciência Econômica e o motivo de surgirem os principais problemas econômicos: O quê? Como? Quanto e para quem produzir?



RESUMINDO

Nesta unidade você pode compreender um pouco melhor a concepção da economia e sua relação com as transformações sociais. Tenho certeza que pode avaliar que os objetos da economia formam modificados ao longo da história devido a mudanças de perspectivas em cada época. aprendeu também sobre a escassez de recursos e os impactos na economia.

Aguardo você, no próximo módulo em que estudaremos a micro e macroeconomia. Faça agora as atividades de fixação e teste seus conhecimentos.



LEITURA COMPLEMENTAR

SUGESTÃO DE LIBRO – SINOPSE

O estudo de economia é um dos mais fascinantes e complexos de todas as ciências. Constitui-se, portanto, em estimulante desafio o domínio dos seus princípios fundamentais, conjugados com a necessidade do entendimento das inúmeras dificuldades com que a economia global vem se defrontando. Para melhor compreender o mundo e poder participar ativamente dele é preciso ter à mão um manual completo e atualizado MANKIW, N. Gregory. Introdução à economia: princípios de micro e macroeconomia. Rio de Janeiro: Campus, 2001. 831 p. ISBN 85352-0853-4.

O livro está disponível na biblioteca da FAMINAS.

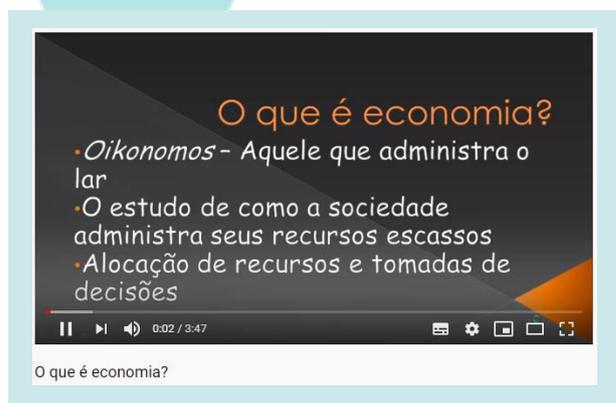


INDICAÇÃO DE VÍDEO

O vídeo sugerido para esta Unidade discute um tema muito interessante: o que estuda a Economia. Muitos se perguntam o que é economia. É a ciência que

estuda sobre economizar dinheiro? Economistas são mãos de vaca? Entenda o que realmente significa essa ciência incrível

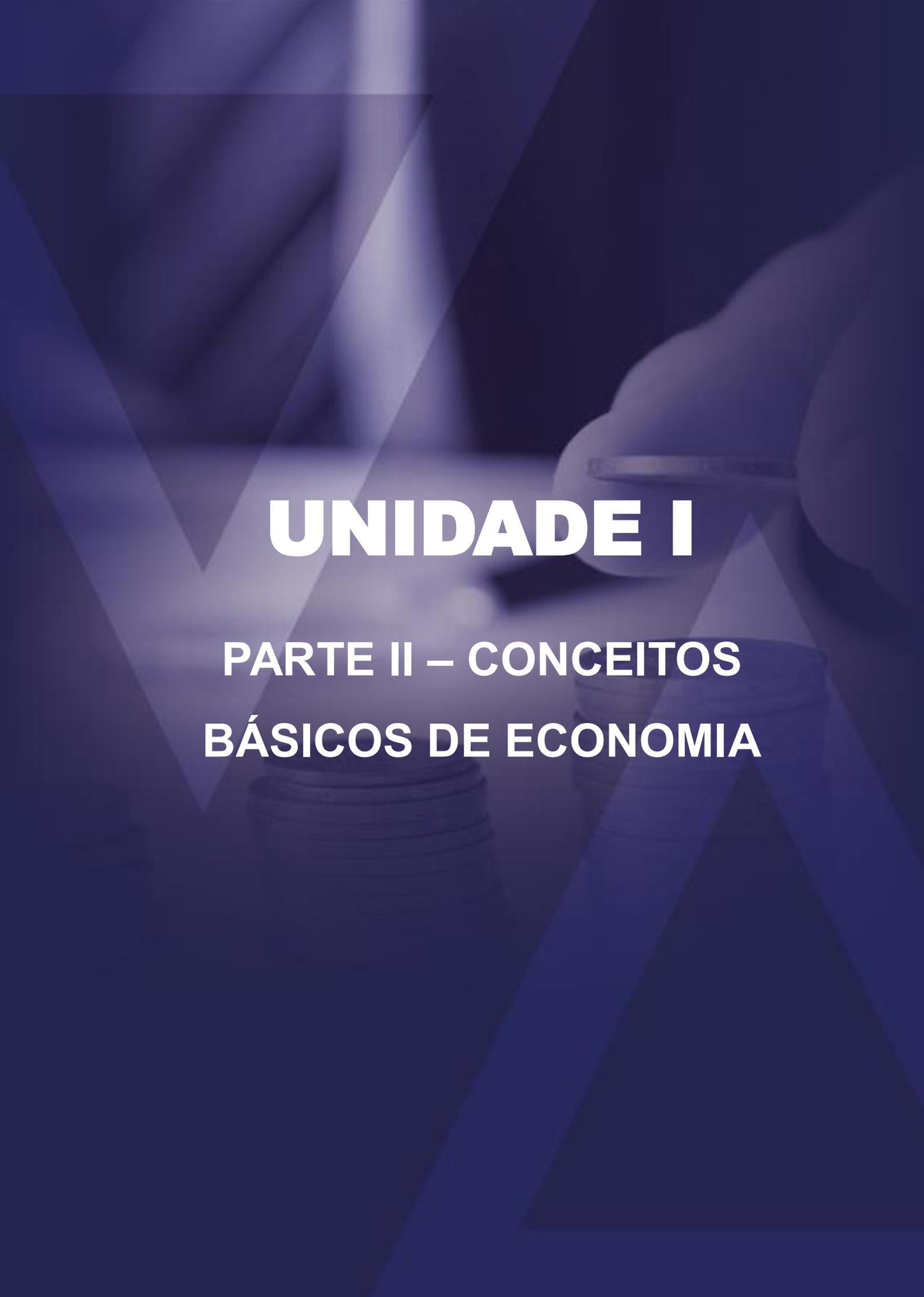
que é a economia. Depois expresse sua opinião no Fórum Tira Dúvidas. Conto com sua participação!



Figura

<https://www.youtube.com/watch?v=R4OB6e9VFJc..>

1Link:



UNIDADE I

**PARTE II – CONCEITOS
BÁSICOS DE ECONOMIA**



OBJETIVOS

Fornecer o entendimento da economia e seus conceitos básicos para o melhor entendimento do contexto econômico atual, tendo uma visão global do sistema econômico, distinguindo o sistema capitalista e centralizado, para a análise das causas e consequências dos fenômenos econômicos.

Vamos fazer uma breve distinção entre sistema capitalista e economia centralizada ou planificada.



Acredito que você já deve estar começando a compreender melhor o funcionamento da economia.
Então vamos retomar!

CONCEITOS INTRODUTÓRIOS: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os sistemas econômicos geralmente podem ser classificados em:

- ✦ Sistema de mercado ou economia capitalista;
- ✦ Sistema de planificação central.

SISTEMA CAPITALISTA, OU ECONOMIA DE MERCADO

No capitalismo ou economia de mercado, o governo tem uma participação limitada, já que os recursos produtivos que estudamos anteriormente (terra, capital etc.) pertencem às empresas e indivíduos, assim, ocorre à propriedade privada dos meios de produção. É claro que como existem falhas de mercado, mas mesmo no sistema capitalismo o governo desempenha papel fundamental na oferta de bens públicos, como por exemplo, educação, segurança, dentre outros.

OBSERVAÇÃO: Falhas de mercado são situações que ocorrem, quando o mercado sozinho não consegue combinar seus recursos disponíveis de forma eficiente, sendo necessário a intervenção do governo no que diz respeito a adoção de políticas públicas para minimizar os problemas econômicos.

Neste contexto podemos fazer breve reflexão! O governo brasileiro atende às necessidades e às expectativas da população no que diz respeito à qualidade de serviços oferecem ou deveria oferecer, de acordo com a carga tributária que pagamos?

No sistema capitalista então, podemos observar que as questões econômicas tratadas anteriormente, **a tríade dos problemas econômicos**, são resolvidas no próprio mercado, predominando a livre iniciativa e a propriedade privada dos meios de produção, ou seja, o preço que determina a produção através da interação das forças de oferta e demanda, pois o objetivo aqui é o lucro.

Segundo Mcconnell e Brue (2001), existem limites legais ao direito de propriedade privada, assim, não é permitido o uso da propriedade privada para produção de drogas, por exemplo.

Uma economia sem a interferência do estado tem participação pouco expressiva, pois Estado apenas participa da economia com ações regulatórias quando as soluções de problemas privados não ocorrem na economia.

(PINHO; VASCONCELLOS, 2003).

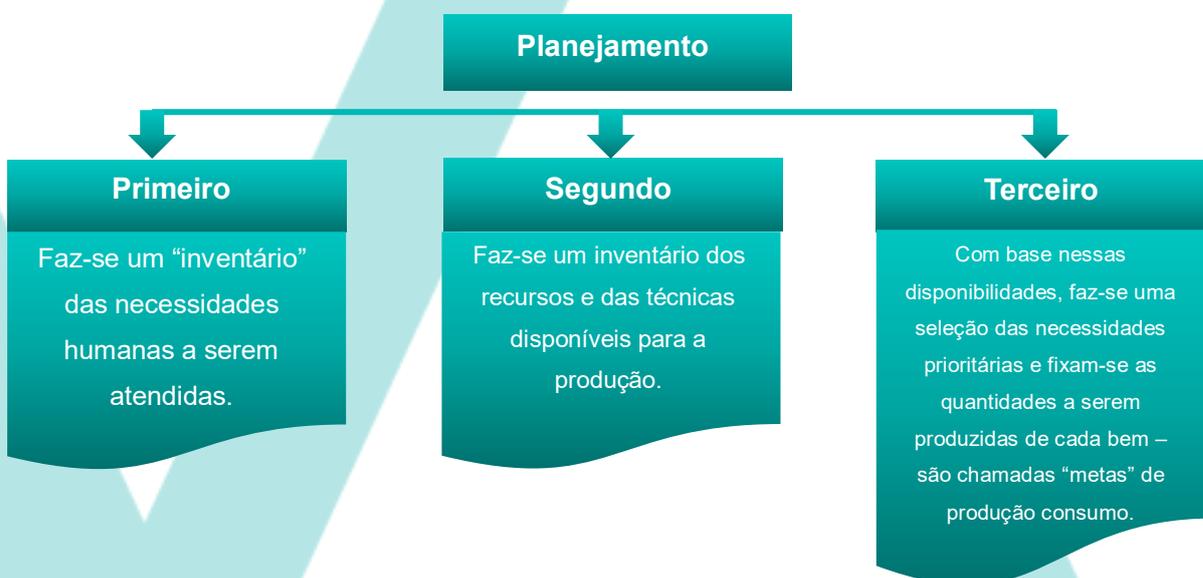


Figura 2 Fonte: <http://www.rochatop.com.br/noticia-w>

SISTEMA SOCIALISTA OU ECONOMIA CENTRALIZADA

Nas economias centralizadas, os três problemas básicos - o que e quanto, como e para quem são determinados pelos órgãos planejadores centrais e não pelo sistema de preços como nas economias de mercado. As questões econômicas fundamentais são resolvidas pelo Estado, que é o órgão central de todo o planejamento, predominando a propriedade pública dos meios de produção.

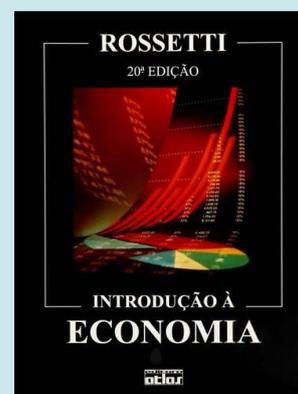
Segundo Pinho e Vasconcellos (2003, p. 21), o planejamento é formulado da seguinte maneira:



DICA DE LEITURA

Como sugestão de leitura, indico o livro disponível na biblioteca da faculdade para obter mais informações sobre o assunto:

Rossetti, José Paschoal. introdução à economia. 20 ed. são Paulo: atlas, 2003.



EXTERNALIDADES

Quando o bem-estar de alguém é afetado por decisões de outras pessoas, podemos dizer que há externalidades, ou ainda, a produção de uma empresa tem interferência das decisões de consumo e produção de outros.

Segundo Pinho e Vasconcellos (2003), quando o consumo ou produção de um bem causa efeitos sobre outras pessoas, e esses custos não se refletem nos preços, temos externalidades, que podem ser positivas ou negativas.

REFLEXÃO

O sistema capitalista não é perfeito, como vimos, existem falhas, assim como a economia planificada ou centralizada também têm seus problemas, pois ocorre à falta de participação da população nas decisões do governo, grupos políticos acabam sendo privilegiados, além da falta de liberdade de pensamento e expressão.

EXEMPLO I

Imaginem que sua instituição de ensino superior (ISP) encontra-se localizada próxima a um aeroporto e você esteja assistindo aulas presenciais. O ruído dos aviões a todo momento vai gerar uma externalidade negativa, pois você está sendo prejudicado pela poluição sonora, atrapalhando seu desempenho.

EXEMPLO II

Como externalidades negativas causadas pelas empresas, podemos mencionar a poluição do ar e água. Vamos imaginar que uma empresa de papel (Minas Gerais) tenha poluído a água e com isso atingiu as praias mais próximas (Espírito Santo). O período que ocorreu a externalidade foi próximo a um feriado, onde o setor terciário (hotéis, pousadas) estavam com suas reservas esgotadas. Devido à poluição recente das águas, as reservas foram canceladas, causando prejuízo ao setor de serviços, sem pagar por isso.

CLASSIFICAÇÃO DOS SETORES ECONÔMICOS

O **setor primário** está voltado para a produção por meio da natureza. (Ex.: produção através da natureza, como agricultura, pecuária, pesca, reflorestamento, mineração).



Figura 3 FONTE –
[HTTP://INFOSURHOJ.COM/PT/ARTICLES/SAII/FEATURES/MAIN/2012/09/06/FEATURE-02](http://infosurhoj.com/pt/articles/saii/features/main/2012/09/06/feature-02)

O **setor secundário** caracteriza-se pelas atividades industriais, onde os bens são transformados. (Ex.: produtos de metalurgia, bebidas, mobiliário, etc). O lucro é determinante neste setor aliado a melhor tecnologia. Países desenvolvidos têm o setor secundário em destaque.



Figura 4 FONTE –
[HTTP://WWW;ENGENHARIAE.COM.BR/COLUNAS/PORQUE-O-DESINTERESSE-NA-INDUSTRIA-DA-CONSTRUCAO-CIVIL/](http://www.engenhariae.com.br/colunas/porque-o-desinteresse-na-industria-da-construcao-civil/)

O **setor terciário** ou de serviços não envolvem produção física, como o comércio, o setor transporte, os bancos, comunicações, imobiliárias, administração, saúde etc. A economia globalizada favorece bastante o setor terciário.



Figura 5 FONTE –
[HTTP://COMUNIDADE.MAISCOMUNIDADE.COM/CONTEUDO/2011-04-02/NOSSOBAIRRO/4337/COMERCIO-SOB-AMEACA-DE-FECHAR-AS-PORTAS.PNHTML](http://comunidade.maiscomunidade.com/conteudo/2011-04-02/NOSSOBAIRRO/4337/COMERCIO-SOB-AMEACA-DE-FECHAR-AS-PORTAS.PNHTML)

CURVA DE TRANSFORMAÇÃO E CUSTO DE OPORTUNIDADE

Vocês lembram-se do conceito de escassez visto anteriormente!? Então, estudamos que a escassez impõe um limite à capacidade produtiva de uma sociedade, que terá que fazer escolhas alternativas de produção. Então, vamos imaginar uma economia ou uma firma que

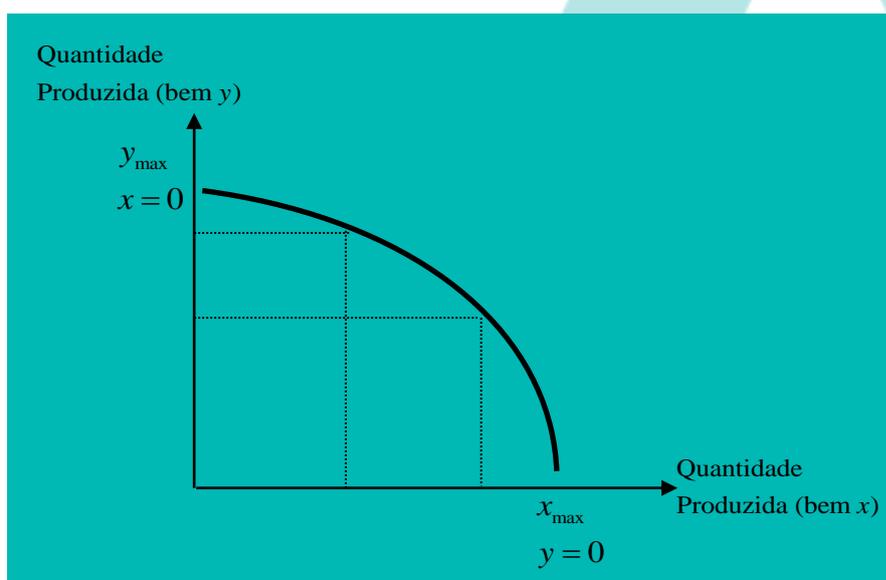
esteja produzindo dois bens (soja e milho) como no gráfico abaixo. Devido à escassez dos recursos, para aumentar a produção de um bem (soja) temos que desistir do outro (milho), tendo várias alternativas de produção, daí surge o custo de oportunidade, que significa a transferência de fatores de produção da produção de soja para milho e vice-versa.

Observando o gráfico, todos os pontos sobre a curva de possibilidade de produção são alternativas possíveis e significa que a economia ou a firma está operando com plena capacidade produtiva, ou seja, está utilizando 100% dos fatores disponíveis. Caso tenha uma queda na demanda por soja e milho, a economia passa a operar nos pontos internos da curva de possibilidade de produção, ou seja, com menos de 100% dos seus fatores de produção.

Você sabe como isso é chamado em economia!? A produção abaixo do pleno emprego dos fatores produtivos significa capacidade ociosa. Assim, a fronteira máxima de produção da economia ou firma se dá sobre todos os pontos (alternativas de produção) sobre a curva de possibilidade de produção (ou curva de transformação).

CURVA (FRONTEIRA) DE POSSIBILIDADE DE PRODUÇÃO

Gráfico que mostra as várias combinações de produto que a economia pode produzir potencialmente, dados os fatores de produção e a tecnologia disponíveis. É a fronteira máxima que a economia pode produzir, dados os recursos produtivos limitados. Mostra as alternativas de produção da sociedade, supondo os recursos plenamente empregados.



A CPP mostra o *trade off* da sociedade, ou seja, a obtenção de alguma coisa, está sujeita a renunciar a outra. “Nada é de graça”! Razão da Concavidade: lei dos custos de oportunidade crescentes, devido à inflexibilidade dos custos de produção.

Lei dos custos de oportunidade crescentes:

Dadas como inalteradas as capacidades tecnológicas e de produção de uma economia e estando o sistema a operar a níveis de pleno emprego, a obtenção de quantidades adicionais de determinada classe de produto implica necessariamente a redução das quantidades de outra classe.

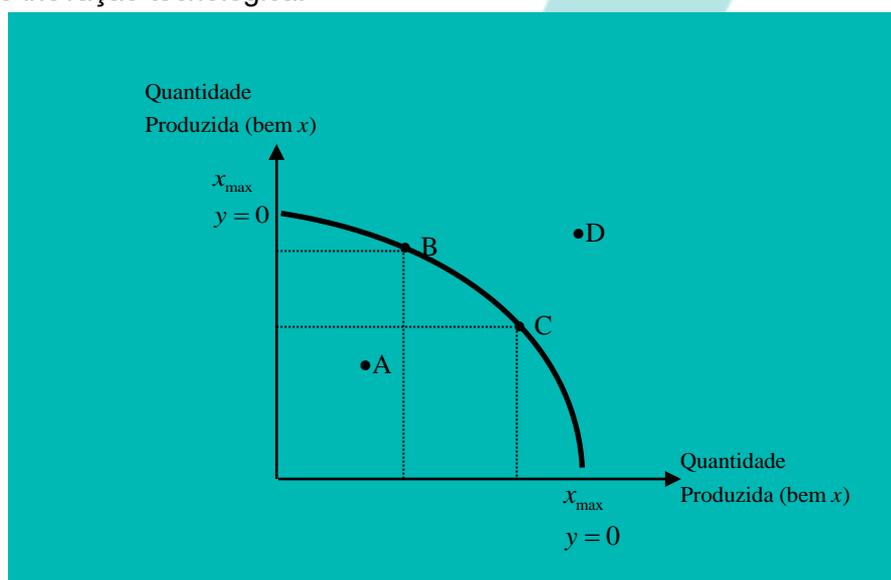
Em resposta a constantes reduções impostas à classe que estará sendo sacrificada, serão obtidas quantidades adicionais cada vez menos expressivas da classe cuja produção estará sendo aumentada, devido à relativa e progressiva inflexibilidade dos recursos de produção disponíveis e em uso.

Os pontos da CPP representam as possíveis combinações dos fatores de produção na obtenção dos bens x e y .

A: capacidade ociosa (ineficiência). Neste ponto o custo de oportunidade é zero, pois não é necessário sacrifício de recursos produtivos para aumentar a produção de um bem, ou mesmo, dois bens.

B e C: Não há como produzir mais, sem reduzir a produção do outro. Combinações de produto; (Nível de produto Eficiente /Pleno Emprego).

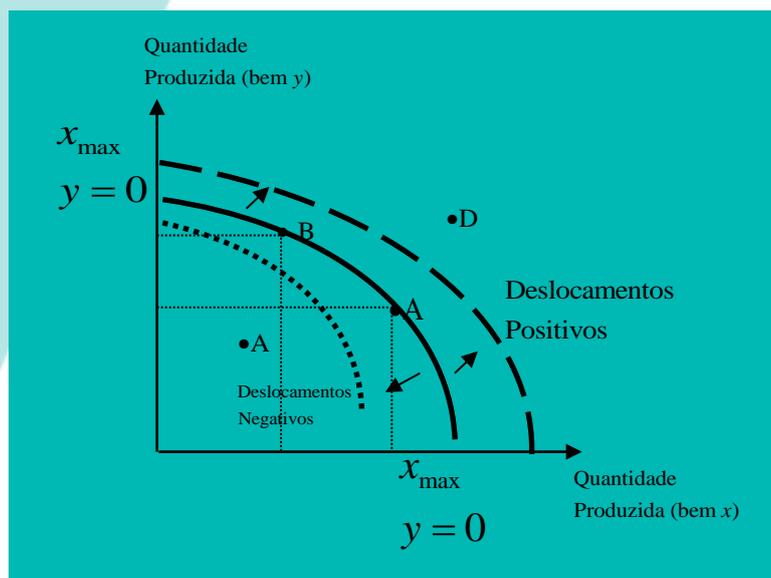
D: Nível impossível de produção. Posição inalcançável no período imediato. Depende de fatores como inovação tecnológica.



Os pontos da CPP representam as possíveis combinações dos fatores de produção na obtenção dos bens x e y .

Deslocamentos positivos: decorrem da expansão ou melhoria dos fatores de produção disponíveis (Crescimento Econômico). Inovações tecnológicas: com a mesma quantidade de insumos obtém-se maior quantidade de produtos

Deslocamentos negativos: decorrem da redução, sucateamento ou progressiva desqualificação dos fatores de produção disponíveis.



É o grau de sacrifício que se faz ao optar pela produção de um bem, em termos da produção alternativa sacrificada. O custo de alguma coisa é o que você desiste para obtê-la.

Trade off

$B \rightarrow C \Rightarrow$ + Produto x
- Produto y

Custo de Oportunidade

$C \rightarrow B \Rightarrow$ custo de oportunidade de 200 unidades de y é 50 de x .

FLUXO CIRCULAR DE RENDA (FLUXO REAL MAIS MONETÁRIO)

O fluxo real (bens e serviços) é trocado pelo fluxo monetário para que o mercado tenha continuidade e aumente o capital. O fluxo real constitui a oferta da economia (produto), tudo que foi produzido e está à disposição dos consumidores. O fluxo monetário é a remuneração

dos fatores de produção (demanda), aquilo que as pessoas procuram para satisfazer suas necessidades.

Vamos então, entender melhor:

DIFERENCIADO

O fluxo circular de renda (real + monetário) pode ser representado da seguinte forma:

- As famílias cedem às empresas os fatores de produção de que são proprietárias e, em troca, recebe das empresas uma renda, ou seja, a remuneração sob forma de dinheiro;

Quando nos referimos ao fluxo circular de renda, envolvemos o fluxo real e o fluxo monetário.

Você seria capaz de diferenciar?

- As empresas combinam os recursos produtivos num processo de produção e obtêm os bens e serviços;
- Com a renda recebida as famílias compram das empresas bens/serviços; e,
- As famílias então consomem os bens/serviços.

Aguardo você no próximo módulo para dar sequência ao conteúdo tratando da evolução do pensamento econômico e noções de microeconomia



RESUMO DA UNIDADE

Vamos relembrar alguns conceitos que conhecemos!? esperam que tenham gostado e ampliado seus conhecimentos na área econômica.

A plena capacidade produtiva indica que os recursos produtivos (fatores de produção que vocês conhecem) estão sendo plenamente ocupados.

Já a capacidade ociosa, os recursos estão sendo subutilizados, pois estão abaixo do seu máximo.

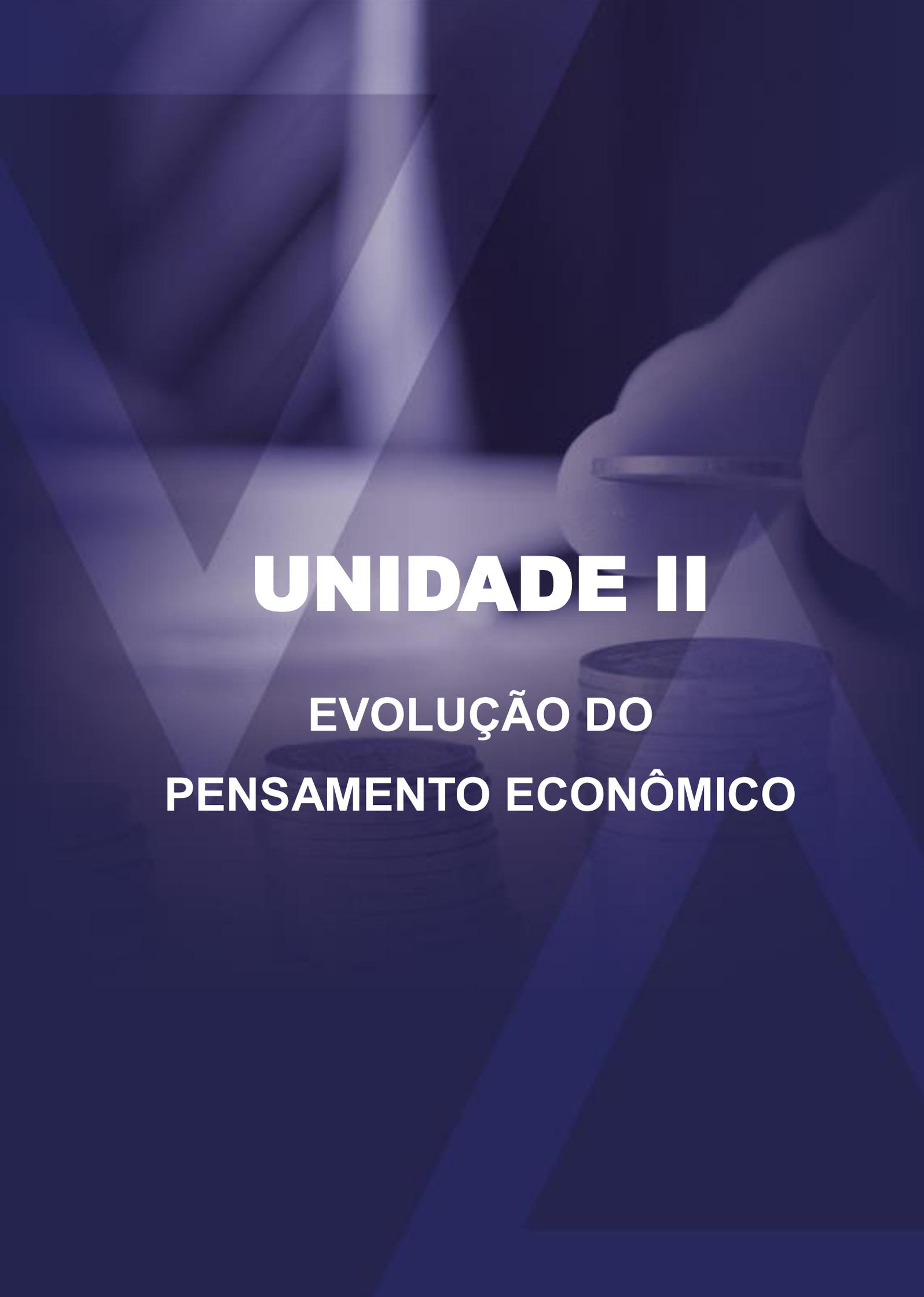
É a curva de possibilidade de produção!? perceberam que ela expressa o máximo que uma economia ou uma firma pode produzir com os fatores existentes.

O fluxo circular de renda é a junção do fluxo real mais o monetário. como o próprio nome sugere, no fluxo monetário ocorre o pagamento pelo uso dos de produção que gera a

demanda, enquanto o fluxo real representa a produção da economia (bens e serviços) que vai ser ofertado.

No sistema capitalista predomina a propriedade dos meios de produção, os fatores preço determina o que vai ser produzido em função do lucro.

Antes, de finalizar sugiro que você faça as atividades de fixação. Elas não são avaliativas, têm gabarito, mas caso tenha alguma dúvida, poste no **Fórum Tira Dúvida** que terei prazer em ajudar. Então, encontro você na próxima Unidade!



UNIDADE II

EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ECONÔMICO



OBJETIVO

Neste tópico vamos abordar as principais Escolas do Pensamento Econômico e sua evolução no contexto econômico global, para um melhor entendimento da economia no cenário atual.

Segundo Vasconcellos e Garcia (2003, p. 14), existem consenso de que a Teoria Econômica de forma sistematizada, iniciou-se quando foi publicada a obra de Adam Smith, A riqueza das nações, em 1776. A atividade econômica era estudada como parte integrante da Filosofia Social, da Moral e da Ética. A economia deveria se orientar de acordo com alguns princípios gerais da ética, justiça e igualdade.

MERCANTILISMO: PRIMEIRA ESCOLHA ECONÔMICA

Para o mercantilismo, a riqueza de um país estava baseada no total de metais preciosos disponíveis.

Como objetivo, o mercantilismo tentava fomentar o comércio entre as nações e entesourar riquezas.

O Estado tinha uma participação importante na economia

E atualmente, qual seria o indicador de riqueza usado na economia brasileira? Seria o Produto Interno Bruto (PIB) apenas?



Figura 1



Figura 2

FISIOCRACIA (REGRAS DA NATUREZA)

A fisiocracia foi uma reação ao mercantilismo, considerava desnecessária a participação do Estado na economia. As leis da natureza eram superiores e a riqueza de um país seria oriunda da natureza (setor primário, pesca, lavoura, mineradora, etc.).

No século XVIII, a fisiocracia se destacou, pois para essa escola de pensamento econômico, a terra era vista como forma de riqueza de uma nação. François Quesnay se destacou com

sua obra *Tableau Économique*. A partir daí, a economia foi dividida em setores e mostra a inter-relação que existe entre eles (VASCONCELLOS; GARCIA, 2019).

JEAN BAPTISTE SAY

Fatores que influenciam a demanda:

Esse autor, ampliou a obra de Smith - *A riqueza das nações* -1776. Smith defendia que se deixasse atuar a livre concorrência, teria uma **mão invisível** que levaria o mercado à perfeição. Não era necessária a intervenção do Estado na economia.

Já Say, era defensor da Lei que tem o seu nome, Lei de Say, que tem como princípio: **a oferta cria sua própria demanda**.

RESOLUÇÃO KEYNESIANA

John Maynard Keynes, economista britânico apresentou impacto importante, fornecendo aos governantes instrumentos para que a economia retomasse o ritmo de crescimento depois da década de 1930, onde o desemprego na Inglaterra era elevado. Sua obra de destaque é a *Teoria Geral do Emprego, dos Juros e da Moeda* (1936).

Ofereceu ao governo instrumentos para que a economia recuperasse o nível de emprego, independente da participação do Estado. Era grande defensor dos gastos públicos.

A doutrina **Keynesiana** ficou conhecida como uma “revisão da teoria liberal”. Nesta teoria, o Estado deveria intervir na economia sempre que fosse necessário, a fim de evitar a retração econômica e garantir o pleno emprego.

As bases da macroeconomia foram inauguradas nesse contexto, assim, o nível de emprego depende da produção nacional que, é determinada pela demanda agregada ou efetiva.

NEOLIBERALISTA ECONÔMICO

Você já ouviu falar sobre Neoliberalismo econômico?

Vamos ver como é uma política econômica implementada na sociedade, onde defende a privatização do setor empresarial do governo, redução do déficit público, controle da inflação, liberalização dos mercados e corte das despesas sociais. O neoliberalismo defende a saída do governo da produção de bens e serviços.

Vários protestos populares surgiram, principalmente porque a ideia é que o governo deve entregar as tarefas que não são típicas de governo ao setor privado e concentrar os recursos naquelas que somente ele pode realizar e tem maior taxa de retorno para que o crescimento ocorra sem dificuldades no longo prazo.

Qual sua opinião sobre o tema?

Sugiro que assista ao vídeo sobre déficit fiscal do governo.

<https://www.youtube.com/watch?v=vG PUYgGmRvo>

OS CRÍTICOS – MARXISTAS

A base do trabalho é de Karl Marx (1818-1883) que desenvolveu a **Teoria do Valor Trabalho**. Existe a apropriação do excedente de produção (a mais valia, diferença entre o valor das mercadorias que os trabalhadores produzem e o valor da força de trabalho empenhada para essa tarefa). Os lucros, juros etc., são rendimentos de propriedade, representam a mais valia, ou seja, o processo de acumulação.

Para Marx, os trabalhadores vendem sua força de trabalho, a única mercadoria cuja posse lhe restou, enquanto a burguesia se apropria dos meios de produção. O valor excedente da força de trabalho e que são destinados aos capitalistas, são denominados mais valia (trabalhador explorado pelos capitalistas).



SUGESTÃO DE VÍDEO

O vídeo sugerido para esta Unidade discute um tema muito interessante: evolução do pensamento econômico.

Veja a opinião do professor Vinicius sobre o tema e depois expresse sua opinião no Fórum Tira Dúvidas. Conto com sua participação!

<https://www.youtube.com/watch?v=9PQ2K0E2Bkc>



SUGESTÃO DE LIVRO

O pensamento econômico passou por diversas fases, que se diferenciam amplamente, com muitas discrepâncias e oposições. No entanto, a evolução deste pensamento pode ser dividida em dois grandes períodos: Fase Pré-Científica e Fase Científica Econômica. O livro está disponível em <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788571440166/pageid/0> e faz uma boa abordagem sobre o pensamento econômico.

Bem, este módulo termina por aqui! Mas, leia com atenção o resumo abaixo e confira tudo àquilo que abordamos nesta unidade.



RESUMO DA UNIDADE

Vimos anteriormente que no mercantilismo a preocupação é voltada para a acumulação de riquezas, ou seja, quanto maior o volume de metais preciosos, maior a riqueza do país.

Sobre a fisiocracia, toda riqueza da nação é extraída da natureza, ou seja, produzir bens com a ajuda da natureza.

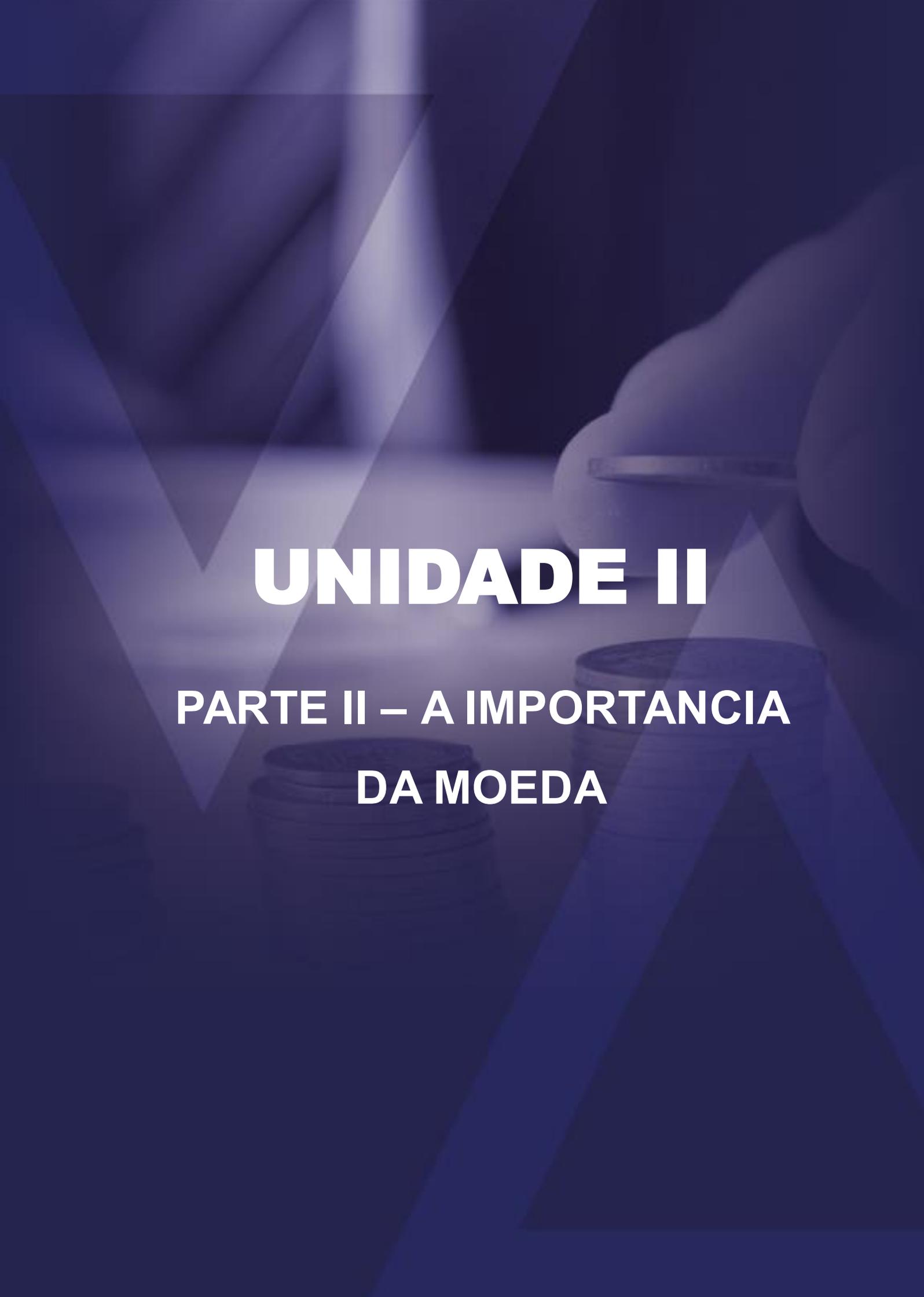
E sobre os clássicos – o liberalismo, como se destaca Adam Smith. Vocês lembram que no livro publicado que mencionamos anteriormente, a riqueza das nações, defendia a livre concorrência, é como se uma mão invisível conduzisse a sociedade à perfeição nas decisões econômicas, dispensando o estado.

Lembram da importância da obra de Keynes que deu suporte para os governos retomarem o crescimento após a grande depressão de 1929.

Por fim, o neoliberalismo é bastante polêmico. Sua política foi implementada no mundo todo. Defende a desregulamentação da economia, menos déficit público, mas controle da inflação, corte nas despesas sociais, dentre outros.



Diante do entendimento do que estudamos, vamos verificar então nossos conhecimentos de forma prática fazendo as atividades de fixação.



UNIDADE II

PARTE II – A IMPORTANCIA DA MOEDA



OBJETIVOS

Proporcionar o conhecimento sobre a evolução da moeda, fluxo monetário, bem como a evolução da determinação da renda e do produto nacional, contextualizando as funções da moeda diante da estabilidade econômica.



Você já deve ter observado nas notícias econômicas as informações disponíveis sobre a liquidez da economia, a questão que a moeda mantém sua função reserva de valor somente quando a economia se apresenta estável. Logo, se o governo faz uma política monetária restritiva ou expansiva, vai afetar na liquidez da economia e no crédito. Então vamos entender isso melhor?

MOEDA

Não sei se você já ouviu falar, mas para se chegar à moeda atual, esta passou por várias evoluções, pois era através do escambo (troca) que ocorria a transação dos bens e serviços na economia. Vocês conseguem imaginar a dificuldade para se determinar a quantidade de mercadoria que deveria ser trocada por outra mercadoria. Era muito difícil mensurar a quantidade de uma mercadoria por outra.



Fonte - <http://www.imagens.usp.br/?p=1012>

A partir do momento que a sociedade foi evoluindo, algumas mercadorias foram usadas como moeda, então, a moeda mercadoria é considerada uma das primeiras formas de moeda. Após a moeda mercadoria, podemos destacar também os metais preciosos que passaram a ser usados como moeda, podendo ser divisíveis por peso, minimizando assim o problema da quantidade e divisibilidade.

Percebe como a moeda evoluiu no contexto atual!

Os *smartphones* e *softwares*, por exemplo, estão transformando a experiência de comprar. Não existem mais barreiras entre o mundo real e o digital. Vitrines virtuais em aeroportos e metrô é acesso direto ao consumidor. Dinheiro, cheque e cartão provavelmente se tornarão peças de museu, pois o consumidor pode efetuar o pagamento apenas com a sua digital (FERRARI, Bruno. Todo o poder do freguês. **Revista Exame**. São Paulo, ed. 1059, ano 48, n.3, 19/02/2014, p. 30-39 / adaptado).

Uma obra de arte ou uma joia rara podem cumprir algumas características e funções da moeda, pois possui durabilidade, reserva de valor, mas não é divisível, nem serve como unidade de conta.

Você imaginava tamanha evolução nos últimos anos!? E veja que o Brasil em alguns aspectos se encontra atrasado em relação a outros países!

Como sugestão de leitura e como forma de ampliar seu conhecimento sobre a tendência atual, segue abaixo:
FERRARI, Bruno. Todo o poder do freguês. **Revista Exame**. São Paulo, ed. 1059, ano 48, n.3, 19/02/2014, p. 30-39

Atualmente, a moeda é a instituição fundamental que ameniza a incerteza, pois é um instrumento que tem aceitação geral e serve para garantir as transações econômicas.

Sobre a moeda e a liquidez, temos a relação que pode ser medida pela capacidade que seu próprio proprietário possui de transformar a riqueza nela corporificada em outra forma de riqueza. É medido pela velocidade que é feito e mínima perda de valor.

Mas o que significa liquidez?

A liquidez represente a capacidade dos diversos ativos transformarem-se em moeda.

Você sabia que no sistema econômico a moeda cumpre determinadas funções!?

Vamos então a cada uma delas.

A primeira função diz respeito a **meio de trocas**, pois é possível intermediar as transações econômicas, como pagamento dos bens e serviços que são adquiridos no mercado, dentre outros.

Além disso, a moeda tem a função de **unidade de conta**, também conhecida como medida de valor – padrão de medida, ou ainda como um **denominador comum monetário**, pois o valor de todos os bens e serviços é expresso em unidades monetárias

A última função refere-se a **reserva de valor**. Para que essa função seja válida, é preciso que a economia esteja estável, com inflação baixa, pois a moeda é o ativo mais perfeitamente líquido, ou seja, as pessoas que possuem moeda representam que ela tem liquidez imediata, porém, caso a inflação esteja elevada, esta provoca a perda do poder aquisitivo das pessoas, desvalorizando a moeda nacional.

A função reserva de valor que a moeda exerce ficou por vários anos de inflação alta, sem funcionar, pois o poder de compra da população foi corroído.

Na década de 1980, tivemos vários planos econômicos, como o Plano Cruzado em 1986, Plano Bresser em 1987, Plano Verão em 1989 e Plano Collor em 1990, onde a função reserva de valor da moeda foi isolada, pois tivemos períodos com até com hiperinflação.

Você lembra o que estudamos sobre hiperinflação anteriormente? Na hiperinflação as taxas de inflação são extraordinariamente elevadas.

OFERTA DE MOEDA

A oferta de moeda consiste na circulação de meios de pagamento na economia para a realização das trocas e negociações diversas, ou seja, é a quantidade de moeda que atende as pessoas. A emissão ou oferta de moeda é atribuição exclusiva do governo, por meio do Banco Central. Não depende da taxa de juros, mas sim da política econômica. O critério básico que regulamenta a oferta de moeda é o crescimento econômico e a inflação.

Se a emissão de moeda for superior ao crescimento do produto da economia - o caso do excesso de liquidez – pode-se ter a inflação. Isso ocorre em função do excesso de demanda agregada que se cria diante da oferta agregada constante.

Se a emissão for inferior ao crescimento do produto – crise de liquidez - há dificuldade de realização das transações econômicas, o que pode prejudicar o sistema econômico ocasionando em queda do produto da economia e capacidade ociosa.

A oferta de moeda é também considerada como meios de pagamento, ou seja, o volume de moeda que está à disposição da coletividade.

O Banco Central do Brasil (BACEN) é o órgão executor da política monetária, portanto, regula a quantidade de moeda e crédito disponível, observando sempre o ritmo da atividade produtiva.



Você lembra o que estudamos sobre política monetária e seus instrumentos anteriormente? Já observou que os conteúdos da disciplina de Economia estão sempre relacionados um com outro.

A política monetária envolve a questão do crédito, taxa de juros, podendo ser uma política monetária restritiva ou expansiva, dependendo dos objetivos econômicos.

DEMANDA POR MOEDA

É a quantidade de moeda que as pessoas querem reter, sendo função direta da renda e função inversa da taxa de juros. Mas qual é a razão da população demandar moeda!?

Você é capaz de responder?

Vamos então analisar melhor?

As pessoas demandam moeda pelo motivo **transação, precaução e especulação**.

Analisando cada motivo separadamente, a demanda de moeda para transações e precaução depende do nível de renda, pois quanto maior a renda do país ou mesmo a renda per capita, maior a necessidade de moeda para esses dois motivos citados.

Na demanda de moeda para **transação**, a sociedade precisa de meios de pagamento, ou seja, dinheiro, para as várias transações econômicas. Exemplo: transporte, escola, alimentação, dentre outros.

As pessoas e empresas também demandam moeda pelo motivo **precaução**, ou seja, tentam se precaver quanto a um atraso num recebimento esperado, um imprevisto que pode ocorrer, demandando então a moeda como uma forma de reserva.

Já a demanda de moeda por **especulação**, vai depender do nível da taxa de juros, pois as pessoas de posse da moeda, com a taxa de juros elevadas, consegue auferir ganhos com aplicações financeiras. Logo, quanto mais elevada taxa de juros da economia, menor o volume de moeda que as pessoas retêm, pois se torna mais interessante comprar ativos que lhe dê retorno financeiro, como por exemplo, compra títulos públicos.

Dependendo do contexto econômico, com tendência de elevação da taxa Selic, ou seja, a taxa de juros básico da economia que dá parâmetro para as demais taxas, as pessoas que possuem moeda observam o que é mais lucrativo em termos de retorno financeiro, e buscam aplicar seu dinheiro.

Uma das vantagens de manter parte da riqueza na forma de dinheiro, é que como ela tem elevada liquidez, possibilita a seu proprietário analisar o que é mais viável em termos de novos negócios.

MONETIZAÇÃO E DESMONETIZAÇÃO DA ECONOMIA

Você já ouviu falar nos termos monetização ou desmonetização?

Esses termos estão interligados a inflação elevada ou inflação baixa.

Então vamos por parte!

Quando a economia apresenta elevadas taxas de inflação, podemos dizer que ocorre a desmonetização da economia. Mas o que isso representa?

Com a inflação elevada, as pessoas de posse da moeda, buscam minimizar o efeito da inflação sobre a perda de valor da moeda e buscam algum tipo de aplicação que renda juros, ou seja, as pessoas não têm o interesse em manter moeda parada sem render juros.

Quanto à monetização, esta ocorre quando a economia apresenta taxas de inflação baixa, desta forma, a coletividade pode manter dinheiro que não rende juros, já que a função reserva de valor da moeda é exercida, pois a economia se apresenta estável.



Espero que tenham conseguido compreender melhor sobre o que ocorre no sistema econômico, bem como a relação da quantidade de moeda com taxas de juros e inflação, pois esta tem papel estratégico nas decisões dos agentes econômicos.



RESUMO DA UNIDADE

Como proposta, vamos recordar alguns conceitos que conhecemos nesse módulo!?

Quando mencionamos o termo moeda, podemos observar que numa economia capitalista, têm-se inúmeras incertezas, insegurança, e a moeda é uma instituição fundamental que ameniza a incerteza. A moeda é considerada o ativo que tem maior liquidez.

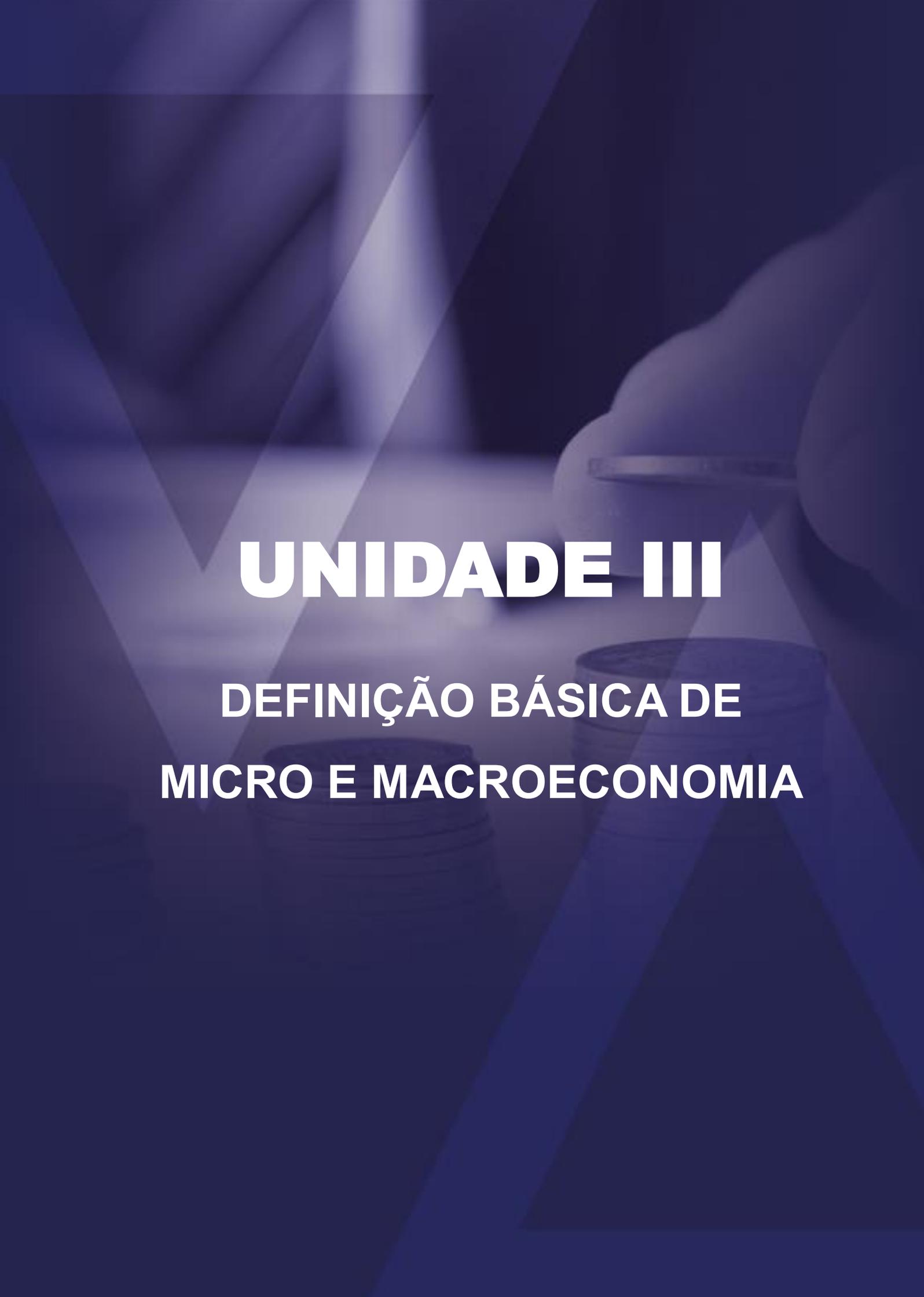
Você lembra-se da demanda de moeda!? Então, a coletividade retém moeda pelo motivo transação, precaução e especulação.

Quanto maior a renda do indivíduo, mais moeda ele vai precisar para cumprir suas transações e precauções. Quanto menor a taxa de juros, maior a demanda por moeda por esses dois motivos mencionados.

Por outro lado, quanto maior a taxa de juros, menor a demanda por moeda, pois as pessoas irão preferir manter seu dinheiro rendendo juros em algum lugar, a vê-lo perder seu valor ao longo do tempo – desvalorização da moeda. Dessa forma, a moeda é desviada do consumo contendo a demanda por bens e serviços.

A evolução do sistema econômico foi possível devido o surgimento da moeda, pois ela exerce funções fundamentais, como um meio de trocas, padrão de medida e reserva de valor.

No entanto, a última função só é possível ser exercida com uma economia estável, ou seja, com inflação baixa.



UNIDADE III

**DEFINIÇÃO BÁSICA DE
MICRO E MACROECONOMIA**



OBJETIVO

Nesta unidade vamos explicar como se dá a formação de preços de bens e serviços e de recursos produtivos em determinados mercados. Muitas questões econômicas ficam mais evidentes quando se tem o entendimento das relações microeconômicas. Serão tratadas também as leis da oferta e demanda que são os pilares básicos do sistema econômico, principalmente, o motivo pelo qual os preços oscilam.

A economia se divide em duas partes a serem estudadas, porém, a distinção e separação entre micro e macro é bastante delicada, pois os fenômenos econômicos requerem a interação dessas duas teorias para melhor funcionamento do mercado.

Veja abaixo o modelo esquemático:

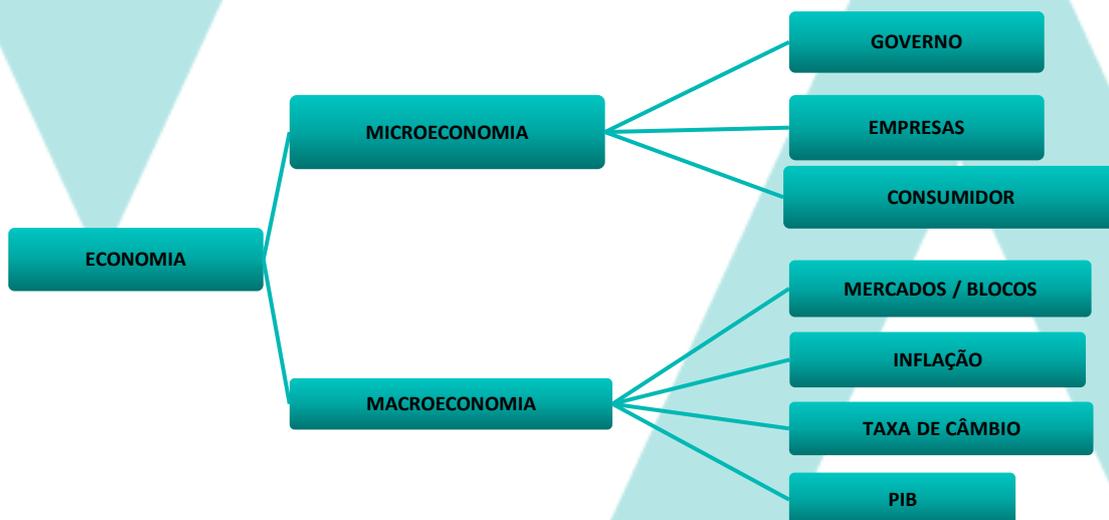


Figura 6 FONTE: O PRÓPRIO AUTOR

MICROECONOMIA

Micro (pequeno) é a parte da economia também conhecida como teoria do **consumidor** (demanda) ou teoria da **firma** (oferta). Essa parte da economia busca explicar o comportamento dos consumidores e o comportamento da firma.

Diversas variáveis podem alterar o comportamento desses dois agentes, mas, veremos que o principal fator que influencia esse comportamento são os preços. Por isso, a microeconomia também é conhecida como teoria dos preços.

✦ O que determina o preço de bens e serviços.

- ✔ Principais objetivos da teoria microeconômica.
- ✔ O que determina o salário do produtor.
- ✔ O que determina quanto vai ser produzido de uma mercadoria.
- ✔ O que determina como o indivíduo vai gastar sua renda diante de diversos bens e serviços.

O modelo de demanda e oferta é um instrumento, utilizado para explicar diversos fatores econômicos.

MACROECONOMIA

Macro (grande) busca explicar o desempenho global, ou seja, a economia como um todo. Conceito e explicação de inflação, desemprego, taxa de juros, investimento, poupança, exportação, importação etc. As decisões governamentais são explicadas pela macroeconomia.



Você seria capaz de diferenciar microeconomia e macroeconomia? Vamos então, entender melhor.

Enquanto a microeconomia se preocupa como a empresa e o consumidor interagem e definem os preços e as quantidades de bens ou serviços, em um determinado mercado, a macroeconomia se preocupa com o estudo dos agregados econômicos, ou seja, a renda nacional, inflação, taxa de emprego, desemprego, taxa de câmbio, níveis agregados de poupança e investimento, taxa de juros, medidas de oferta monetária, impostos e gastos do governo, gasto total dos consumidores, enfim, nível global de atividade econômica.

Segundo Vasconcellos e Garcia (2003, p.31), a Teoria Microeconômica não deve ser confundida como economia de empresas, pois tem enfoque distinto. A microeconomia estuda o funcionamento da oferta e da demanda na formação do preço de mercado, isto é, o preço sendo obtido pela interação do conjunto de consumidores com o conjunto de empresas, que fabricam um dado bem ou serviço. Na microeconomia prevalece a visão do mercado.

DEMANDA

Demanda ou procura (consumo) é a quantidade que os consumidores estariam dispostos a comprar de um determinado bem (produto) ou serviço em função do nível de preços, em determinado período de tempo. Todas as demais condições *ceterisparibus* (constantes).

Isto significa que, se a variável preço alterar a minha decisão de consumo, todas as demais variáveis que podem alterar o meu consumo serão ignoradas, estarão em condições *ceterisparibus*.

Vamos pensar no nosso comportamento enquanto consumidores, quais são os fatores que nos levam a consumir um bem ou serviço? Quando vamos a uma loja ou a um supermercado, quais são os fatores ou variáveis que vamos levar em consideração para adquirir um produto ou um serviço?

Fatores que diferenciam a demanda:

- ✔ Preço do bem ou serviço;
- ✔ Renda;
- ✔ Gosto;
- ✔ Preferência;
- ✔ Propaganda;
- ✔ Número de consumidores.

TIPOS DE PRODUTOS

Preço de outros bens relacionados (substitutos/complementares). **Substitutos** que não precisam ser consumidos ao mesmo tempo (suco e refrigerante; carne branca e carne vermelha). **Complementares** o consumo de um implica no consumo do outro (carro e combustível; roupa e sapato; arroz e feijão).

LEI DA DEMANDA

A lei da demanda diz que, quanto maior o preço de um bem menor a sua quantidade consumida, ou seja, se dois bens aos olhos dos consumidores são iguais ele tenderá a consumir aquele de menor preço, mas, se ele considerar fatores como qualidade, preferência, gosto, renda e propaganda, ele não tenderá a consumir o bem de menor preço. Logo, essa lei é válida se a única variável que for levada em consideração for o preço.

Quanto menor o preço, maior a quantidade consumida e quanto maior o preço, menor a quantidade consumida, se os demais fatores que alteram a demanda forem desconsiderados, ou seja, incapazes de influenciar o consumidor. Observe no gráfico 1 a representação da demanda de determinado produto com um preço específico:

Gráfico 1 – Representação Gráfica da demanda de um produto

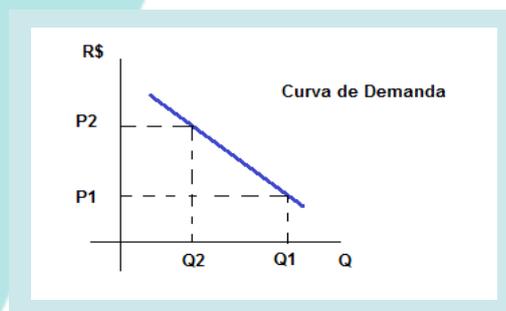


Figura 7 Fonte: o autor

Repare que se um produto tiver o preço P1 o consumidor irá comprar a quantidade Q1, ou seja, o preço estando compatível com as pretensões do consumidor ele irá comprar uma quantidade maior. Por outro lado, se o preço for aumentado e passar para P2 o consumidor irá diminuir sua vontade de compra e irá comprar menos quantidade do produto (Q2), pelo fato do preço ter subido.

Diz-se que a curva de demanda é negativamente inclinada, ou seja, caída para a esquerda, mostrando que um aumento no preço gera uma diminuição na vontade de comprar e vice-versa. Repare também que se a demanda é representada por uma reta ela tem uma equação.

TIPOS DE DEMANDA

Demanda individual: Representa as quantidades que um indivíduo está disposto a consumir de um produto ou serviço em dado período de tempo, em função do nível de preços. Representa o comportamento de um único consumidor diante dos movimentos de preços.

Demanda de mercado: Será determinada pela demanda individual. Representa o comportamento de um grupo de consumidores diante dos movimentos de preços. A demanda de mercado é a soma das demandas individuais.

LEI DA OFERTA

Quanto menor o preço, menor a quantidade ofertada e quanto maior o preço maior a quantidade ofertada, se os demais fatores que alteram a oferta forem desconsiderados, ou seja, incapazes de influenciar o produtor, estarem em condições *ceteris paribus*. Se o preço influencia a decisão do produtor de produzir mais ou menos quantidade de um produto, para validar a lei da oferta todas as demais variáveis devem ser desconsideradas.

A Lei da Oferta, também, só se aplica se o preço varia e as demais variáveis que alteram a oferta forem incapazes de influenciar a decisão do produtor. Observe como isto pode ser representado no gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2 – Representação Gráfica da Oferta

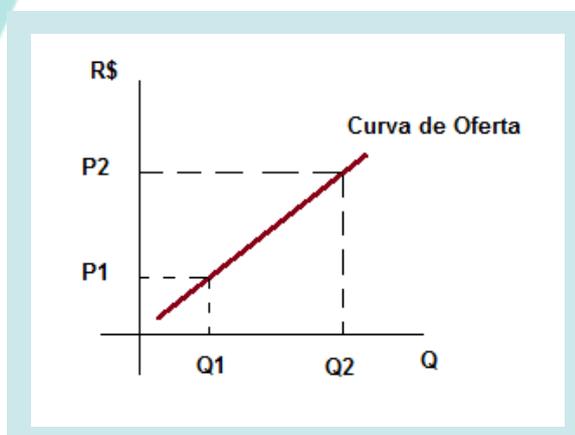


Figura 8 Fonte: O próprio autor

Quanto menor o custo e maior o preço, maior o lucro do produtor. Sendo assim, o principal fator que o produtor considera em um produto ou serviço é o preço. O lucro é a receita que é determinada pelos preços menos o seu custo de produção.

EQUILÍBRIO DE MERCADO

O mercado de um bem encontra-se em equilíbrio quando há equivalência entre oferta e a demanda desse bem, ou seja, quando as quantidades oferecidas são iguais às quantidades procuradas.

O preço para o qual as quantidades oferecidas serão iguais às quantidades procuradas chama-se preço de equilíbrio e a quantidade de equilíbrio é aquela que iguala a procura com a oferta.

Graficamente a representação do equilíbrio de mercado está mostrado no Gráfico 3 – Equilíbrio de Mercado.

Gráfico 3 – Representação do Equilíbrio de Mercado

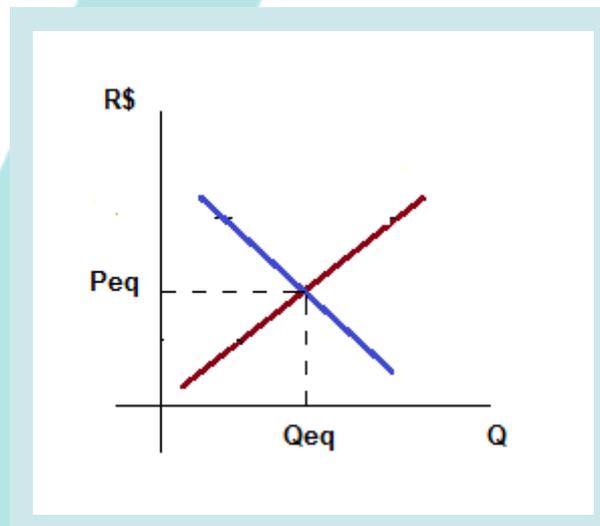


Figura 9 Fonte: O próprio autor

Dadas as equações representativas da demanda e da oferta, o preço e a quantidade de equilíbrio serão determinados na intersecção dessas duas curvas. Suponhamos, por simplificação, que ambas sejam lineares, ou retas, e que dependam apenas do preço.

Vamos exemplificar a determinação do preço e da quantidade de equilíbrio.

Suponhamos que, estatisticamente, foram calculadas as funções oferta e demanda do bem x, assim definidas por suas equações de reta:

$$D = 300 - 8P$$

$$O = 48 + 10P$$

Onde:

D - quantidade demandada do bem

O - quantidade ofertada do bem

P - preço do bem

O preço e a quantidade do bem que equilibram o mercado são calculados fazendo-se:

$$D = O$$

$$300 - 8P = 48 + 10P \rightarrow 252 = 18P \rightarrow P = 252/18 \rightarrow P = 14.$$

Para encontrarmos o valor de "Q" basta substituir o valor de "P" em qualquer uma das duas equações, ou da oferta ou da demanda. Assim, substituindo na equação da oferta, teremos:

$$Q = 48 + 10 \times 14 \rightarrow Q = 188$$

Podemos dizer que o equilíbrio de mercado é determinado pelo par ordenado **(Q,P)**

representado por **(188,14)**, ou seja, quando a quantidade for 188 e o preço for 14 todos os produtos serão vendidos e todo o mercado estará satisfeito.

MODELO DE OFERTAS

Oferta ou produção

São quantidades que os produtores estariam dispostos a oferecer ao mercado de um determinado bem (produto) ou serviço em função do nível de preços, em determinado período. Todas as demais condições *ceterisparibus*. Os produtores estão preocupados com o lucro que vão obter no produto ou serviço, como veremos no próximo módulo.

Quais são os fatores que levam os produtores a oferecerem uma quantidade maior ou menor de bens ou serviços ao mercado?

FATORES QUE INFLUENCIAM A OFERTA

- ✦ Preço do bem;
- ✦ Preço dos fatores de produção;
- ✦ Tecnologia;
- ✦ Preço de outros relacionados (subtítulos/complementares);
- ✦ Importação/exportação;
- ✦ Clima;
- ✦ Subsídios (incentivos do governo) / impostos (aquilo que pagamos ao governo).

A lei da oferta diz que quanto maior o preço de um bem maior a sua quantidade que os produtores estarão dispostos a oferecer ao mercado, devido à lucratividade que poderão obter. O lucro do empresário é determinado pela diferença entre o custo e o preço, se o custo permanece o mesmo, mas o preço aumenta o lucro será maior, ele tenderá a produzir maior quantidade desse bem ou serviço. Se o preço aumenta, mas o custo de produção também significa que seu lucro permanecerá o mesmo.

EXEMPLO I

Se o sabão em pó Omo e o Ariel, aos olhos dos consumidores, são iguais, os consumidores tenderão a levar o sabão em pó de preço mais baixo. Mas, se os consumidores considerarem que o sabão em pó Omo rende mais, mesmo que ele seja mais caro, devido a sua qualidade, vão preferir o sabão Omo mesmo que ele seja mais caro que o sabão Ariel.

EXEMPLO II

Se um produtor produz laranjas e bananas e o preço da banana aumenta, ele tenderá a reduzir a produção de laranja e de aumentar a produção de banana. Mas se o custo de produção da banana aumentar ou o clima não estiver propício a sua atitude não será a mesma.

Ele só tenderá a produzir mais bananas se o preço da banana aumenta e as demais variáveis que alteram a oferta permanecerem constantes, ou seja, incapazes de atrapalhar ou alterar de forma negativa a sua produção de bananas.

TIPOS DE OFERTA

Oferta individual: Representa as quantidades que um produtor está disposto a oferecer ao mercado, de um bem ou serviço. Será alterada por fatores como inovação tecnológica. Investimento em tecnologia vai afetar a oferta de um produtor, pois através da tecnologia ele poderá produzir mais.

Oferta de mercado: Será determinada pela soma das ofertas individuais. Representa o comportamento de mais de um produtor. A alteração nos preços levará a entrada ou saída de produtores no mercado deslocando a curva de oferta de mercado.

Os preços são determinantes da quantidade de oferta e de demanda. O preço é a principal variável na determinação das quantidades ofertadas e demandadas. Vamos aprofundar os nossos estudos sobre os preços?

Bem, este módulo termina por aqui! Mas, leia com atenção o resumo a seguir e confira tudo aquilo que abordamos nesta unidade.



RESUMO DA UNIDADE

Vamos lembrar então alguns conceitos que conhecemos para ampliar nossos conhecimentos na área econômica!?

Tenho certeza de que se lembra de que a economia é uma ciência que se preocupa com os recursos escassos (não abundantes), para a satisfação das necessidades dos seres humanos que são ilimitadas, não é mesmo?!

Além disso, você já sabe diferenciar um bem (algo tangível) de um serviço (abstrato) e depois demonstramos que a economia precisa solucionar alguns problemas como: o quê? como? quanto? e, para quem produzir?

Aposto que não esqueceu que a economia pode ser dividida em micro e macro, não é mesmo?! Depois falamos da importância da oferta e demanda e dos mecanismos de preços para a regulação do mercado. a demanda e a oferta são os pilares básicos do sistema econômico e, a variação de preços tende a equilibrar esses dois pilares. A microeconomia é também denominada de teoria de preços, devido a sua variação na busca do equilíbrio entre oferta e demanda.

A demanda representa o comportamento do consumidor, já a oferta, representa o comportamento do produtor quando esses dois agentes se encontram, isso ocorre em um espaço físico que denominamos de mercado. Se por algum motivo, eu não consigo atingir um equilíbrio no mercado, vou variar os preços buscando atingir esse equilíbrio. Dessa forma, os preços são de suma importância para atingir o equilíbrio de mercado, entre a oferta e a demanda.

A microeconomia estuda o comportamento de unidades econômicas específicas, como firmas, setores, consumidores, trabalhadores, indivíduos, proprietários de recursos, na realidade, quaisquer indivíduos ou entidade que desempenhem um papel importante no funcionamento da nossa economia.

A macroeconomia é mais abrangente, pois se preocupa com o cenário econômico nacional e internacional. explica como funciona a estrutura da economia como um todo.

Na tomada de decisões, o empresário vai tomar decisões no sentido de aumentar a capacidade produtiva da empresa, ou seja, o investimento no sentido econômico, verificando o ambiente macroeconômico.

Viu quanta coisa interessante aprendemos nesta unidade? Então, não perca tempo faça as atividades de fixação e acesse os links do material de apoio.



SUGESTÃO DE LIVRO

VASCONCELLOS, M. A. S.;
GARCIA, M. E. Fundamentos de
economia. São Paulo: Saraiva, 2003.
O livro está disponível na minha
biblioteca e na biblioteca física da
FAMINAS.



Figura

<https://www.youtube.com/watch?v=ph5Ra4vd0SE>

10-Link:



SUGESTÃO DE VÍDEO

O vídeo sugerido para esta Unidade discute um tema muito interessante: equilíbrio de mercado

Veja uma síntese da lei da oferta e da demanda e depois expresse sua opinião no Fórum Tira Dúvidas. Conto com sua participação!

A hand holding a coin over stacks of coins, with a large downward arrow overlay.

ESTRUTURAS DE MERCADO



OBJETIVOS

Anteriormente tivemos a oportunidade de entender os fatores ou variáveis que afetam a demanda do consumidor, assim como os fatores que afetam a oferta de um determinado bem ou serviço, na ótica do produtor, bem como se formam os preços dos bens e serviços no mercado.

Nesta unidade discutiremos as estruturas de mercado, ou seja, como os mercados estão organizados e quais suas próprias características no que diz respeito à oferta e demanda, conhecendo as várias formas de estruturas de mercado.

MERCADO

MERCADO: pode ser definido como o encontro entre a oferta e a demanda por bens e serviços em uma economia. O resultado desse encontro é a determinação do preço a que cada bem ou serviço será negociado, assim como as quantidades transacionadas. Outro aspecto importante são as estruturas de mercado, tendo em vista sua influência na determinação de preços e quantidades.

LEI DA OFERTA E DEMANDA E A DETERMINAÇÃO DE PREÇOS NO MERCADO



Figura 11 FONTE –
[HTTP://WWW.CONTROVERSIA.COM.BR/INDEX.PHP?ACT=TEXTOS&ID=15091](http://www.controversia.com.br/index.php?act=TEXTOS&ID=15091)

Os interesses entre ofertadores e demandadores são inversos e é justamente esse comportamento oposto que leva a uma determinação de preços no mercado.

OBSERVE

1

A um determinado preço de mercado, os ofertadores se sentem estimulados e ofertam significativa quantidade do produto. Ocorre que a preços elevados o consumidor não está interessado na compra, há então uma sobra – excesso de oferta em relação a demanda – que levará a queda do preço do produto no intuito de que o consumidor volte a se interessar pelo bem e absorva essa obra.

2

Ocorre que esse preço mais baixo desestimula o ofertador, que passa a ofertar menos produto no mercado. O preço baixo também estimula o consumidor que passa a demandar mais, logo é possível haver um excesso de demanda em relação a oferta, ou seja, falta o produto. Essa falta leva a valorização do bem, logo seu preço aumenta novamente.

3

O preço mais alto volta a estimular o ofertador e...
O processo se repete.

Supondo um mercado em concorrência perfeita ou pura, existe um elevado número de empresas ofertando um bem, porém uma única empresa de forma isolada não influencia a oferta do mercado, bem como seu preço, mas para que isso ocorra é preciso levar em consideração algumas hipóteses, como por exemplo, que os produtos ofertados pelas empresas são homogêneos, como no caso de uma dúzia de ovos. Isso significa que os produtos, como ovos, tomates que são ofertados pelas empresas concorrentes são substitutos perfeitos entre si, não podendo haver preços diferentes no mercado para estes produtos.

Outra hipótese é que não existem barreiras à entrada de novas empresas concorrentes no mercado. A entrada e saída das firmas no mercado são livres. Isso permite que as firmas menos eficientes saiam do mercado e nele podem entrar novas firmas mais eficiente.

A outra hipótese é que existe uma transparência de mercado, ou seja, as pessoas que compõem esse mercado têm o pleno conhecimento sobre preços, lucros etc.

Ocorre que a maioria dos mercados não se caracteriza pela concorrência perfeita, levando a interferências na determinação de seus preços. Caracterizar essas interferências constitui a finalidade de se estudar as estruturas de mercado.

ESTRUTURA DE MERCADO

Estrutura do mercado consiste nos elementos que determinam o grau de competição e, conseqüentemente o poder econômico dos agentes do mercado (ofertadores e consumidores), sendo seus principais elementos:

- ❖ O grau de homogeneidade do produto;
- ❖ A liberdade de entrada e saída do mercado por parte dos ofertadores;
- ❖ O número de participantes do mercado.

Segundo Vasconcellos e Garcia (2003), as formas de estruturas de mercado dependem de algumas características, como o número de empresas que fazem parte desse mercado se produz produtos diferenciados ou semelhantes, e se existem ou não barreiras a entrada de novas empresas nesse mercado.

Para os empresários, é importante saber quais são as características do mercado para o seu produto. Os mercados são classificados de acordo com a importância da empresa no mercado e com a possibilidade de diferenciação dos produtos. Estão classificados em: **concorrência pura ou perfeita, monopólio, oligopólio e concorrência monopolista ou imperfeita.**

OBSERVE

Concorrência Perfeita ou Pura

Exige um número bastante grande de empresas vendendo o mesmo produto; esse produto é idêntico para todas as empresas – produtos homogêneos. A participação individual no mercado é muito pequena – Tomadores de preços. Ex.: Mercado de produtos agrícolas.



Figura 12 FONTE –
[HTTP://OUTRAPOLITICA.WORPRESS.COM](http://OUTRAPOLITICA.WORPRESS.COM)

Vamos então, entender melhor!

Para que um mercado seja caracterizado como concorrência perfeita, são necessárias algumas condições, tais como:

1

Existência de muitos compradores e vendedores (mercado dio atomizado) de forma que nenhum possa influenciar o outro e nem o preço de equilíbrio.

2

Não existe diferença entre os produtos. eles são considerados substitutos perfeitos (homogêneos). iguais aos olhos do consumidor, não há diferenciação do produto pela marca.

3

Não existem barreiras à entrada de novos produtos no mercado. qualquer produto pode entrar neste tipo de mercado, não existindo, portanto, empecilho que não permita ou dificulte a sua entrada.

EXEMPLO

A batata inglesa vendida em um sacolão é a mesma vendida nos demais sacolões. Logo, minha preferência deverá ser pela batata inglesa oferecida pelo sacolão onde ela é mais barata. O produto, aos meus olhos de consumidor, é o mesmo, não há diferenciação entre esse produto. Se eu quiser montar um sacolão, não preciso de uma marca, de uma autorização, e não preciso de um alto investimento. Basta escolher o local e dar um nome para o meu sacolão e registrá-lo na Junta Comercial. Então, é indiferente comprar uma dúzia de ovos, ou 1 kg de tomate num grande mercado ou num mercado pequeno, pois o produto é o mesmo.

4

Como os produtos são padronizados e existem grandes números de compradores e vendedores, atitudes isoladas não vão influenciar as condições desse mercado. Os produtos não conseguem determinar preços que serão

Na prática, não há o mercado tipicamente de concorrência perfeita no mundo real e o que mais se aproxima desse modelo é o de hortifrutigranjeiros (VASCONCELLOS; GARCIA, 2003).

MONOPÓLIO

No monopólio, temos apenas uma empresa! Ela vende um produto para o qual não existem substitutos, tem grande importância e poder de mercado, evitando entrada de concorrentes. Caso difícil de ser verificado na iniciativa privada, mas comum no setor público – monopólios naturais.

O monopólio é o inverso da concorrência perfeita, pois:

- Existe apenas um vendedor, só uma empresa dominando a oferta do produto no mercado. A empresa é única. Não há concorrência.
- Não há, no mercado, produtos substitutos (produto único).
- Não há empresas competidoras. Existem barreiras à entrada de novos produtos nesse tipo de mercado. O ingresso é impossível neste mercado, pois, se entra outra empresa, ela deixa de ser a única e não haverá mais monopólio.
- As empresas monopolistas conseguem influenciar e determinar os preços que vão oferecer seu produto no mercado, pois, seu produto é único.
- Devido à dominação que existem nesse mercado, eles dificilmente recorrem à publicidade por não possuírem concorrentes.

EXEMPLO

A CEMIG, em Belo Horizonte, é um exemplo de monopólio, pois, é a única a oferecer energia elétrica, na cidade. Ou seja, nossa energia elétrica é um tipo de serviço prestado unicamente pela empresa CEMIG (Companhia de Energia de Minas Gerais). Logo, na cidade de Belo Horizonte se quisermos adquirir energia elétrica, temos que solicitar esse serviço a essa empresa.

OLIGOPÓLIO

É uma estrutura intermediária entre a concorrência perfeita e o monopólio puro, número pequeno de grandes produtores, o suficiente para que cada empresa seja importante. As ações de uma afetam as demais assim como aos preços. Produtos diferenciados – grande importância das marcas. Ex.: **automóveis, eletrodomésticos, sabão em pó.**

Podemos então caracterizar o oligopólio da seguinte forma:

- Pequeno número de empresas dominando o mercado ou poucas empresas domina o mercado.
- Produzem produtos diferenciados (como a indústria automobilística) ou padronizados, homogêneos (como cimento, alumínio). Os produtos são poucos, não há muita concorrência e eles são diferenciados por marcas, qualidade, serviços prestados.
- Como há um pequeno número de empresas dominando o mercado, poderá ocorrer controle de preços como acordos, conluios. As empresas procuram diferenciar os seus produtos, o que irá influenciar nos preços. Neste mercado, são praticados os cartéis, onde as empresas combinam o mesmo preço de venda.

- As empresas criam barreiras à entrada de novos concorrentes. Se novas empresas entram no mercado, as grandes irão procurar derrubar as pequenas. Por isso, se uma empresa entrar neste tipo de mercado, ela terá que realizar altos investimentos para permanecer no mercado e brigar com as demais.

Nos setores que requerem um elevado nível de investimentos, tendem a ser oligopolizados. As quantidades ofertadas e os preços são fixados por meio de conluíus ou cartéis.

Vocês já devem ter visto na mídia muitas informações sobre **cartéis**, não é verdade? Então! O cartel é um tipo de organização de ofertantes (**empresários**) dentro de um setor específico, que **combinam os preços**.

Um exemplo típico de empresas que são acusadas de formação de cartéis são os postos de combustíveis.



São as empresas que se situam entre os dois extremos, o da concorrência perfeita e do monopólio.

EXEMPLO I

No ramo da telefonia móvel, antes havia um monopólio em Minas Gerais, uma vez que esse serviço era ofertado apenas pela TELEMIG. Com o processo de privatização, ocorreu uma abertura no mercado e essa empresa deixou de ser um monopólio; seu mercado passou a se caracterizar como um mercado de oligopólio, pois, outras empresas passaram a oferecer este serviço. No entanto, o número de empresas ainda é pequeno: OI, VIVO, CLARO e TIM. Outra característica desse mercado é que não é fácil ingressar, por exemplo, para o mercado de telefonia, é necessária toda uma licitação e autorização da ANATEL. Não se abre da noite para o dia uma empresa de telefonia celular, ou seja, existe certo controle deste tipo de mercado e elevado grau de investimento.

EXEMPLO II

O mercado de refrigerantes é um bom exemplo de concorrência imperfeita ou monopolística. Quando vou consumir um refrigerante de cola, posso escolher entre a Coca-Cola, Pepsi -Cola, Del-Rey-Cola dentre outros. Existem diferenças entre esses produtos em relação ao preço, gosto e preferência. Todos são refrigerantes de cola, mas são diferenciados pela qualidade e pela marca. Essa é uma característica que diferencia o mercado da concorrência imperfeita do mercado de concorrência perfeita.

CONCORRÊNCIA MONOPOLISTA OU IMPERFEITA

Características

1. Grande número de empresas.
2. Existe diferenciação entre os produtos, através de marcas e patentes. Esse mercado se diferencia do mercado de concorrência perfeita, uma vez que, neste mercado, o produto, aos olhos do consumidor, é diferenciado pela marca, serviços, pós-venda, embalagem, dentre outras.
3. O grau de diferenciação possibilita, ao produtor, controlar os preços do seu produto, mas não de maneira total, pois existem substitutos próximos que atendem o consumidor.
4. Para entrar nesse mercado, será preciso criar um novo produto ou marca.

Na concorrência monopolística, temos um número grande de pequenos produtores, de modo que cada produtor individualmente não é importante. Produzem o mesmo produto que, para os consumidores, possuem diferenciações – altamente substituíveis entre si. Ex.: fábrica de roupas, produtos têxteis, prestação de serviços.

Vocês perceberam que as estruturas de mercado identificadas até então, analisaram o lado da oferta (estruturas de mercados de bens e serviços), ou seja, envolveram a concorrência perfeita, o monopólio, oligopólio e a concorrência monopolista. Existe também o lado da demanda, ou seja, estruturas do mercado de fatores de produção que apresenta estruturas de mercado diferentes. Neste mercado, os setores que produzem os bens e serviços demandam insumos, recursos produtivos, caracterizando assim, a concorrência perfeita no mercado de fatores.

Vocês perceberam que as estruturas de mercado identificadas até então, analisaram o lado da oferta (estruturas de mercados de bens e serviços), ou seja, envolveram a concorrência perfeita, o monopólio, oligopólio e a concorrência monopolista. Existe também o lado da demanda, ou seja, estruturas do mercado de fatores de produção que apresenta estruturas de mercado diferentes. Neste mercado, os setores que produzem os bens e serviços demandam insumos, recursos produtivos, caracterizando assim, a concorrência perfeita no mercado de fatores.

Conforme Vasconcellos e Garcia (2003) existem uma grande oferta de um recurso produtivo, como mão-de-obra e o preço se mantém constante. Como existe muitos fornecedores, eles não conseguem elevar o preço de seus serviços, no caso, salários.

Além do caso da concorrência perfeita para o caso de muitos consumidores e muitos ofertadores, ocorrem também os oligopsônios – poucos compradores de um determinado produto e muitos ofertantes de fatores de produção – e os monopsônios – somente um comprador de um determinado fator de produção.

Você consegue imaginar essas estruturas do mercado de fatores de produção!?

Vamos então exemplificar.

MONOPSÔNIO E OLIGOPSÔNIO

Para o **monopsônio**, podemos exemplificar uma cidade onde haja uma única indústria de laticínios que compra leite de vários produtores rurais, ditando também o preço que pagam pelo litro de leite.

Já o **oligopsônio**, podemos exemplificar uma cidade em que existam poucas fábricas de suco (duas ou três) que adquirem frutas de muitos produtores. As fábricas ditam o preço que querem pagar pelas frutas, até porque são produtos perecíveis, então o ofertante não tem muita opção de escolha na própria região.

Percebe-se, portanto, que conhecer a estrutura dos mercados é fundamental para a compreensão da determinação de preços na economia, tanto para o consumidor final quanto para o produtor de fatores de produção.

Vamos lá?

Temos vários casos recentes como o caso de cervejarias (AMBEV), Itambé com a Vigor (em BH). Mas, um caso muito interessante na década de 1990 foi a fusão da Colgate com a Kolykos. Como as duas juntas dominavam o mercado, o CADE determinou que essa fusão deveria retirar a marca Kolykos do mercado e a criação de uma nova marca. Assim, a

Kolynos, substituiu seu nome 'Kolynos', por 'Sorriso', depois de alguns anos o CADE permitiu que a marca Kolynos retornasse ao mercado.



RESUMO DA UNIDADE

Vamos lembrar então alguns conceitos que conhecemos sobre estruturas de mercado para ampliar nossos conhecimentos!?

Lembram que vimos que na concorrência pura ou perfeita existe um número expressivo de firmas, com produto homogêneo, não existindo barreiras à entrada ou à saída de firmas. na prática abordamos que não existe um mercado de concorrência perfeita no mundo real, sendo talvez o mercado de hortifrutigranjeiros o mais próximo.

Na concorrência imperfeita temos o monopólio, oligopólio e a concorrência monopolística.

Vocês recordam que na concorrência imperfeita existe um número elevado de firmas que produzem produtos semelhantes, mas a diferença entre os produtos está na qualidade, pós-vendas, informações ao consumidor, dentre outros. embora os produtos sejam diferenciados, ainda assim, são substitutos próximos, o que permite ao consumidor ter opção de escolha por preços menores.

CURIOSIDADE

Já ouviram falar do CADE (Conselho Administrativo de Defesa Econômica)? Muitas vezes, uma empresa que está em um mercado de oligopólio, pretende fazer uma fusão ou aquisição de outra. Essa fusão ou aquisição terá que ser autorizada pelo CADE que julga, por exemplo, se essa fusão ou aquisição poderá prejudicar os consumidores ou a concorrência de mercado.

Sugestão de leitura para a unidade estruturas de mercado: GREMAUD, Amaury Patrick et al. Introdução à economia. São Paulo: Atlas, 2007.





SUGESTÃO DE LIVRO

SINOPSE

Na economia as estruturas de mercado ou formas de mercado descrevem os mercados e seus componentes, definindo a capacidade e a possibilidade de se operar tais em concorrência ou não no mercado. O estudo das formas de mercado avalia o tamanho e a capacidade que tem uma empresa para deter poder de mercado e definir o preço de um produto homogêneo. Às vezes as condições para a deter poder de mercado são restritas, existindo muito poucos mercados com o pleno poder. Portanto algumas estruturas podem servir somente como ponto de referência para avaliar outros mercados no mundo real.

VICECONTI, Paulo Eduardo Vilchez; NEVES, Silvério das. Introdução à Economia. 4 ed. São Paulo: Frase, 2000.

O livro está disponível na biblioteca da FAMINAS.

SINOPSE

Em economia, monopólio designa uma situação particular de concorrência imperfeita, em que uma única empresa detém o mercado de um determinado produto ou serviço conseguindo, portanto, influenciar o preço do bem comercializado.

DIAZ, M. D. M. Monopólio. In: GREMAUD, A. P. et al. Introdução à economia. São Paulo: Atlas, 2007, p. 103-112.

O livro está disponível na biblioteca da FAMINAS.

A hand holding a coin over stacks of coins, with a large downward-pointing arrow overlay.

ESTUDO DE CASO



Vimos anteriormente, as várias formas de estruturas de mercado.

Então vamos a um estudo de caso sobre monopólio para ampliar nossos conhecimentos!

MONOPÓLIO

Revista Veja de 11-02-2004

Carlos Rydlewski.

Segundo Rydlewski (2004 apud DIAZ, 2007, p. 104), a Garoto caiu do ninho: a estratégia mundial de aquisições da Nestlé de empaca no Brasil com decisão do Conselho Administrativo de Defesa Econômica – CADE de desfazer a compra da Garoto.

Para uma empresa como a Nestlé, que fatura globalmente 70 bilhões de dólares por ano, ser obrigada a cancelar a compra da fábrica de chocolates Garoto no Brasil significa abrir mão de apenas 0,5% das receitas. O faturamento anual da Garoto é de 200 milhões de dólares, quase 600 milhões de reais, ou cerca de um quinto de todo o mercado de chocolates no Brasil. Esses números ajudam a dar a dimensão da suíça Nestlé, cuja estratégia é ser a mais global das empresas de alimentos. Ela já é. Com 255.000 empregados espalhados por mais de 500 fábricas, a Nestlé está presente em 85 países. Produz best-sellers como o leite Moça, a farinha láctea, o leite em pó Ninho, o caldo Maggi e o Nescafé.

Está a 82 anos no Brasil, onde emprega 15.000 pessoas. Na semana passada, a matriz na cidade suíça de Vevey foi informada de que o CADE, órgão que julga casos de concentração de mercado, decidiu vetar a compra da Garoto pela Nestlé efetuada em fevereiro de 2002 por 560 milhões de reais.

Por 5 votos a 1, os conselheiros do CADE acharam que a empresa suíça não poderia ficar dona de 58% do mercado brasileiro sem que isso prejudicasse os consumidores pela excessiva concentração do mercado, em que gera favorece o aumento de preços.

Analisando o estudo de caso, podemos observar a importância do CADE e sua atuação no mercado.

A Nestlé teria um grande poder de mercado após a fusão, podendo prejudicar os consumidores com preços mais elevados, embora não seja isso sua alegação.

A Nestlé defendia a fusão como forma de redução nos custos de produção, eficiência e queda de preços.

Explicando - fusão → duas ou mais companhias se unem e formam outra empresa no mercado. A administração geralmente fica concentrada nas mãos da maior. As empresas alegam que a fusão proporciona redução nos custos de produção e conseqüentemente nos preços de mercado, no entanto, pode conduzir a práticas monopolistas.

De acordo com Diaz (2007, p. 103),

a empresa resultante da fusão deteria 58,4% do mercado de chocolates sob todas as formas, sendo que em alguns setores esta parcela seria consideravelmente mais elevada, como por exemplo os 88,5% do mercado de chocolate de cobertura e 65% do mercado de caixa de bombons. Com isso, teme-se a possibilidade de a empresa promover uma política de aumento de preços que prejudique os consumidores.

Podemos observar que no monopólio existe concorrência entre os consumidores, pois uma única grande empresa oferta um bem ou serviço para o qual não há substituto próximo. Neste caso, a empresa é representada como único produtor, ficando numa situação altamente privilegiada, definindo preços e quantidades, logo, tem grande poder de mercado.



RESUMO DA UNIDADE

Fusão é a operação, de ordem financeira e jurídica, por meio da qual duas ou mais pessoas jurídicas juntam seus patrimônios a fim de formarem uma nova sociedade, conseqüentemente deixando de existir individualmente. Difere da incorporação, quando uma das pessoas jurídicas continua a existir, absorvendo o patrimônio da(s) demais.



INDICAÇÃO DE VÍDEO

O vídeo sugerido para esta Unidade discute um tema muito interessante: monopólio.

Veja a opinião do site EconomiX - Monopólio x Oligopólio, sobre o tema e depois expresse sua opinião no Fórum Tira Dúvidas. Conto com sua participação!



Figura 13 LINK
<https://www.youtube.com/watch?v=J-DKB7jfijw>

The background features a close-up of hands counting coins, with a large, semi-transparent downward-pointing arrow overlaid on the left side. The entire scene is tinted with a dark blue color.

UNIDADE IV

INFLAÇÃO



OBJETIVO

Proporcionar o entendimento do cenário atual da economia brasileira, bem como as medidas adotadas pela equipe econômica do governo para controlar a inflação, já que este é um problema que esteve presente por muitos anos na vida dos brasileiros, forçando inclusive, a aplicação de vários planos econômicos, dentre eles, o Plano Cruzado I e II, Bresser, Verão, Collor I e II e por fim o Real.

Sempre nos deparamos com o termo inflação na mídia. Você já observou? A preocupação da equipe econômica é mantê-la dentro de um intervalo estabelecido, que atualmente está entre 1,5% e 4,5% ao ano, Estes intervalos são reavaliados pelo CMN – Conselho Monetário Nacional. Há dois anos o regime de metas propunha um mínimo de 2,5% e um máximo de 6,5% ao ano.



INFLAÇÃO

Dentre as metas de política macroeconômica, o governo busca alcançar a estabilidade de preços, ou seja, o controle da inflação. Assim, podemos considerar que a inflação é o aumento contínuo e generalizado no nível geral de preços na economia em determinado período. Se ocorrer uma alta de preços de apenas um produto, como por exemplo, o tomate, esta alta isolada, embora apareça nos índices de inflação, é considerado um problema pontual deste produto, podendo ser resolvido na próxima safra.

As fontes de inflação se diferem em função da estrutura de mercado, grau de abertura comercial e estrutura das organizações trabalhistas.

TIPO DE INFLAÇÃO

Inflação de demanda: (ou dos compradores) tem como causa a elevação da demanda agregada, ou seja, aumento da procura pelos produtos, em ritmo maior ao ofertado. Então podemos considerar que a inflação de demanda é causada em função da demanda de mercado muito superior a produção, oferta de bens e serviços menor que a procura. Uma redução no preço dos produtos motiva a aceleração da demanda. Ou ainda, um excesso de

moeda no mercado impulsiona o consumo. Quando a inflação está alta, já observou que a equipe econômica se utiliza de um instrumento clássico de controle da inflação que é a elevação da taxa de juros? É comum também ouvir os jornais informando sobre a Selic! Você está lembrado?

O Copom, do Banco Central (BC), eleva a taxa básica de juros da economia (Selic) quando existe ameaça de pressões inflacionárias. O objetivo do COPOM é cumprir a meta de inflação através da taxa de juros. A meta de inflação teve início a partir 1999), é definida pelo governo. Ano após ano o governo determina seu horizonte de metas com cortes que podem chegar a 0,25% nos intervalos superior, médio e inferior. Hoje, o regime de metas inflacionárias tem a seguinte formatação:

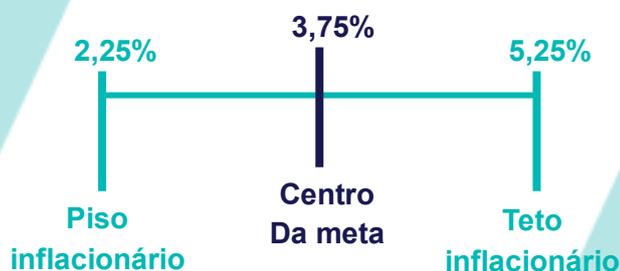


Figura 14 FONTE: O AUTOR

A Selic fornece um parâmetro para as demais taxas de juros de economia, como o cheque especial, financiamentos, cartão de crédito, dentre outros.

Para combater o processo inflacionário de demanda, todos os instrumentos utilizados estão no sentido de enxugar os meios de pagamento, ou seja, retirar dinheiro da economia, assim, a política econômica concentra seus esforços para reduzir a demanda agregada.

Podemos destacar alguns instrumentos para combater a inflação de demanda, como por exemplo, a elevação dos impostos, a redução dos gastos do governo semelhante ao aumento de investimentos, o que eleva o emprego, renda, consumo na economia. É possível também controlar o crédito, através da política monetária restritiva, elevar a taxa de juros e o grau de abertura comercial, pois elevam a competitividade, fatores que reduzem os preços internos.

Inflação de custos: ocorre a elevação dos custos dos fatores de produção e essa elevação é repassada para o preço final do produto, retraindo oferta e elevando os preços, embora a demanda permaneça a mesma. Nesse caso, é comparada a inflação de oferta (choque de oferta). A quantidade ofertada é reduzida e os preços se elevam.

Algumas das causas da inflação de custos de produção, são, por exemplo, os aumentos salariais, acima do nível da produtividade da mão-de-obra, gerando um aumento nos custos unitários de produção e preço final dos produtos. Outro exemplo,

seria um aumento no preço dos combustíveis encarecendo o preço do frete, uma vez que os combustíveis fazem parte de sua composição.

Em síntese seria dizer que uma elevação nos preços dos insumos, acarreta aumento dos preços dos produtos finais. Segundo Garcia e Vasconcellos (2003, p. 182), na década de 1970 ocorreram às crises do petróleo, elevando o preço desse insumo e repassando para os custos de produção, em especial, custos de transporte e energia com base no diesel.

Dependendo da estrutura de mercado, conteúdo estudado na unidade 3, ou seja, como os mercados estão organizados, se ele é concentrado, com empresas tendo poder de oligopólio e monopólio, elas conseguem elevar seus preços e conseqüentemente, seu lucro, mesmo que a economia esteja passando por um processo de estagflação, ou seja, queda do crescimento econômico e atividade produtiva combinado com taxas elevadas de inflação.

A política usada para combater a inflação de custos concentra-se em controlar os preços dos produtos, no entanto, a medida de tabelamento de preços que já foi adotada na economia, especialmente no Governo Sarney (1986), não se demonstrou eficaz, pois o tabelamento de preços não permite abarcar todos os preços da economia. Além disso, busca-se também fiscalizar melhor os lucros dos setores concentrados e fazer uma política salarial restritiva.

Inflação inercial: refere-se à ideia de memória inflacionária, onde o índice atual é a inflação passada mais a expectativa futura. Podemos dizer que é uma cultura de inflação. Nos anos de inflação no Brasil os analistas e comerciantes diziam que a inflação do mês seguinte seria a do mês em vigor mais um pequeno diferencial. Criava-se, mesmo sem certeza, a expectativa de um índice crescente.

Inflação reprimida: os preços não sobem, ou sobem pouco, devido às medidas do governo, contendo os preços via tabelamento, racionamento, congelamento etc.).



O CONGELAMENTO DE PREÇOS E O PLANO CRUZADO

O Plano Cruzado foi um plano econômico lançado em 28 de fevereiro de 1986, durante o governo de José Sarney. Tinha como principais objetivos a redução e controle da inflação, que na época era muito elevada.

Principais medidas econômicas do Plano Cruzado

- Criação de uma nova moeda, o Cruzado (Cz\$), em substituição aos cruzeiros;
- Congelamento dos preços de produtos e salários por um ano.

Efeitos na economia

- Nos primeiros meses houve o controle inflacionário com o congelamento de preços;
- Após alguns meses, começou a faltar mercadorias nos supermercados. Como não podiam reajustar os preços, muitos empresários e fazendeiros resolveram não colocar seus produtos a venda. O resultado foi o desabastecimento no país;
- No final de 1986, o Plano Cruzado deixou de funcionar e a inflação voltou a crescer.

DISTORÇÕES PROVOCADAS POR ELEVADAS TAXA DE INFLAÇÃO

Num processo inflacionário todos saem perdendo. Imagine que você tem uma renda mensal que compra uma quantidade de bens e paga por serviços que maximizam sua satisfação. Quando os preços se elevam, com a mesma renda, você não adquire mais a mesma quantidade de bens e serviços.

Sabe por que isso ocorre!? Porque a inflação corrói o poder de compra.

A inflação acarreta efeitos sobre a distribuição de renda, e os trabalhadores de renda mais baixo são os que mais perdem. Não é possível a esses trabalhadores manterem aplicações financeiras, então, quando recebem um reajuste de salários, o seu poder de compra é ainda menor.

Outro efeito é sobre as finanças públicas do governo. Quando o governo recebe os impostos, a inflação também corrói a arrecadação de impostos do governo.

A inflação elevada também afeta o balanço de pagamentos que é como se fosse o registro contábil e estatístico de uma grande empresa, considerando o Brasil.

Curiosidade: Em 1985 a economia brasileira passou por um período de hiperinflação, onde a inflação encontrava-se extraordinariamente elevada.

Já o termo deflação, ocorre uma queda geral e sistemática de preços, porém, se for por um período longo, demonstra queda da atividade produtiva do país.

No balanço de pagamentos, temos a balança comercial que envolve as importações e exportações. Se os preços internos dos produtos estão muito elevados em função da inflação, é viável a importação. Logo, se o país importa mais que exporta, gera um déficit na balança comercial que obriga as autoridades oscilarem a taxa de câmbio, ou elevar as tarifas para inibir as importações.

O efeito de uma inflação alta faz o crescimento econômico de o país patinar, pois gera distorções sobre as expectativas dos empresários, que ficarão cautelosos em aumentar o ritmo da capacidade produtiva da sua empresa, ou seja, aumentar os investimentos no sentido econômico, com isso, a produção é menor, o nível de emprego também, a renda e o consumo.

Podemos fazer um paralelo com a teoria que estamos estudando e a prática!



Qual o cenário econômico da economia brasileira atualmente!? A inflação está baixa? E a taxa de juros? Quais são as perspectivas?

O CÁLCULO DA INFLAÇÃO

Para facilitar o entendimento de como se calcula a inflação, vamos supor que uma cesta de consumo relevante para um certo grupo de consumidores, em uma determinada região e um certo período, seja composta de três produtos – A, B e C –, cujas quantidades consumidas por uma família típica são iguais a 10, 5 e 15 unidades, respectivamente. Vamos supor que os preços desses três itens são coletados em três meses consecutivos. Tudo isso está ilustrado na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1 – Exemplo de Cálculo de Índice de Inflação

PREÇO UNITÁRIO					GASTO MENSAL		
PRODUTO	QUANTIDADE CONSUMIDA	Mês 1	Mês 2	Mês 3	Mês 1	Mês 2	Mês 3
A	10	8	10	10	80	100	100
B	5	5	6	6	25	30	30
C	15	4	3	5	60	45	75
GASTO TOTAL					165	175	205

FONTE: VASCONCELLOS (2015) ADAPTADO

Matematicamente, a inflação, cujo símbolo na economia é π , entre dois períodos, é calculada como a variação percentual do valor inicial e final da cesta de produtos entre dois períodos sucessivos:

$$\text{Inflação} = \frac{P_{\text{final}} - P_{\text{inicial}}}{P_{\text{inicial}}}$$

No mês 1, família gastou R\$ 165, ou seja, $[(10 \times 8) + (5 \times 5) + (15 \times 4)]$. Entretanto, ao consumir outras quantidades no mês 2, esta família gastou R\$ 175, ou seja, $[(10 \times 10) + (5 \times 6) + (15 \times 3)]$.

Neste exemplo, a inflação entre o mês 1 e o mês 2 é dada pela variação proporcional do valor da cesta entre os dois momentos, ou seja:

$$\pi_{1,2} = (175 - 165) / 165 = 0,0606 \times 100\% = \mathbf{6,06\%}.$$

Inflação entre os meses 1 e 2 = 6,06%

Seguindo o mesmo raciocínio, observe que a inflação entre os meses 2 e 3 é dada por

$$\pi_{2,3} = (205 - 175) / 175 = 0,1714 \times 100\% = \mathbf{17,14\%}.$$

Inflação entre os meses 2 e 3 = 17,14%



SUGESTÃO DE LIVRO

Como sugestão de leitura, indico estes dois livros:

- **ROSSETTI**, José Paschoal. Introdução a economia. 20 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VASCONCELLOS M. A, TONETO JR. R., SAKURAI, S., Economia Fácil – São Paulo: Saraiva, 2015 232p. Disponível em

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788502634473/pageid/0>



RESUMO DA UNIDADE

Você se lembra que a inflação é a elevação generalizada no nível de preços.

Então, podemos distinguir a inflação de demanda e de custos. Na inflação de demanda a oferta de mercado é relativamente rígida no curto prazo. Os preços se elevam devido um excesso de dinheiro em relação à oferta (produção) da economia.

Já a inflação de custos, é fácil associar, está ligada aos aumentos nos custos dos recursos produtivos, que eleva os preços e retrai a oferta.

Quanto ao regime de metas de inflação é de 4,5%.

O Comitê de Política Monetária (COPOM) é o canal pelo qual o Conselho Monetária Nacional dita as regras sobre a política monetária.

- O COPOM fixa juros básicos da economia (Selic) para cumprir as metas de inflação.

The image features a dark blue background with a large, semi-transparent downward-pointing arrow on the left side. In the center, a hand is shown holding a coin, positioned above two stacks of coins. The overall scene is dimly lit, emphasizing the textures of the coins and the hand.

**POLÍTICAS
MACROECONÔMICAS**



OBJETIVOS

Proporcionar o entendimento dos fatos econômicos que ocorrem no país, para a compreensão da política econômica adotada pelo governo e seus impactos nas principais variáveis macroeconômicas.

Você deve estar atento aos fatos econômicos que os noticiários expõem, não é mesmo!? São tantas informações! Mesmo que você não se interesse o bastante pelo contexto econômico, a economia é muito dinâmica e faz parte do nosso dia a dia. Logo, se o governo faz uma política monetária restritiva, vai ter impacto direto na tomada de decisões, quanto a um empréstimo ou financiamento.

Como proposta, vamos entender isso melhor?!

POLÍTICAS MACROECONÔMICAS

Ocorre a intervenção do governo na economia com o objetivo de manter o crescimento econômico num ritmo elevado, bem como, os níveis de emprego, tendo a preocupação com a estabilidade de preços.

O governo lança mão de medidas que possam influenciar os agregados macroeconômicos, assim, consegue influenciar a capacidade produtiva da economia, no entanto, pretende reduzir as taxas de desemprego, alavancar o crescimento econômico e controlar a inflação. Veja as políticas macroeconômicas:

- ✦ **POLÍTICA FISCAL** – decisões e ações relacionadas com as despesas e receitas dos governos.
- ✦ **POLÍTICA MONETÁRIA** – medidas que objetivam controlar o volume de dinheiro circulante.
- ✦ **POLÍTICA CAMBIAL (EXTERNA)** – finalidade de manter o equilíbrio do balanço de pagamentos.
- ✦ **POLÍTICA DE RENDAS (COMERCIAL)** – redistribuição de renda e justiça social.

O governo atual, por exemplo, elegeu a redução da taxa de juros como bandeira principal, já perceberam!? Em conjunto com esta redução, tem a preocupação também de controlar a inflação, um problema econômico que afetou muitos governos.

O governo de Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, deu ênfase à estabilidade econômica e isto continua sendo um desafio para os governos que o sucederam.

Podemos observar que as políticas econômicas adotadas têm o objetivo de minimizar as flutuações econômicas, resgatando a estabilidade de preços, emprego e o nível de atividade econômica.

POLÍTICA MONETÁRIA

Quanto à política monetária e as demais políticas que podem ser adotadas, temos informações todos os dias na mídia, mesmo não usando os termos técnicos que temos oportunidade de conhecer melhor aqui. Podemos então entender, a política monetária como a forma direta que o governo interfere sobre o nível da taxa de juros, se vai ter um viés de alta ou baixa, além da sua intervenção sobre o crédito disponível e a quantidade de moeda. Essa política busca manter o bom funcionamento do sistema econômico e a sua liquidez.



A política monetária busca a estabilidade de preços, ou seja, o controle da inflação, visando fornecer um ambiente propício para o crescimento econômico do país. Para isso, o governo utiliza alguns instrumentos, tais como:

Emissão de Moeda: O Banco Central do Brasil (Bacen) pode controlar o volume de moeda na economia, determinando a quantidade de moeda e emissões, no entanto, não usa simplesmente imprimir cédulas de reais para cobrir seus déficits, para não gerar no longo prazo, inflação.

Recolhimento compulsório (depósito compulsório): percentual sobre os depósitos que os bancos comerciais colocam à disposição do Banco Central.

Redescontos bancário, é um instrumento de política monetária no qual ocorre a liberação de recursos do Bacen aos bancos comerciais, ou seja, são empréstimos concedidos aos bancos comerciais para cobrirem um débito, por exemplo. A concessão de assistência financeira a instituições evita problemas futuros, como desequilíbrios, que podem causar eventuais inseguranças no Sistema Financeiro Nacional.

SIMPLIFICANDO O ENTENDIMENTO

Hoje o recolhimento compulsório dos bancos está em 25% do saldo total diário entre depósitos e saques de todas as agências do Brasil. Se ao final do dia um determinado banco fechou seu caixa positivo em 1.000 unidades monetárias, terá que enviar ao Banco Central 250 unidades monetárias. Portanto terá apenas 750 unidades monetárias para oferecer crédito às pessoas.

Operações de mercado aberto ou *open market*, refere-se à compra e venda de títulos públicos do governo no mercado. Se o governo vender seus títulos, o efeito é reduzir a quantidade de moeda do sistema econômico. Se o governo compra os títulos, eleva a quantidade de meios de pagamento, pois paga em dinheiro os portadores dos mesmos no mercado.

Taxa de Juros: O Banco Central também influencia a quantidade de moeda disponível no mercado, pois pode limitar o crédito, através de regulamentações, bem como o estabelecimento de nova taxa de juros no mercado.

O governo pode fazer o uso de uma política monetária restritiva (contracionista) ou de expansão (expansionista). Depende do objetivo da política econômica.

Caso o objetivo econômico num dado momento seja aumentar o nível de emprego e atividade econômica, todos os instrumentos utilizados são no sentido de elevar o volume de moeda na economia, logo, podemos dizer que está ocorrendo uma política monetária expansionista, ou seja, a economia terá mais dinheiro disponível, o que impacta na renda e nível de produto, ou seja, no PIB.

No caso de uma política monetária restritiva, o objetivo é conter o processo inflacionário, assim, todos os instrumentos de política monetária estão no sentido de tirar dinheiro da economia, contendo a demanda de mercado.

As nossas decisões de consumo ou as decisões de investimento dos empresários no sentido de aumentar a capacidade produtiva, estoques, aumento de preços, são diretamente influenciadas pela quantidade de moeda disponível no mercado e seu custo. De modo geral, a forma que a política monetária é conduzida no sistema econômico, causa impactos na estrutura produtiva.

EXPLICANDO

Os subsídios são benefícios concedidos a empresas ou pessoas, pagos pelo governo. Pode ser um benefício concedido a consumidores através de preços mais baixos do que o preço que o mercado iria oferecer. Pode ocorrer o subsídio direto ou indireto. No caso do subsídio direto, o governo pode comprar um produto por um preço mais elevado que o preço de mercado, como por exemplo, a compra de trigo de produtores que tiveram prejuízo na lavoura, devido a pragas, condições climáticas etc. Quanto ao subsídio indireto, o governo pode conceder empréstimos a uma taxa de juros mais baixa que a do mercado. Esses empréstimos podem ser destinados para fomentar o crédito a algum setor, como por exemplo, a agricultura.

POLÍTICA FISCAL

“Ocorre efeitos na economia devido ao uso de instrumentos de política monetária, como a mudança na liquidez dos bancos e a alteração no custo do dinheiro”. (PINHO; VASCONCELLOS, 2003).

Está relacionada à administração das contas tributária. A política tributária relaciona-se com os impostos, assim como as suas alíquotas.

A política fiscal envolve impostos, subsídios e gastos do governo. Esta política pode ser dita como política fiscal expansionista ou contracionista. Caso ocorra a redução de subsídios e aumento de impostos, a política fiscal é considerada como contracionista. No caso da elevação dos subsídios ou redução dos impostos, a política fiscal é considerada expansionista.

Sabemos que a carga tributária brasileira é bastante elevada! O motivo pelo qual o governo não reduz os impostos, é que ele precisa fechar suas contas, para isso, precisa arrecadar.



Figura 15 FONTE: https://br.images.search.yahoo.com/yhs/search;_ylt=AwrC3L4al59dRCgAZAlf7At;_ylu=X3oDMTB0N2Noc21IBGNvbG8DYmYxBHBvcwMxBHZ0aWQDBHNIYwNwaXZz?p=receitas+e+despesas&hspart=digifox&hsimp=yhs-fh_newtab&ei=UTF-8&fr=yhs-digifox-fh_newtab#id=0&iurl=http%3A%3A

Os gastos de consumo dos empresários e consumidores podem ser estimulados ou reduzidos de acordo com carga tributária (alíquota de impostos).

EXEMPLIFICANDO

Lembra quando o governo reduziu o imposto sobre produtos industrializados (IPI) dos automóveis. Com isso, estimulou os gastos com esse bem e, manteve elevado o ritmo de produção na economia, emprego e renda, aquecendo a indústria automobilística. Por outro lado, renunciou ao recolhimento do imposto criando problemas para seu caixa.



Figura 16 Fonte: <http://www.abla.com.br/>

Segundo Delfim Netto (2009), uma das principais barreiras a ser superada pela economia brasileira é a elevada carga tributária para o nível de renda da população. Desta forma, o crescimento econômico não é alavancado e a qualidade dos serviços que são prestados a população não são coerentes com o peso dos impostos.

Você deve então perceber que somos bastante cobrados em termos de impostos, porém, a qualidade dos serviços prestados deixa muito a desejar. Se pelo menos os serviços devolvidos pelo Estado fossem eficientes, talvez assim justificasse tamanha carga tributária, concorda?

Um país com carga tributária tão elevada como o Brasil tira a competitividade das empresas e desestimula investimentos no sentido econômico por parte dos empresários.



SUGESTÃO DE LEITURA

Artigo Científico: DELFIM NETTO, Antonio. Desenvolvimento econômico brasileiro: retrocessos e avanços. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, DF, n. 1, p. 5-20, jan./fev./mar., 2009.

Livro: PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandavol de. **Manual de economia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

DIFERENCIANDO

Vocês conseguem distinguir política monetária de política fiscal!?

Entendendo melhor!

Vimos anteriormente que a política monetária envolve a questão do crédito disponível na economia, taxa de juros e temos vários instrumentos que podem elevar ou diminuir a quantidade de dinheiro na economia. Isso conseqüentemente, vai influenciar na demanda agregada.

Caso o governo tenha o interesse imediato de reduzir a inflação, pode adotar como política fiscal a elevação dos impostos (política tributária), e a redução dos gastos públicos, reduzindo assim, os gastos da população (política fiscal contracionista).

Mas se num segundo momento o governo tenha o interesse em expandir o nível de crescimento econômico e geração de emprego, utiliza a expansão dos gastos públicos (semelhante ao aumento de investimentos) e redução da carga tributária, aumentando assim, a demanda agregada da economia e concretizando uma política fiscal expansionista, pois elevou o nível de atividade econômica.

Já imaginaram o que aconteceria se os impostos pagos pela sociedade fossem reduzidos!?

O governo estaria aumentando a produção das empresas, pois o consumo iria se elevar, gerando automaticamente, mais demanda pelos bens de capitais e intermediários para elevar os investimentos das empresas.

Aguardo você no próximo módulo para dar sequência no conteúdo tratando da questão sobre moeda.



RESUMO DA UNIDADE

Vamos relembrar alguns conceitos que conhecemos!? Eles são muito importantes, pois retrata o que ocorre no nosso cotidiano, afetando as decisões de consumo da população e investimento dos empresários.

A política monetária diz respeito à quantidade de dinheiro na economia, expansão ou inibição do crédito e também o nível da taxa de juros.

Já a política fiscal envolve os gastos do governo, controle das contas públicas através dos gastos e política tributária (alíquota de impostos).

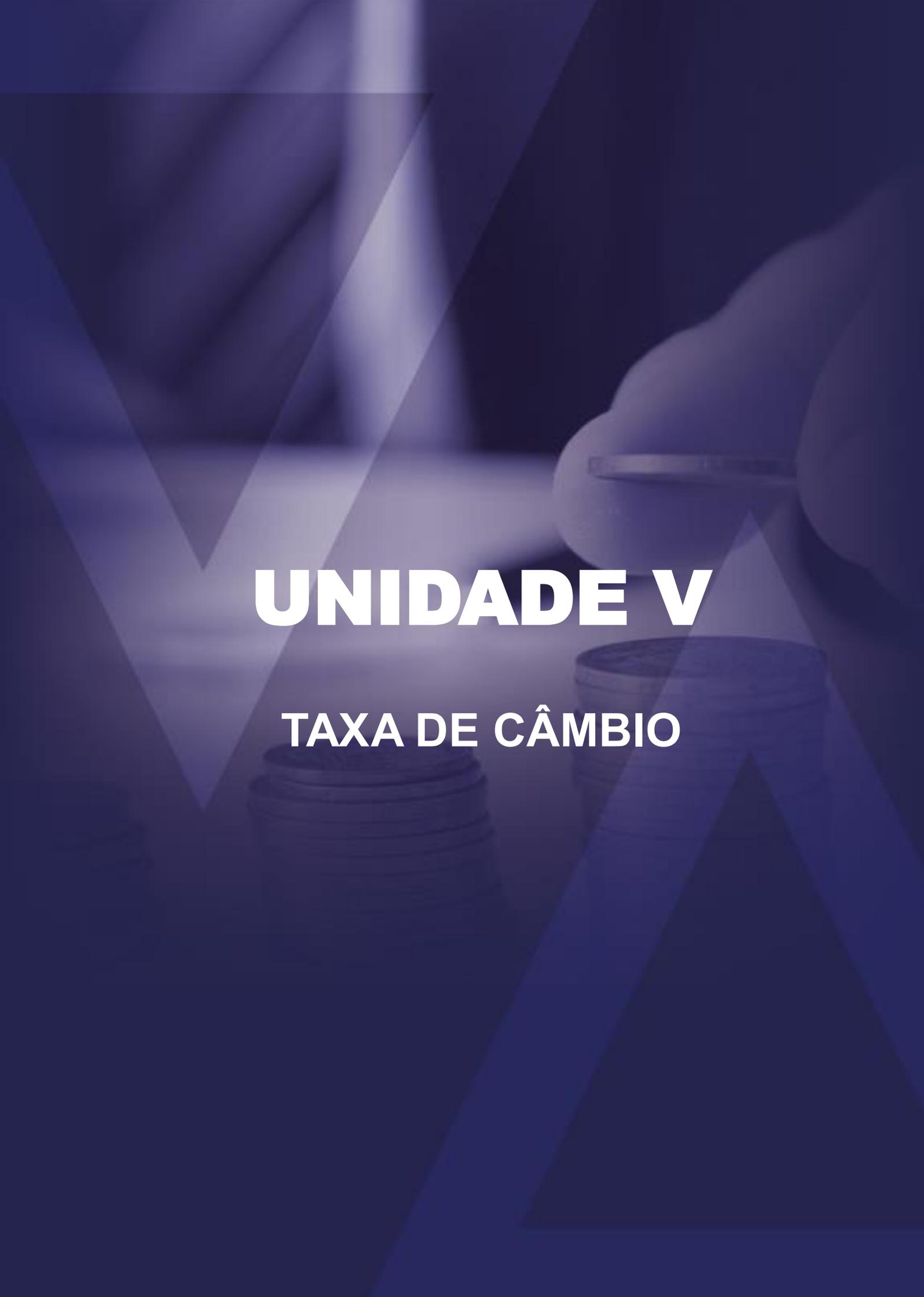
Quando tratamos de política fiscal, envolvemos política tributária, então, estamos nos referindo diretamente à arrecadação de impostos, onde a alíquota pode ser alterada para mais ou menos, mas geralmente é para mais.

Além das políticas macroeconômicas que foi dada ênfase nesta parte da matéria, como a política monetária, política fiscal e tributária, temos também a política cambial que vamos ver mais adiante, onde está se refere à atuação do governo na taxa de câmbio, ou seja, o preço da moeda estrangeira em termos da moeda nacional.

Temos também a política de rendas, que em termos de aprendizado vale a pena conhecer. A política de rendas é a forma que o governo interfere na economia para a formação de preços, pode ser através de congelamento de preços e determinação de salários, através de novos reajustes.

Já a política comercial envolve o comércio exterior, estimulando ou desestimulando as importações e exportações, por meio de barreiras ou imposição fiscal, dentre outras.

A política de gastos públicos envolve os gastos do setor público, como serão alocados.



UNIDADE V

TAXA DE CÂMBIO



OBJETIVOS

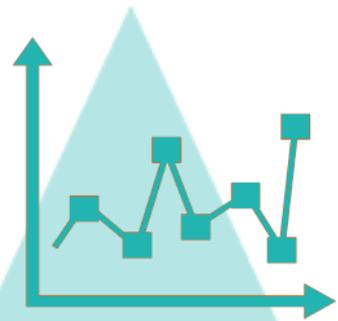
Desenvolver a capacidade de percepção sobre a influência que as oscilações da taxa de câmbio podem acarretar nas decisões econômicas. Uma queda ou uma elevação da taxa de câmbio tem impacto direto na economia, como por exemplo, nos preços dos produtos importados, preços dos bens de capital e bens intermediários para modernizar a indústria nacional, bem como o controle dos preços internos.

Você já deve ter ouvido falar em noticiários várias vezes sobre o assunto taxa de câmbio.

O dólar fechou em baixa, o dólar fechou em alta.

Ocorreu uma queda da taxa de câmbio! Ocorreu uma elevação da taxa de câmbio!

Tudo isso é objeto do nosso assunto!



TAXA DE CÂMBIO

Câmbio financeiro é a troca de valores em moeda nacional corrente por moedas estrangeiras.

Taxa de câmbio nominal é o preço da moeda estrangeira, também conhecida por divisa, em relação a moeda nacional. Vamos usar o dólar como referência. Então, quanto custa um dólar?

Considere que para cada US\$ 1,00 você precise desembolsar R\$ 4,00. Esta é a taxa de câmbio nominal que está operando no mercado.

A taxa de câmbio real é a relação de preços entre o produto nacional e o estrangeiro. Esta taxa pode ser calculada pela seguinte expressão:

$$\theta = E.P^*/P$$

Onde:

- θ = taxa de câmbio real
- E = taxa de câmbio nominal (R\$/US\$)

- P^* = preço do produto estrangeiro, em US\$
- P = preço do produto nacional, em R\$

Exemplo: Um automóvel produzido no Brasil custa R\$ 40.000,00 e o mesmo automóvel produzido nos EUA custa US\$ 12.000,00, A taxa nominal no Brasil é de R\$ 5,00 / US\$ 1,00. Qual será a taxa de câmbio real?

$$\theta = ?$$

$$E = 5$$

$$P^* = 12.000,00$$

$$P = 40.000,00$$

$$\theta = E.P^* / P \rightarrow (5 \times 12.000) / 40.000 = 1,50 \text{ (o automóvel brasileiro é 1,50 vezes mais barato que o americano).}$$

Obs: Sempre que o resultado da taxa de câmbio real der acima de 1,00 significa que o produto nacional é mais barato que o estrangeiro.

Qual a importância profissional ou pessoal de compreender melhor as notícias econômicas sobre o câmbio? Se a economia vai mal, as atividades produtivas e os serviços enfrentarão problemas também. Se a empresa necessita importar insumos, os preços serão mais elevados com a elevação da taxa de câmbio nominal, elevando automaticamente, os preços finais dos bens e serviços na economia. A elevação geral do nível de preços repercute em inflação, que atinge a toda coletividade.

Pretende-se importar um bem, com a elevação da taxa de câmbio nominal, é mais caro o preço final. Se pretender viajar para o exterior, pode não ser a melhor oportunidade.

Percebe como um assunto que não parece que interessa a todos, tem uma repercussão nas decisões dos agentes econômicos?

Então vamos conhecer melhor!

EXEMPLO

Imagine que você queira importar um aparelho celular dos EUA cujo valor é US\$ 500,00. A taxa de câmbio nominal é de 4 por 1, ou seja, para cada US\$ 1,00 você deverá ter R\$ 4,00. Então o celular pretendido irá lhe custar R\$ 2.000,00. Se a taxa de câmbio nominal subir, quer dizer, aumentar a relação dólar-real o aparelho ficará mais caro. Analogamente, se cair esta relação o aparelho ficará mais barato.

REGIMES CAMBIAIS FLUTUANTES

A taxa de câmbio nominal varia de acordo com o mercado (oferta e demanda). Se houver um aumento da demanda por moeda estrangeira, ela terá um aumento do seu preço, significa que ocorrerá desvalorização da moeda nacional. Quando houver um excesso de oferta de moeda estrangeira seu preço vai diminuir e ocorrerá uma valorização da moeda nacional. É só lembrar as leis de mercado oferta e demanda da microeconomia, se a demanda é maior que a oferta os preços tendem a aumentar; se a oferta é maior que a demanda os preços tendem a diminuir.

REGIME CAMBIAL FIXO

Quando o Banco Central determina o valor da moeda. A moeda não flutua, o valor dela é fixado pelo governo, independente da data de compra ou de venda. Quando o governo resolve fixar a taxa de câmbio, ele tem que possuir grande quantidade de moeda estrangeira no caso de ocorrer um aumento da demanda por moeda estrangeira, e terá que comprar toda a moeda ofertada também, para evitar a (oscilação) queda ou o aumento do preço.

Geralmente é utilizado quando o país se encontra em elevada situação inflacionária e o governo tenta controlar a alta nos preços. Fixando a taxa de câmbio nominal haveria um movimento na importação forçando a queda nos preços nacionais.

EXEMPLO

Se o governo determina que a política cambial seja fixa, ele determinará, por exemplo, que $US\$1,00 = R\$2,00$. Independente do dia que eu for comprar dólar significa que eu pagarei dois reais para cada unidade de dólar. Independente do dia em que eu for vender o dólar significa que eu receberei $R\$2,00$ por cada unidade de dólar vendido.

Todas as vezes que eu precisar de mais reais para comprar um dólar estará ocorrendo uma desvalorização do real em relação ao dólar, ou seja, o câmbio estará depreciado. Todas as vezes que eu precisar de menos reais para comprar um dólar estará ocorrendo uma valorização do real, ou seja, o câmbio estará apreciado.

Exemplo A:

$US\$1,00 = R\$1,95$

$US\$1,00 = R\$2,10$

Ocorreu uma desvalorização do real ou depreciação da taxa de câmbio.

Exemplo B:

US\$1,00 = R\$1,95

US\$1,00 = R\$1,60

Ocorreu uma valorização do real ou apreciação da taxa de câmbio.

CURIOSIDADES

Em setembro de 2008, o Banco Central vendeu dólares, uma intervenção que não ocorria na economia brasileira desde 2003. Com isso, ocorreu a fuga de capitais no país, em função da crise americana. A venda de dólares teve o objetivo de elevar sua oferta, pressionando a cotação do dólar para baixo, para que o Real não continuasse sendo desvalorizado.

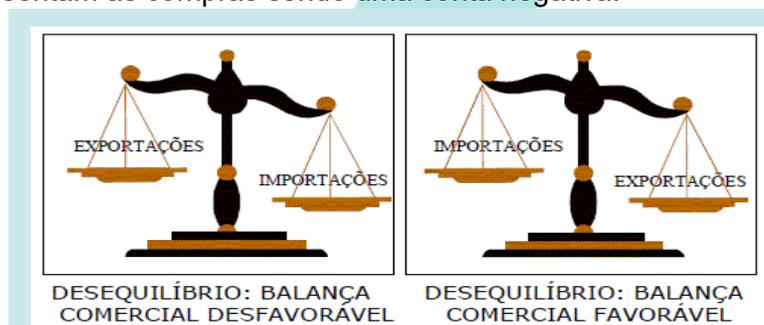
Exposto na mídia (informação oral de jornal).

DIFERENCIANDO

No regime cambial fixo, a autoridade monetária (Banco Central), fixa de forma antecipada, o valor da taxa de câmbio que o mercado deve operar para a conversão das moedas. No regime de taxas de câmbio flexível ou flutuante, é o adotado pela economia brasileira atualmente, sendo o valor do câmbio determinado no próprio mercado, através da oferta e demanda de moeda estrangeira. Porém com monitoramento do Banco Central, que pode intervir ou não.

BALANÇA COMERCIAL

Representa as transações comerciais de um país com o resto do mundo. É representada pelas exportações (vendas) e importações (compras) de um país em relação aos demais países. Como as exportações representam as vendas, ela será uma conta positiva. Como as importações representam as compras sendo uma conta negativa.



Figura

Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/LVw887HGqX4/VfCKRtzZQqI/AAAAAAAAANU/eGy3yjJs5EM/s1600/5.gif>

17

EXEMPLO A

Supondo as seguintes transações de um país

Em relação ao resto do mundo:

Exportações: US\$ 300.000.000,00 (+)

Importações: US\$ 350.000.000,00 (-)

(BC) = - 50.000.000,00 (déficit).

Caso o resultado fosse positivo teríamos um superávit na balança comercial (BC).

A balança comercial é diretamente influenciada pela taxa de câmbio. Isso porque as transações comerciais realizadas entre os países (importações e exportações), pagamentos e recebimentos são efetuados em dólar.

Dizemos que a valorização cambial, ou seja, baixa relação dólar-real incentiva o setor importador, o mesmo não ocorrendo em relação ao setor exportador. Já a desvalorização cambial, ou seja, alta relação dólar-real, incentiva o setor exportador, o mesmo não ocorrendo em relação ao setor importador.

Considere que uma mercadoria importada é cotada a US\$ 10,00. Se o câmbio nominal é de US\$ 1,00 = R\$ 0,90, significa que essa mercadoria custa US\$ 10,00 no exterior e R\$9,00 no Brasil. No Brasil, essa mercadoria está barata, devido à valorização do real em relação ao dólar.

Se a cotação cambial é de US\$ 1,00 = R\$ 1,50

Significa que essa mercadoria custa US\$ 10,00 no exterior e R\$ 15,00 no Brasil. No Brasil, essa mercadoria está cara, devido à desvalorização do real em relação ao dólar.

EXEMPLO B

Considere que uma mercadoria exportada é cotada á US\$10,00. Se o câmbio nominal é de US\$ 1,00 = R\$ 0,90 significa que essa mercadoria custa US\$ 10,00 no exterior, mas, quando exporto essa mercadoria e troco os dólares recebidos pelo real, receberei apenas R\$ 9,00 no Brasil. Por produto exportado.

Se a cotação cambial é de US\$ 1,00 = R\$ 1,50 significa que essa mercadoria custa US\$ 10,00 no exterior. Quando exporto essa mercadoria e troco os dólares recebidos pelo real, receberei R\$ 15,00 no Brasil, por produto exportado. Comparando a cotação acima e essa, podemos perceber que o preço internacional do produto continua o mesmo, no entanto, a desvalorização cambial possibilita ao exportador receber mais reais em relação ao caso anterior. Aí está a explicação para o Banco Central manter distante a relação dólar-real, pois desta forma quando exportarmos acumularemos mais reservas internacionais.

Bem, podemos relacionar a balança comercial com a taxa de câmbio. Todas as vezes que o Real se valoriza em relação ao Dólar, os produtos importados ficam mais baratos. Então, um azeite importado às vezes é mais barato que um azeite nacional. Um vinho importando também pode ser encontrado mais barato que um vinho nacional. Uma viagem internacional fica mais atrativa com a taxa de câmbio em queda. Ou seja, a valorização cambial torna os preços dos produtos importados menores, logo incentiva as importações. Já a desvalorização cambial provoca um efeito contrário e não é bom para o setor importador, e sim para o setor exportador.

Vocês se lembram de que no início do Plano Real U\$\$ 1,00 era cotado em média a R\$ 0,90. Muitas pessoas aproveitaram essa época e foram para o exterior. O Real estava apreciado em relação ao dólar. Com R\$ 1,00 comprávamos U\$\$ 1,00 e ainda recebíamos R\$ 0,10 de troco.

FORÇA DE TRABALHO

Vamos trabalhar um pouco sobre o tema desemprego! O que será que o desemprego tem a ver com cotação do dólar? A influência direta, de curto prazo, é que dólar baixo favorece as

importações e prejudica as exportações. Desta forma, sobram mais produtos no mercado interno. Com o excesso de oferta, os preços tendem a cair e o consumo aumenta. As indústrias produzirão mais e precisarão de mais mão de obra, abrindo novos postos de trabalho.

De forma análoga, um dólar alto, favorece a exportação, reprime a importação e as empresas produzirão menos, pois a demanda cai e com isso serão fechados alguns postos de trabalho acarretando demissões.

Para calcular a taxa de desemprego de uma economia, precisamos primeiramente saber qual é a força de trabalho desta economia.

Significa toda a força de trabalho disponível. Soma das pessoas desempregadas e empregadas. Pessoas que estão empregadas e a procura de emprego. Se uma pessoa está em casa e não procura emprego, não faz parte da força de trabalho. Se uma pessoa está na economia informal e não paga INSS e nem declara Imposto de Renda, também não faz parte da força de trabalho. Para fazer parte da força de trabalho temos que estar desempregados, mas a procura de emprego ou trabalhando.

Essa força de trabalho pode ser resumida através de uma fórmula:

$$N = L + U$$

Onde:

N = força de trabalho;

L = força de trabalho empregada;

U = força de trabalho desempregada.

TAXA DE DESEMPREGO

É a porcentagem de pessoas que estão desempregadas. A taxa de desemprego é medida pelo número de pessoas desempregadas divididas pela força de trabalho (pessoas empregadas e desempregadas), multiplicado por cem porque é uma taxa que terá um resultado em percentual.



Fórmula para calcular a taxa de desemprego:

$$\frac{U}{N} \times 100$$

U = Número de pessoas desempregadas;

N = Força de trabalho.

EXEMPLO

Qual a taxa de desemprego considerando que 23.500 pessoas estão empregadas e que 9.000 pessoas estão desempregadas.

Primeiramente teremos que calcular:

A força de trabalho $N = 23.500$ (empregados) + 9.000 (desempregados) = 32.500

Agora é só calcular a taxa de desemprego, utilizando a fórmula:

$U/N \times 100 = 9.000 / 32.500 = 0,2769 \times 100\% = 27,69\%$ de desempregados

Agora que aprendemos como se calcula essa taxa, vamos falar de alguns tipos de desemprego, que podem existir no sistema econômico:

TIPOS DE DESEMPREGO

Desemprego involuntário independe dos donos de recursos de produção, é causado pela demanda. Todas as vezes que o consumo diminui a produção diminui também ocasionando um tipo de desemprego que denominamos de involuntário. A economia vai influenciar diretamente no nível de desemprego involuntário.

Desemprego friccional é o desemprego que existe temporariamente na economia. Está interligado a pessoas que estão entrando no mercado de trabalho, como pessoas que formaram e estão à procura de emprego, ou pessoas que estão à procura de um emprego melhor.

Desemprego estrutural é o desemprego que existe devido à falta de mão-de-obra qualificada. Não existe um equilíbrio entre qualificação ou localização da força de trabalho e a qualificação e localização do empregador.

Desemprego cíclico está ligado aos períodos de recessão e expansão da economia de um país. Ele aumenta nos períodos de recessão econômica e diminui nos períodos de crescimento econômico.

Na economia brasileira atualmente, as taxas de inflação estão mais elevadas e o instrumento usado para frear a demanda agregada é a elevação das taxas de juros. Isso tem impacto no nível de consumo, produção e nível de emprego da economia. O país tem um cenário de inflação mais elevada e baixo crescimento econômico.

Apesar do nível de desigualdade ter reduzido no país, será que a meta de política macroeconômica, alto nível de emprego está sendo atendida?



Espero que tenham ampliado seus conhecimentos sobre taxa de câmbio e seus impactos diretos na economia!

Até o próximo assunto, onde vamos estudar sobre a moeda e suas funções!

POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA

Existem várias definições sobre o que seria, precisamente, a População Economicamente Ativa. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) define a PEA como a mão de obra com a qual o setor produtivo pode contar, ou seja, é o número de habitantes em idade e condições físicas para exercer algum ofício no mercado de trabalho.

Nessa conceituação, a População Economicamente Ativa envolve aquilo que o IBGE classifica como população ocupada e população desocupada. O primeiro termo refere-se aos que possuem algum ofício em um período de referência, sendo esse ofício remunerado, não remunerado, por conta própria ou como um empregador. Já o segundo termo refere-se ao grupo de pessoas que não possuem emprego e que estão aptas a trabalhar.

Quando ocorre a valorização cambial, podemos também usar a expressão apreciação do Real. Quando o Real está valorizado, estimula as importações e desestimula as exportações. Percebem que o câmbio fornece a medida pela qual o dinheiro da economia pode ser convertido em dinheiro de outra economia!? A paridade usada aqui é o dólar.

A taxa de câmbio envolve os preços dos bens importados e exportados, portanto, interfere no resultado da balança comercial. Vocês lembram o que vimos sobre o regime cambial!? Temos a atuação do governo mercado de divisas. Sobre as políticas macroeconômicas, o governo também utiliza a política cambial, que envolve as ações do governo no comportamento do mercado de câmbio.



RESUMO DA UNIDADE

Vamos relembrar alguns conceitos que conhecemos?! Eles são importantes para sabermos as informações atuais da economia brasileira quando os jornais informam sobre o câmbio.

Podemos dizer que a taxa de câmbio elevada significa que o preço do dólar está alto (divisa estrangeira), ou seja, a moeda nacional está desvalorizada.

A valorização cambial por sua vez, quer dizer que a moeda nacional (Real) está forte, ou seja, para um dólar se paga menos em reais. Se US\$ 1,00 = R\$ 4,00 e temos a informação que ocorreu uma queda na taxa de câmbio, isso implica que temos que desembolsar menos reais por dólar. Agora então, podemos imaginar que US\$ 1,00 custava R\$ 4,00, mas com a queda na taxa de câmbio, US\$ 1,00 = R\$ 3,50.

Quando ocorre a valorização cambial, podemos também usar a expressão apreciação do Real. Quando o Real está valorizado, estimula as importações e desestimula as exportações.

Percebem que o câmbio fornece a medida pela qual o dinheiro da economia pode ser convertido em dinheiro de outra economia!? A paridade usada aqui é o dólar.

A taxa de câmbio envolve os preços dos bens importados e exportados, portanto, interfere no resultado da balança comercial. Vocês lembram o que vimos sobre o regime cambial!? Temos a atuação do governo mercado de divisas. Sobre as políticas macroeconômicas, o governo também utiliza a política cambial, que envolve as ações do governo no comportamento do mercado de câmbio.

The background features a close-up of hands counting coins, with a large, semi-transparent downward-pointing arrow overlaid on the left side. The scene is dimly lit, focusing on the tactile action of counting money.

CONTABILIDADE NACIONAL



OBJETIVOS

Fornecer uma noção de como é medido e mensurado os agregados econômicos, propiciando o entendimento da evolução desses agregados e sua importância na utilização de políticas econômicas.

Vimos que a macroeconomia analisa os agregados econômicos! Agora vamos estudar na Contabilidade Social, como são mensurados esses agregados.



CONTABILIDADE SOCIAL

É o registro contábil da atividade econômica de um país, considerando o Brasil como grande empresa. O período de análise geralmente corresponde a um ano. Os principais agregados macroeconômicos são definidos e quantificados (GARCIA, VASONCELLOS, 2003).

MACROECONOMIA

Macro (grande) busca explicar o desempenho global, ou seja, a economia como um todo. As decisões governamentais são explicadas pela macroeconomia.

EXEMPLO

Conceito e explicação de inflação, desemprego, taxa de juros, investimento agregado, poupança, exportação, produto interno bruto (PIB), consumo nacional etc.

AGREGADOS ECONÔMICOS

A teoria macroeconômica estuda o comportamento do sistema econômico por um número reduzido de variáveis, que procuram agregar o conjunto dos resultados econômicos (agregados econômicos) como a produção ou o produto total de uma economia, o emprego, o investimento, o consumo, o nível geral de preços etc. A preocupação central dos economistas que trabalham com a macroeconomia é identificar o que determina o nível de

renda e do emprego de uma economia em certo período, e o que determina as flutuações do produto e do nível geral de preços (inflação e recessão). Para a compreensão de como se analisa o cenário macroeconômico é necessário compreender algumas relações estudadas pela contabilidade nacional ou contabilidade social:

Contabilidade nacional (ou social): define e relaciona os agregados econômicos e mede seu valor. Mediante a série de contas que integram a contabilidade nacional, obtém-se um registro das transações realizadas entre os diferentes setores que fazem a atividade econômica do país. A elaboração e o registro dos agregados econômicos seguem rígidos critérios metodológicos, determinados e sob a responsabilidade do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.

DEMANDA AGREGADA

É um agregado econômico que contabiliza o conjunto do consumo de todos os agentes econômicos: consumo das famílias, das empresas, do governo e as relações de consumo entre um país e o resto do mundo. A Demanda Agregada deve ser igual ao PIB, afinal através da produção (PIB) é gerada a Renda Nacional, que é gasta na forma da Demanda Agregada. As transações econômicas envolvidas no consumo dos agentes econômicos geram os pagamentos e recebimento de impostos, subsídios, depreciações e lucros. Dessa forma, se estabelece uma identidade contábil macroeconômica, onde o PIB = Demanda Agregada.



Figura 18: Fonte - <http://coturnonoturno.blogspot.com.br>

PRINCIPAIS AGREGADOS MACROECONÔMICOS

Produto Interno Bruto (PIB): é o conceito de produto da economia, ou seja, corresponde à soma dos valores monetários dos bens e serviços **finais** produzidos a partir dos fatores de produção que estão dentro das fronteiras geográficas do país. Atenção, pois a soma dos valores dos bens finais tem como objetivo evitar a dupla contagem. Isso significa dizer que

$$Y = C + I + G + NX$$

não são contados os valores dos bens intermediários de produção. O PIB é calculado pela expressão:

Onde:

Y = PIB

C = Consumo das famílias

I = Investimento privados

G = Gastos do governo

NX = Exportações - Importações

Exemplo 1: Calcule o produto (PIB) de determinado país que teve ao final de seu período de apuração os seguintes dados:

Consumo das famílias – 45

Gastos do governo – 39

Investimentos privados – 17

Exportações – 26

Importações - 22

PIB = Y = 45 + 39 + 17 + (26 – 22) = **105 trilhões de unidades monetárias**

Observe o gráfico abaixo que representa a variação do PIB brasileiro no período de 2009 a 2018.

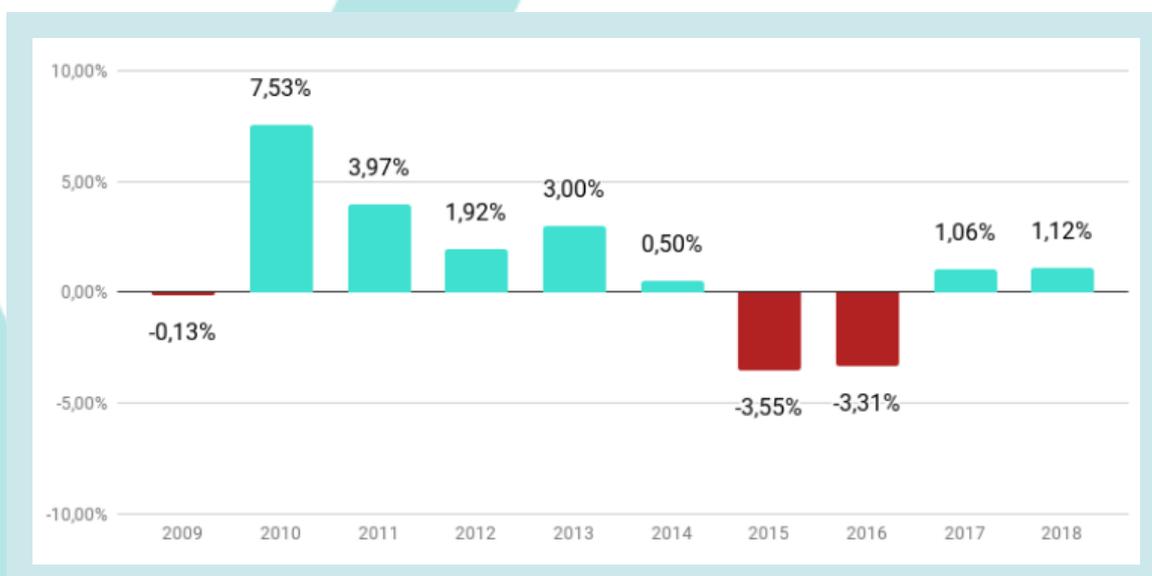


Figura 19 - Fonte: <https://multimedia.gazetadopovo.com.br/media/info/2019/201904/pib-brasil-10-anos-historico-evolucao.png>

Podemos dizer que na média o PIB no período foi de:

$$\left[\frac{-0,13}{100} + \frac{7,53}{100} + \frac{3,97}{100} + \frac{1,92}{100} + \frac{3,00}{100} + \frac{0,50}{100} + \frac{-3,55}{100} + \frac{-3,31}{100} + \frac{1,06}{100} + \frac{1,12}{100} \right] / 10 = 0,1211/10 = 0,0121 \times 100\% = 1,21\%$$
 em média foi o PIB do Brasil no período de 10 anos. Você concorda que é um percentual muito baixo para o tamanho e potencial deste país?

Obs: Quando se faz média de valores em percentual deve-se converter para o decimal, ou seja, dividir todos os termos por 100.

Exemplo 2: se o PIB real de 2009 foi de US\$100.000.000,00 e o PIB real de 2010 foi de US\$120.000.000,00 a diferença entre o PIB de 2009 e o PIB de 2010 é igual a 20.000.000,00. Isso indica que a produção de 2010 foi de 20.000.000,00 superiores a de 2009, indicando uma taxa de crescimento da produção do país em relação ao ano anterior de 20%.

E no cenário econômico atual, será que a economia brasileira vai bem?

Qual a sua opinião diante do noticiário econômico?

O PIB está crescendo de acordo com o esperado pelo governo?

Já percebeu como os números do PIB preocupam o governo?

Sobre o PIB...

O consumo da população é um dos principais fatores que influenciam diretamente a variação do PIB. Quanto mais as pessoas gastam, mais o PIB cresce. Se o consumo reduz, o PIB cai. O consumo depende dos salários e dos juros. Se as pessoas ganham mais e pagam menos juros, o consumo é maior e o PIB cresce. Com salário baixo e juro alto, caem o consumo e o PIB. Os investimentos das empresas também influenciam no PIB. Se as empresas crescem, compram máquinas, expandem atividades, contrata mão-de-obra, elas movimentam a economia. Os juros altos também atrapalham aqui: os empresários não gastam tanto se tiverem de pagar muito pelos empréstimos para investir. Os gastos do governo são outro fator que impulsiona o PIB. Quando faz obras, como a construção de uma estrada, são contratados operários e é gasto material de construção, o que ele eleva a produção geral da economia. As exportações também fazem o PIB crescer, pois mais dinheiro entra no país e é gasto em investimentos e consumo.

(<http://www.mundovestibular.com.br/articles/725/1/PIB---PRODUTO-INTERNO-BRUTO/Paacutegina1.html>)

Ocorreu queda de 0,5% da variação do PIB no último trimestre em relação aos três meses anteriores, o que não agradou o governo. O resultado foi o pior em quatro anos e coloca o Brasil em lugar de destaca junto aos emergentes quando os dados sobre a economia são comparados. Para piorar a situação, os números ficaram abaixo do de nações como Espanha e Portugal, países que estão em recessão (PURCHIO, 2013).



SUGESTÃO DE LEITURA

PURCHIO, Luisa. O PIB que tira o sono de Dilma. Revista Isto é. Ano 37, n. 2.299, 11/12/2013.

Existem dois indicadores de PIB, um denominado de real e outro denominado nominal. Vamos as suas diferenciações.

PIB NOMINAL

Mede a taxa de crescimento da economia a preços constantes, levando em consideração uma variação real ou física (ano base). Indica que houve aumento ou queda do volume físico da produção sem considerar os preços. Todas as mercadorias e serviços produzidos no país a preços constantes. Mede também o Produto Interno Bruto PIB per capita, que é o PIB dividido pela população. Esse é o PIB que utilizamos para medir o crescimento econômico, pois ele não considera a inflação e assim podemos obter um valor real de aumento da produção de um país de um ano para outro.

PIB REAL

Valor que considera a variação de preços, ou seja, que leva em consideração a inflação (mede produção considerando os preços do ano). Todas as mercadorias e serviços produzidos no país a preços correntes. Sendo assim, se o PIB nominal de 2009 foi de US\$130.000.000,00 e o PIB nominal de 2010 for de US\$150.000.000,00 não podemos afirmar que o país cresceu mais no ano de 2010 do que no ano de 2009. Só podemos fazer essa comparação após descontarmos a inflação de 2009 e a inflação de 2010.

PRODUTO NACIONAL BRUTO

O PNB é uma outra forma de medir o desempenho de uma economia, já que permite descontar a renda enviada ao exterior por pessoas/empresas estrangeiras que trabalham e se instalaram no país.

$$\text{PNB} = \text{PIB} + (\text{RRE} - \text{REE})$$

RLEE – Renda Líquida Enviada ao Exterior

RLEE = (REE – REE)

REE - Renda Enviada ao Exterior

RRE – Renda Recebida do Exterior

Tudo o que é produzido pelo país, empresas nacionais, dentro do seu território e fora dele. Uma forma de computar o PNB é subtrair do PIB a produção das empresas estrangeiras que

estão no país (renda enviada ao exterior) e somar a produção de empresas brasileiras que estão no exterior (renda líquida recebida do exterior). Ou seja, empresas que estão dentro do Brasil ou fora do território brasileiro (exterior), terão suas produções computadas no PNB brasileiro. Sendo assim, descontamos a produção das multinacionais que estão no nosso país (Brasil) e somamos a produção de empresas multinacionais brasileiras que estão no exterior.

PRODUTO NACIONAL LÍQUIDO

$$\text{PNL} = \text{PNB} - \text{DEPRECIÇÃO}$$

É o produto nacional bruto descontando-se a depreciação que é considerada, neste caso, a produção de máquinas destinada à reposição.

Depreciação → As máquinas e equipamentos fazem parte do processo de produção. O desgaste dessas máquinas e equipamentos é o que chamamos de depreciação. Ou seja, um valor que os empresários vão destinar à reposição de máquinas e equipamentos que vão sofrer um desgaste ao longo do tempo.

Vejamos um exemplo claro de depreciação!

Quando compramos um carro zero KM, assim que saímos com ele da concessionária ele já perde valor, ou seja, já se depreciou. Se eu paguei neste carro R\$40.000,00 não conseguirei obter mais esse mesmo valor por ele, se quiser vendê-lo de imediato. Logo, se eu consigo, por exemplo, R\$39.000,00, ele se depreciou em R\$1.000,00.

O PNL é dividido em duas categorias:

- **PNL a custo de fatores** - desconta os impostos indiretos.
- **PNL a preços de mercado** - inclui os impostos indiretos.

Mas qual seria a diferença entre impostos diretos e indiretos?

IMPOSTOS INDIRETOS

São aqueles que estão embutidos nos preços dos produtos. Pagamos por eles quando consumimos bens e serviços, mas, não temos consciência do valor que pagamos.

EXEMPLO

Imposto sobre produtos industrializados (IPI), imposto sobre circulação de mercadorias e serviços (ICMS). Todos os bens e serviços que adquirimos embutem o valor desses impostos, pagamos por eles, mas, não sabemos, na maioria das vezes, o valor que pegamos.

VOCÊ SABIA?

A [Lei 12.741/2012](#) exige, a partir de junho/2013, que todo documento fiscal ou equivalente emitido contenha a informação do valor aproximado correspondente à totalidade dos tributos federais, estaduais e municipais, cuja incidência influi na formação dos respectivos preços de venda.

IMPOSTOS DIRETOS

São aqueles que pagamos à parte, temos ciência do valor que desembolsamos nos pagamentos destes impostos.

EXEMPLO

Como IPVA, IPTU, Imposto de renda (IR). Se eu tenho um carro, sei quanto terei que pagar de IPVA; no meu contracheque sei o valor que descontam de Imposto de

Vamos retomar sobre a renda líquida enviada ao exterior que tratamos anteriormente.

RENDA LÍQUIDA ENVIADA AO EXTERIOR

Quando uma empresa abre uma filial em outro país, ela desloca parte de seu capital para esse país, pois está adquirindo instalações, equipamentos etc. A renda gerada por esse investimento (lucro) retorna, em parte ou no total, ao país de origem, onde estão os proprietários do capital (remessa de lucro para o exterior). O saldo líquido dessa entrada e saída de recurso é a renda líquida enviada ao exterior.

EXEMPLO

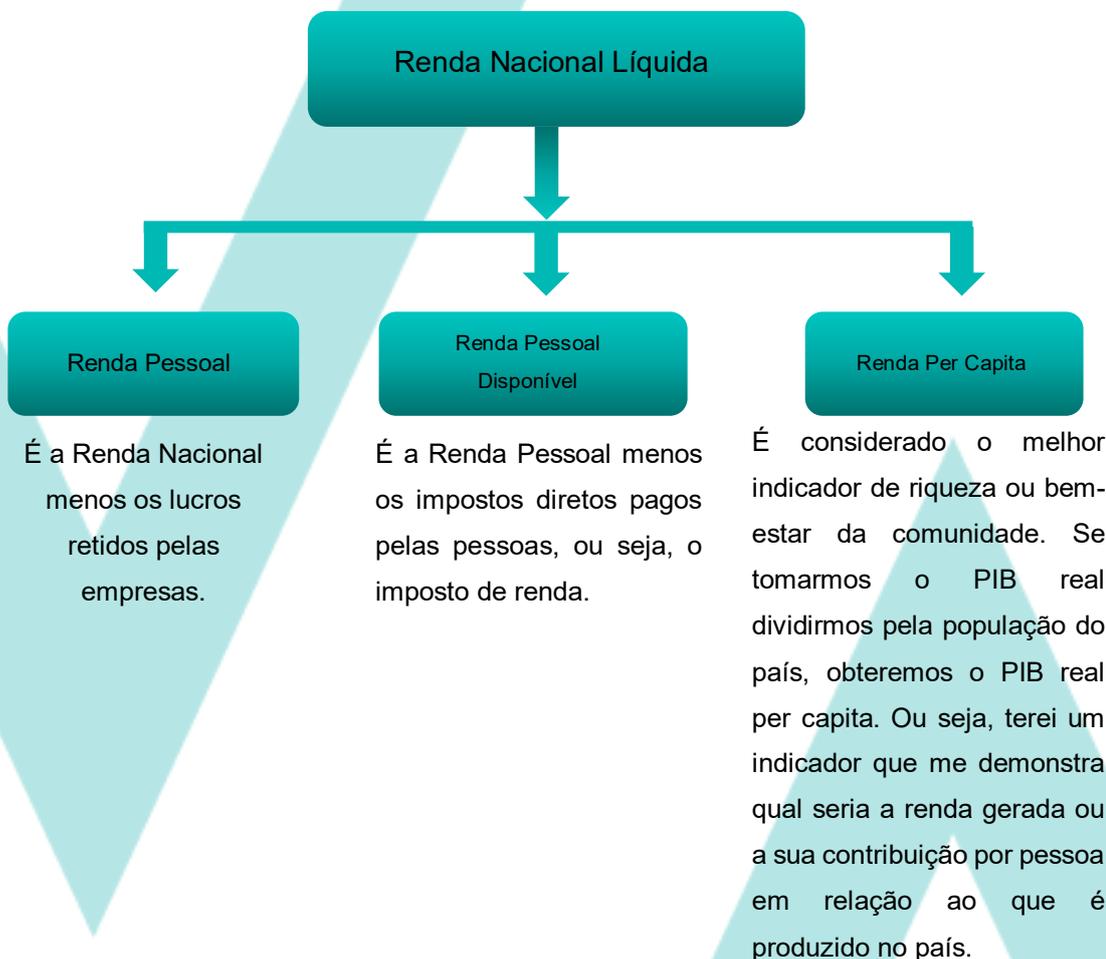
No caso do Brasil, há muitas empresas multinacionais de propriedade de capital externo, que enviam seus lucros para suas matrizes no exterior (renda enviada ao exterior). Também possui empresas multinacionais brasileiras atuando no exterior que mandam sua renda para o Brasil (renda recebida do exterior). Como o número de multinacionais estrangeiras é maior do que o número de multinacionais brasileiras, o Brasil envia mais renda do que recebe. Por isso a contabilidade social utiliza com frequência a denominação "Renda Líquida Enviada ao Exterior".

PRODUTO INTERNO LÍQUIDO

É o PIB a custo de fatores (valores monetários subtraindo-se impostos indiretos e adicionando-se subsídios) menos a parcela correspondente à depreciação. Os impostos indiretos são subtraídos do PIB por que são retidos pelo governo. Os subsídios são adicionados por que é recurso que o governo injeta na economia por meio das empresas que ele auxilia com esse recurso.

Você se recorda o que vimos sobre impostos indiretos!? IPI, ICMS.

RENDA NACIONAL LÍQUIDA



PIB PER CAPITA

No original em latim, a expressão "per capita" significa "por cabeça", portanto, trata-se de uma renda por cabeça, ou seja, considerando-se membros da população em particular e sua participação na renda total do país. Um país, por exemplo, pode ter uma boa renda per capita, mas, alto índice de concentração de renda e grande desigualdade social. Também é possível que um país tenha uma baixa renda per capita, mas, não haja muita concentração de renda, não existindo assim grande desigualdade entre ricos e pobres.

Existem duas formas de melhorar esse indicador. A economia fica mais rica quando seu PIB real aumenta, ou quando a população diminui. Mas, não sabemos de que forma essa renda está distribuída, às vezes, o aumento do PIB real foi devido a um aumento do lucro dos empresários.

No Brasil, a renda per capita não se aproxima da nossa realidade econômica, pois, no nosso país essa renda é mal distribuída. A maioria da população fica com a menor parte do PIB e a minoria da população fica com a maior parte do PIB. A renda per capita ou renda média para cada habitante de um país, estado ou região, calcula-se dividindo a renda total acumulado pelo número de habitantes do país. (SANTIAGO, Emerson, Info Escola, abril de 2013).

Veja que situação interessante: renda per capita do brasileiro no ano de 2018.

PIB = R\$ 6,80 trilhões ao ano

População = 214,5 milhões de pessoas

PIB per capita = $6.800.000.000 / 214.500 = R\$ 31.701,63$ por ano, ou seja, **R\$ 2.641,80**.

É essa a realidade?

Diferenciando

Você sabe a diferença entre crescimento e desenvolvimento econômico?

Será que o Brasil é um país desenvolvido?



Fonte - <http://insolenciaeducada.blogspot.com.br>

Esses indicadores que definimos são muito importantes na macroeconomia, pois, vão ser determinantes para os conceitos de crescimento e de desenvolvimento econômico, assuntos que vamos discutir no próximo tópico.

Vamos ao próximo assunto para responder a essa pergunta!?

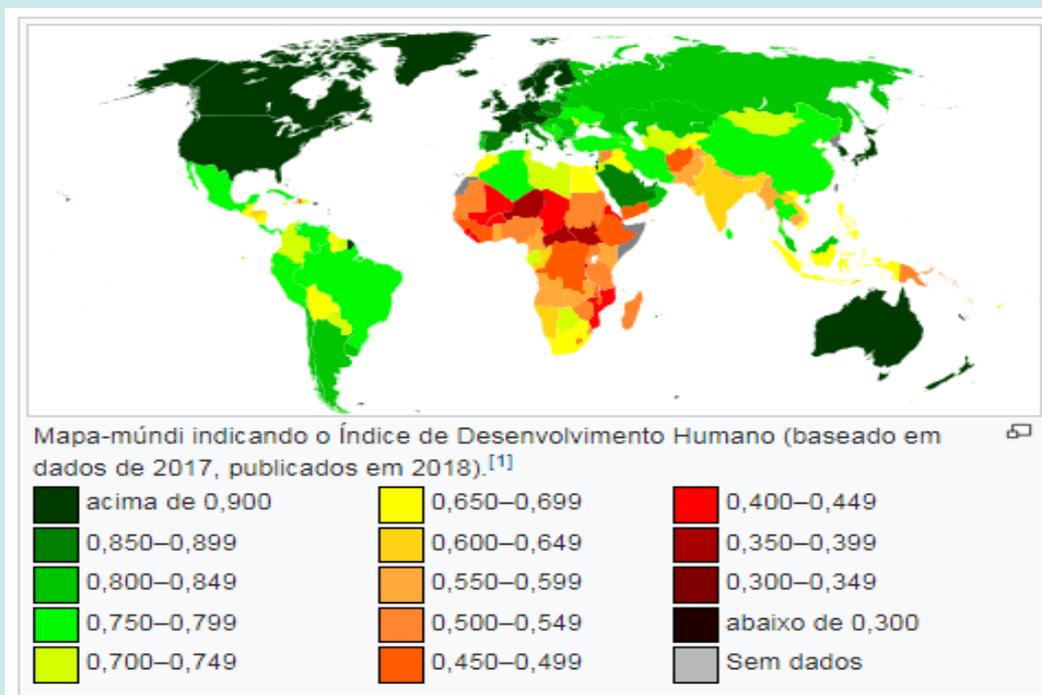
CRESCIMENTO ECONÔMICO

Entende-se por crescimento econômico como todo aumento na capacidade de uma economia em produzir bens e serviços, no âmbito da comparação de um período de tempo com outro. É medido em função do PIB.

Muitos confundem os conceitos de crescimento e desenvolvimento econômico. Você já viu anteriormente que crescimento econômico é o aumento do PIB.

Já o conceito de Desenvolvimento Econômico está relacionado a melhoria do bem estar da população e é medido através de indicadores como educação, saúde, renda, pobreza, etc. Atualmente o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH é o critério mais utilizado para comparar o desenvolvimento de diferentes economias. Ele pode variar entre 0 e 1. Quando mais próximo de zero pior é o índice, quanto mais próximo de 1,0 melhor é o índice.

Você sabia que Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é um indicador que serve de comparação entre os países visando medir o grau de desenvolvimento econômico e a qualidade de vida oferecida à população. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), órgão da Organização das Nações Unidas (ONU), é responsável pela elaboração do relatório anual de IDH. O IDH é calculado com base em dados econômicos e sociais e vai de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Quanto mais próximo de 1, mais desenvolvido é o país. Este índice também é usado para apurar o desenvolvimento de cidades, estados e regiões. Veja o mapa abaixo com dados de 2017:



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%8Dndice_de_Developolvimento_Humano

Para um país ser considerado como desenvolvido são analisadas três variáveis: crescimento econômico, renda per capita e IDH. Já mencionamos os significados de crescimento econômico e de renda per capita, então vamos definir melhor o significado de IDH. Faz parte da composição do IDH diversas variáveis como: índice de analfabetismo, número de leitos por habitantes, saneamento, expectativa de vida ao nascer, etc.

O Brasil é considerado um país emergente, pois, apesar do crescimento, seu IDH é baixo e sua renda per capita é mal distribuída. Para melhorar seu desenvolvimento econômico o Brasil precisa melhorar a distribuição de renda per capita e seu IDH.



INDICAÇÃO DE VÍDEO

Crescimento Econômico

https://www.youtube.com/watch?time_continue=100&v=Gyp59XNmHqA

Você sabe o que é Desenvolvimento Humano?

<https://www.youtube.com/watch?v=UYF-s0BVR1g>



RESUMO DA UNIDADE

Proponho lembrar alguns conceitos que conhecemos na contabilidade nacional.

Não é raro ouvirmos falar em PIB não é mesmo!? As revistas também sempre abordam esse assunto. Então vamos lembrar que PIB é tudo aquilo que foi produzido dentro das fronteiras geográficas de uma nação. Por exemplo, o PIB pode ser representado da seguinte forma: Corresponde ao valor produzido em um país no período de um ano. Não leva em consideração se os recursos produtivos pertencem a residentes ou não-residentes do país.

Se o Brasil utiliza recursos produtivos que não pertencem aos residentes do país, a remuneração tem que ser enviada ao exterior. Existe também o caso em que os residentes do país possuem recursos produtivos no exterior, portanto, recebem renda advinda do exterior, como por exemplo, uma empresa construtora brasileira que esteja operando no exterior.

Você sabia que o PIB é o principal indicador utilizado para avaliar o tamanho e diversificação de uma economia!? O PIB ainda pode comparar o tamanho e evolução de uma economia com outra economia. Então, ele pode ser calculado da seguinte forma: Soma-se o consumo (C) com o investimento (I), os gastos governamentais (G) e as exportações (X), subtraindo as importações (M). Podemos simplificar a fórmula, ou seja:

$$\text{PIB} = C + I + G + (X - M) \text{ (ALMANAQUE ABRIL, 2007).}$$

O Produto Nacional Bruto (PNB) refere-se à renda que efetivamente pertence aos residentes do país. Sabe o motivo!? Se somarmos ao PIB à renda que é recebida do exterior e subtrairmos a renda que é destinada ao exterior, temos o PNB.

Podemos esquematizar que o $\text{PNB} = \text{PIB} + \text{renda recebida do exterior} - \text{a renda enviada ao exterior}$ (GARCIA, VASCONCELLOS, 2003). Sobre a renda líquida do exterior (RLEE), você lembra!? Refere-se à diferença entre a renda enviada e a recebida do exterior, ou seja, podemos esquematizar como $\text{PNB} = \text{PIB} + \text{RLEE}$.

Quanto a uma meta de política macroeconômica temos o crescimento econômico. Este corresponde ao aumento contínuo da renda per capita num determinado período de tempo. Significa que a produção disponível deve ser maior que o crescimento da população.

Já o desenvolvimento econômico está focado no bem-estar social, na qualidade de vida da coletividade. Espero que tenha ampliado seus conhecimentos no que diz respeito aos agregados econômicos, sua análise e comportamento, assim como também na área de

contabilidade social, na medição e definição desses agregados para o lançamento de instrumentos de políticas econômicas.

Espero que o entendimento dos fatos econômicos se torne mais compreensíveis daqui em diante.



UNIDADE VI

BALANÇA DE PAGAMENTOS



OBJETIVOS

Apresentar o tema balanço de pagamentos;

Analisar os impactos da balanço de pagamentos para a economia.

O QUE É BALANÇO DE PAGAMENTOS

O que é um Balanço de Pagamentos (BP)? A balanço de pagamentos de um país é o “registro sistemático das transações econômicas, durante um dado período de tempo, entre os seus residentes e os residentes do resto do mundo” (FMI).

Neste registro:

- direito = créditos
- obrigações = débitos

Os registros no BP são normalmente efetuados em dólares (US\$).



Como se divide a Balanço de Pagamentos?

Ela está dividida em quatro partes fundamentais:

A. Balanço de transações correntes

- Balança Comercial
- Serviços e Rendas
- Transferências Unilaterais

B. Conta capital e financeira

- Conta Capital
- Conta Financeira

C. Erros e emissões

D. Variações de reservas

Fonte: o autor

Veja abaixo o que cada componente do BP significa:

A. Balanço de transações correntes

- Transações de bens e serviços do país com o exterior

B. Conta capital e financeira

- Movimento de capital do exterior para o país.

C. Erros e omissões

- Acertos feitos no balanço.

D. Variações de reservas

- Transações compensatórias
- Equalizam débitos e créditos da balança

Fonte: o autor

$$BP = A + B + C$$

D – Não entra no cálculo do balanço de pagamento, pois serve apenas para aferir e equalizar créditos e débitos.

Depois que o poder público soma os três itens, o que se denomina “balança das transações correntes”, existe a necessidade de encontrar determinado equilíbrio para que o país não sofra déficit no PIB (Produto Interno Bruto). Nesse sentido, se o resultado for negativo, especialistas precisam encontrar formas macroeconômicas para conseguir tapar o buraco.



INDICAÇÃO DE VÍDEO

O vídeo sugerido para esta Unidade discute um tema muito interessante: o que é balança de pagamentos?

Veja a opinião do Óroma Investimentos sobre o tema e depois expresse sua opinião no Fórum Tira Dúvidas. Conto com sua participação!

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=Twz8XUEY4RY>

SALDO DA BALANÇA DE PAGAMENTOS

Nesse sentido, a soma das duas partes consiste no saldo da BALANÇA de pagamentos. Existe necessidade de cobrir os rombos que acontecem em termos de transações correntes. A nação corre atrás de possibilidades que se referem na Conta Capital. A grande problemática do ciclo econômico no gênero está no fato de ter que renumerar a entrada de

capital que acontece no país. Por exemplo, para ter maiores finanças em caixa o governo aumenta os juros e chama a atenção de investidores que colocam dinheiro e em determinado momento retiram junto com o bônus da Selic.

No ciclo econômico para as transações correntes serem fechadas sem prejuízos no final da temporada existe a necessidade de fornecer os financiamentos e por consequência rolar a dívida para o próximo ano, visto que os investidores devem recolher o dinheiro que investiram junto com os valores de juros.

Exemplo: Considere os seguintes dados referentes às transações de determinado país com o resto do mundo (em bilhões de dólares):





REFERÊNCIAS

- GREMAUD, Amaury Patrick et al. **Manual de introdução à economia**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- HUNT, E.K.. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- MCCONNELL, Campbell, R.; BRUE, Stanley L. **Microeconomia: princípios, problemas e políticas**. 14. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.
- PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandavol de. **Manual de economia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Economia: micro e macro**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; GARCIA, Manuel Enriquez. **Fundamentos de Economia**. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2003.
- VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; OLIVEIRA, Roberto Guena de. **Manual de microeconomia**. 2ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- DORNBUSCH, Rudiger; FISCHER, Stanley; BEGG, David. **Introdução à economia: para os cursos de administração, direito, ciências humanas e contábeis**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- GREMAUD, Amaury Patrick et al. **Manual de introdução à economia**. São Paulo: Saraiva, 2006.
- HUNT, E.K..**História do pensamento econômico:uma perspectiva crítica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.
- MANKIW, N. G. **Introdução à economia: princípios de microeconomia e macroeconomia**. Rio de Janeiro: Campus, 2001.
- MCCONNELL, Campbell, R.; BRUE, Stanley L. **Microeconomia: princípios, problemas e políticas**. 14.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.
- MENDES, Judas T. Grassi. **Economia: fundamentos e aplicações**. São Paulo: Prentice-Hall, 2004.
- MOCHON, F; TROSTER, R. F. **Introdução à economia**. São Paulo: Makron Books, 2002.

PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Manual de economia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

ROSSETTI, J. P. **Introdução à economia**. 19. ed. São Paulo: atlas, 2003.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Economia: micro e macro**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; GARCIA, Manuel Enriquez. **Fundamentos de Economia**. São Paulo: Saraiva, 2003.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; OLIVEIRA, Roberto Guena de. **Manual de microeconomia**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2000.

CANO, Wilson. **Introdução à Economia: uma abordagem crítica**. São Paulo: UNESP, 1998.
DIAZ, M. D. M. Monopólio. In: GREMAUD, A. P. et al. **Introdução à economia**. São Paulo: Atlas, 2007, p. 103-112.

DORNBUSCH, Rudiger; FISCHER, Stanley; BEGG, David. **Introdução à economia: para os cursos de administração, direito, ciências humanas e contábeis**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

GREMAUD, Amaury Patrick et al. **Introdução à economia**. São Paulo: Atlas, 2007

MANKIWI, N. Gregory. **Introdução à Economia: princípios de micro e macroeconomia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

MOCHON, F; TROSTER, R. F. **Introdução à economia**. São Paulo: Makron Books, 2002.

NUSDEO, Fábio; **Curso de Economia: introdução ao direito econômico**. 3 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S. de. **Manual de economia**. 4 ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

ROSSETTI, J. P. **Introdução à economia**. 19. ed. São Paulo: atlas, 2003.

PASSOS, Carlos Roberto Martins; NOGAMI, Otto. **Princípios de Economia**. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

TROSTER, Roberto Luis; MOCHÓN, Francisco. **Introdução à Economia**. São Paulo: Makron Books, 1999.

VASCONCELLOS, M. A. S.; GARCIA, M. E. **Fundamentos de economia**. São Paulo: Saraiva, 2003.

VICECONTI, Paulo Eduardo Vilchez; NEVES, Silvério das. **Introdução à Economia**. 4 ed. São Paulo: Frase, 2000.

WONNACOTT, Paul; WONNACOTT, Ronald. **Introdução à Economia**. São Paulo: Makron Books, 1985.

GREMAUD, Amaury Patrick *et al.* **Manual de introdução à economia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

HUNT, E.K. **História do pensamento econômico: uma perspectiva crítica**. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus, 2005.

MCCONNELL, Campbell, R.; BRUE, Stanley L. **Microeconomia: princípios, problemas e políticas**. 14ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 2001.

PINHO, Diva Benevides; VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Manual de economia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. **Economia: micro e macro**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; GARCIA, Manuel Enriquez. **Fundamentos de Economia**. 1ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de; OLIVEIRA, Roberto Guena de. **Manual de microeconomia**. 2ed. São Paulo: Atlas, 2000.

ALMANAQUE ABRIL. **Economia: conceitos e dados para entender o mundo do dinheiro e dos negócios**. 33 ed. [s.l.] : Abril, 2007.

CANO, Wilson. **Introdução à Economia: uma abordagem crítica**. São Paulo: UNESP, 1998.

MANKIWI, N. Gregory. **Introdução à Economia: princípios de micro e macroeconomia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

NUSDEO, Fábio; **Curso de Economia: introdução ao direito econômico**. 3 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

PASSOS, Carlos Roberto Martins; NOGAMI, Otto. **Princípios de Economia**. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. 18 ed. São Paulo : Atlas, 2000.

TROSTER, Roberto Luis; MOCHÓN, Francisco. **Introdução à Economia**. São Paulo: Makron Books, 1999.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval; GARCIA, Manuel Henriquez. **Fundamentos de Economia**. São Paulo: Saraiva, 2003.

VICECONTI, Paulo Eduardo Vilchez; NEVES, Silvério das. **Introdução à Economia**. 4 ed. São Paulo: Frase, 2000.

WONNACOTT, Paul; WONNACOTT, Ronald. **Introdução à Economia**. São Paulo: Makron Books, 1985.

ALMANAQUE ABRIL. **Economia**: conceitos e dados para entender o mundo do dinheiro e dos negócios. 33 ed. [s.l.] : Abril, 2007.

CANO, Wilson. **Introdução à Economia**: uma abordagem crítica. São Paulo: UNESP, 1998.

MANKIWI, N. Gregory. **Introdução à Economia**: princípios de micro e macroeconomia. 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

NUSDEO, Fábio; **Curso de Economia**: introdução ao direito econômico. 3 ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2001.

PASSOS, Carlos Roberto Martins; NOGAMI, Otto. **Princípios de Economia**. 4 ed. São Paulo: Pioneira, 2002.

ROSSETTI, José Paschoal. **Introdução à Economia**. 18 ed. São Paulo : Atlas, 2000.

TROSTER, Roberto Luis; MOCHÓN, Francisco. **Introdução à Economia**. São Paulo: Makron Books, 1999.

VASCONCELLOS, Marco Antônio Sandoval; GARCIA, Manuel Henriquez. **Fundamentos de Economia**. São Paulo: Saraiva, 2003.

VICECONTI, Paulo Eduardo Vilchez; NEVES, Silvério das. **Introdução à Economia**. 4 ed. São Paulo: Frase, 2000.

WONNACOTT, Paul; WONNACOTT, Ronald. **Introdução à Economia**. São Paulo: Makron Books, 1985.